

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

DIEGO DE MELO OLIVEIRA

**PAISAGEM, LUGAR, MEMÓRIA E IMAGEM:
DO DISTRITO DE PINHALÃO À CIDADE DE FAROL - PR**

MARINGÁ
2019

DIEGO DE MELO OLIVEIRA

**PAISAGEM, LUGAR, MEMÓRIA E IMAGEM:
DO DISTRITO DE PINHALÃO À CIDADE DE FAROL - PR**

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Geografia, sob a linha de pesquisa Produção do Espaço e Dinâmicas Territoriais.

Orientador: Prof. Dr. Henrique Manoel da Silva

MARINGÁ
2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

O48p

Oliveira, Diego de Melo

Paisagem, lugar, memória e imagem : do distrito de Pinhalão à cidade de Farol - PR /
Diego de Melo Oliveira. -- Maringá, PR, 2019.
135 f.: il. color.

Orientador: Prof. Dr. Henrique Manoel da Silva.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2019.

1. Espaço urbano - Farol (PR) - 1950-2010. 2. Fotografias - Fontes históricas - Farol (PR). 3. História oral - Farol (PR). 4. Espaço geográfico. I. Silva, Henrique Manoel da , orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Geografia. Programa de Pós-Graduação em Geografia. III. Título.

CDD 23.ed. 918.162

**PAISAGEM, LUGAR, MEMÓRIA E IMAGEM: DO DISTRITO DE PINHALÃO À
CIDADE DE FAROL – PR**

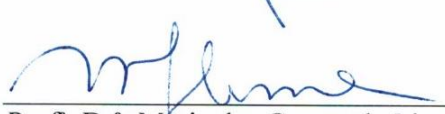
Dissertação de Mestrado apresentada a Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Geografia, área de concentração: Análise Regional e Ambiental, linha de pesquisa: Produção do Espaço e Dinâmicas Territoriais

Aprovada em **27 de março de 2019.**

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Henrique Manoel da Silva
Orientador - UEM



Profª. Drª. Maria das Graças de Lima
Membro convidado - UEM



Prof. Dr. Jorge Pagliarini Junior
Membro convidado - UNESPAR

Dedico este trabalho a minha mãe Joana.

AGRADECIMENTO

A minha mãe, exemplo de mulher forte e guerreira, sempre me incentivando e apoiando em todas as situações.

Ao meu irmão, pela força e compreensão.

Ao meu pai, pela preocupação.

Ao meu Avô (in memoriam), que despertou em mim a força do sentimento pelo lugar.

Ao meu tio Zé Carlos (in memoriam), pela simplicidade, demonstrações de carinho e paixão pelas casas de madeiras.

Ao meu amigo Paulo Junior Semiguem (in memoriam), pelas boas conversas e parceria, que infelizmente partiu fora do combinado.

A todos os entrevistados, que de forma acolhedora me receberam sempre muito bem e compartilharam suas memórias.

Aos meus compadres e comadres, (da qual acho a palavra engraçada, mas é carregada de sentimento bom) que depositaram a confiança e acreditaram em mim.

Ao João Paulo, pela hospitalidade em que tantas vezes me recebeu em sua casa e veio até minha para boas conversas e ajuda, amigo que sempre pude contar.

A Elisa, pelas voltas na cidade, pela edição das fotografias, pelas conversas e reflexões.

Ao Emerson, Evandro, Cleyton e Eventon, grandes amigos e afilhados.

Ao Padre Denis, David, Claudecir, Renato, Nicolas, Du, André, Sara, Andressa, Marlon e Messias obrigado pela amizade.

Ao Felipinho e Alexandre, pela hospitalidade, pelas leituras e trocas de ideias.

Aos meus Professores das series iniciais, ensino fundamental e médio, Professora Gessi, Professora Glorinha, Professor Adelar, Professor João Carlos, Professora Fátima, Professora Ivonete.

Ao Professor Edson, pelas correções e pelas ótimas conversas.

À Professora Dr.^a Aurea Andrade Viana de Andrade, pelo constante incentivo e pelas conversas que me proporcionaram amadurecimento acadêmico e profissional.

À Professora Me. Larissa Donato, pelo apoio durante as aulas de estagio à docência.

Aos Professores Dr. Fabio Rodrigues da Costa, Dr. Marcos Bovo, pelas leituras e contribuições.

À Professora Dr.^a Maria das Graças, pelo empréstimo de material, pelas ideias e sugestões.

À Mirian, sempre esclarecendo dúvidas.

À Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pela bolsa estudo concedida.

Em especial ao Professor Dr. Henrique Manoel da Silva, orientador da pesquisa, pela paciência, confiança e ensinamentos.

“Nada é mais real
Que aprender maneira simples de viver
Tudo é tão normal
Se a gente não se cansa nunca de aprender
Sempre olhar como se fosse a primeira vez
Se espantar como criança a perguntar por quês?”

“Maneiras Simples”, Almir Sater

RESUMO

Esta pesquisa objetiva analisar e interpretar as transformações ocorridas no espaço urbano da cidade de Farol-PR entre 1950 e 2010, por intermédio de fotografias, pesquisa bibliográfica e de campo junto aos primeiros moradores do município, a fim de refletir as mudanças ocorridas com o passar do tempo. Marcada por um intenso declínio demográfico, em meio a inúmeras mudanças, a pequena cidade de Farol-PR apresenta desde os primórdios de sua formação até os dias atuais, uma estreita proximidade com a área rural, refletida na sua paisagem, organização espacial e nas relações sociais. Assim, por meio dos pequenos gestos, práticas simples e por vezes inconscientes, seus moradores mantêm viva a memória do lugar. Como procedimento metodológico foram coletadas fotografias antigas, e realizados novos registros fotográficos de pontos primordiais da cidade como ruas, estabelecimentos comerciais, moradias e escolas que fazem parte da história do município. Simultaneamente, realizaram-se entrevistas orais com o intuito de ampliar as informações, corroborando o presente estudo. A junção dessas informações e das histórias de vida dos habitantes antigos, intermediado por imagens, possibilitou a obtenção de dados relevantes e singulares sobre a formação urbana do município.

Palavras-chave: Espaço Geográfico; Memória; Pequena cidade.

ABSTRACT

This research aims to analyze and interpret the transformations that occurred in the urban space of the city of Farol-PR between 1950 and 2010, through photographs, bibliographical and field research with the first inhabitants of the city, in order to reflect the changes that occurred with the passage of time. Marked by an intense demographic decline, in the midst of numerous changes, the small town of Farol-PR presents since the beginnings of its formation to the present day a close proximity to the rural area, reflected in its landscape, spatial organization and social relations. Thus, through the small gestures, simple and sometimes unconscious practices, its inhabitants keep alive the memory of the place. As a methodological procedure, old photographs were collected, and new photographic records were made of primordial points of the city such as streets, commercial establishments, houses and schools that are part of the history of the city. Simultaneously, oral interviews were conducted with the purpose of expanding the information, corroborating the present study. The junction of this information and the life histories of the ancient inhabitants, mediated by images, made it possible to obtain relevant and singular data about the urban formation of the city.

Keywords: Geographic Space; Memory; Small town.

LISTA DE FOTOS

Foto 1 - Serraria Vitória, década de 1960	56
Foto 2 - Propriedade de Sr. Roque Pinto, área rural do distrito de Pinhalão, 1966. .	58
Foto 3 - Pioneiro conduzindo carroção em Farol-PR, 1960	70
Foto 4 – Carroção conduzido por produtor na área rural de Prudentópolis-PR, 2018	71
Foto 5 - Família juntamente com suas "criações", 1951	76
Foto 6 - Primeiro posto de combustível, 1960	77
Foto 7 – Comício no Distrito de Pinhalão, 1976.....	80
Foto 8 - Casa Santa Rosa Comercio em Geral, Santos e Silva, 1960.....	81
Foto 9 - Corrida em frente à Igreja Matriz, 1980	82
Foto 10 - Fogueira construída para festa de Santo Antonio, 1980	83
Foto 11 - Missa ao ar livre, 1981	83
Foto 12 - Avenida Paraná, 1960	84
Foto 13 - Combinação passado-presente, Av. Paraná, década de 1950	95
Foto 14 - Comparativo passado-presente, Av. Paraná, década de 1950	96
Foto 15 - Combinação passado-presente, Casa Santa Rosa, década de 1960	97
Foto 16 - Comparativo passado-presente, Casa Santa Rosa, década 1960	98
Foto 17 - Comparativo passado-presente, Posto de combustível, década de 1960.	99
Foto 18 - Escola Afonso Botelho, década de 1960	100
Foto 19 - Combinação passado-presente, Comício, década de 1970	101
Foto 20 - Comparativo passado-presente, Comício, década de 1970.....	102
Foto 21 - Comparativo passado-presente, Corrida em frente à Igreja, década de 1980	103
Foto 22 - Comparativo passado-presente, Corrida em frente à Igreja, década de 1980	104
Foto 23 - Fogueira de Santo Antônio, década de 1980	105
Foto 24 – Combinação passado-presente, Benção dos automóveis, Av. Paraná, década de 1980.....	106
Foto 25 - Benção dos automóveis, Av. Paraná, década de 1980	107
Foto 26 - Combinação passado-presente, Subprefeitura, década de 1990.....	108
Foto 27 - Comparação passado-presente, Subprefeitura, década de 1990	109
Foto 28 - Criação de galinhas e casa fogão a lenha.....	112

Foto 29 - Quintal com presença de bananeiras, galinheiros e lenhas	112
Foto 30 - Quintal com presença de forno a lenha.....	113
Foto 31 - Quintal com presença de fogão a lenha, plantação de mandioca e abobora	113
Foto 32 - Quintal com presença de fogão a lenha	114
Foto 33 - Quintal com presença de mandioca, quiabo e bananeiras.....	114
Foto 34 - Quintal com presença de mandioca, abobora e cana de açúcar.....	115

LISTA DE FIGURAS, TABELAS, QUADROS E GRAFICOS

Figura 1 - Contribuição por rede social.....	49
Figura 2 - Mapa da Mesorregião Centro-Occidental Paranaense	53
Figura 3 - Brasão do município de Farol	64
Figura 4 - Mesorregião Centro-Occidental Paranaense com enfoque de Farol - PR .	66
Figura 5 - Uso da terra nas décadas de 1960 a 2006 na microrregião geográfica de Campo Mourão.....	78
Figura 6 - Perímetro urbano de Farol – PR	90
Figura 7 - Mosaico de fotos áreas vista parcial do espaço urbano de Farol.....	91
Figura 8 - Mosaico de fotos áreas vista total do espaço urbano de Farol	92
Figura 9 - Mosaico do site faroletiando.....	133
Figura 10 – Mosaico de álbum em rede social	134
Tabela 1 - População e área dos municípios da Mesorregião Centro Occidental Paranaense.....	54
Tabela 2 - População rural e urbana da microrregião geográfica de Campo Mourão – 1970/2010	68
Gráfico 1 - População total, urbana e rural de Farol.....	67
Gráfico 2 - Numero de Estabelecimento Agropecuário 0-10 ha, Farol-PR.....	72
Gráfico 3 - Numero de Estabelecimento Agropecuário 0-10 ha, Campo Mourão-PR	73
Quadro 1 - Toponímia dos municípios da Mesorregião Centro-Occidental.....	65

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPITULO 1 – A PAISAGEM, O LUGAR E A CIDADE	18
1.1 A Paisagem Percebida	18
1.2 O Lugar Vivido.....	25
1.3 A Pequena Cidade entre o Rural e o Urbano	32
CAPITULO 2 – MEMORIA, IMAGEM E HISTÓRIA ORAL	42
2.1 “Eu lembro que nem hoje”	42
2.2 A imagem Fotográfica	45
2.3 O caminho trilhado na pesquisa	48
CAPITULO 3 – DO DISTRITO DE PINHALÃO À CIDADE FAROL – PR	52
3.1 “Sou antigo aqui. Quando cheguei aqui era só mato”	52
3.2 “As coisas mudam e o povo também, né?!” Antes de Farol: Ocupação e Colonização da Mesorregião.....	59
3.3 Paisagem, Tempo e Lugar: “Não tem mais volta, não adianta que acabou”	63
Área Rural: “É assim que eu vivia com meus filhos lá na roça”.....	69
Área Urbana: “A cidade é bom também”	79
3.4 “Farol parou no tempo”	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
REFERÊNCIAS	120
FONTES ICONOGRÁFICAS DE ÉPOCA	128
FONTES ORAIS	128
APÊNDICE	130
ANEXOS	135

INTRODUÇÃO

Uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu (BOSI, 2003, p.199).

“Uma cidade que parou no tempo”. Um viajante curioso, ao passar pela avenida da pequena cidade, puxa a cortina do ônibus e pergunta: Que lugar é esse? Alguém prontamente responde, esta é Farol, uma cidade que parou no tempo. Diante de tal expressão, há de se pensar que estudos e registros sobre esta localidade são variados e densos, mas é justamente ao contrário.

Assim nasce nossa motivação por esta pesquisa, vivendo nesta cidade desde o nascimento até os dias atuais, nos interessamos por conhecê-la melhor. É uma situação um pouco delicada, pois o espaço estudado é ao mesmo tempo o lugar vivido pelo pesquisador, sendo necessário muita atenção e cautela, para não sermos conduzidos a realizar uma análise de glorificação do passado em detrimento do presente.

Durante o período de graduação, como acadêmico realizamos uma pesquisa de iniciação científica com o objetivo de compreender a influência dos descendentes de ucranianos no processo de colonização do município de Farol-Pr. Como fruto desta pesquisa há dez anos, resultou-se na construção de um banco de dados com fotografias e entrevistas com antigos moradores da pequena localidade. Sabíamos da urgência e da necessidade em registrar a memória, o tempo e o espaço.

Por se tratar de uma colonização relativamente recente, mesmo que em pequeno número, as primeiras pessoas que chegaram nesse lugar ainda estão vivas. Infelizmente, desde que iniciamos esse resgate, alguns dos entrevistados, dos quais pretendíamos retornar para levantar mais informações, faleceram.

Desde já, é importante enfatizar que quando utilizamos o termo “primeiros moradores”, estamos nos referindo aos colonizadores da recente ocupação iniciada após 1940, pois já existem estudos que comprovam a presença indígena na região onde se localiza o município, não sendo então um território desabitado e inóspito como muitos afirmam. Não negligenciaremos este fato, mas o recorte temporal se faz necessário.

Esta pesquisa à qual nos dedicamos tem como objetivo geral compreender o processo de formação e transformação da cidade de Farol no Estado do Paraná, no período de 1950 – 2010 pelo viés de seus habitantes.

Considerando que na pesquisa se propôs a estudar o processo de formação e transformação da paisagem por meio da memória e da fotografia, os objetivos específicos que representaram o caminho para se chegar às respostas do objetivo geral foram:

- Realizar uma contextualização dos conceitos geográficos chaves para a pesquisa: paisagem e lugar;
- Registrar memórias de moradores antigos por meio de relato oral e das fotografias da época;
- Fazer um resgate histórico da área estudada e identificar as manifestações das ruralidades no urbano do município de Farol;
- Apresentar um comparativo entre fotografias antigas e atuais dos principais pontos da cidade.

Nossa hipótese inicial é de que há na pequena cidade de Farol uma estreita relação entre o rural e o urbano, que pode ser percebida na paisagem e até mesmo no modo de vida da população. Dessa maneira, nosso problema é entender: Como era o viver na cidade? Como se vive hoje? O que mudou? De que forma o modo de vida rural se apresenta no espaço urbano?

Para responder a estas indagações e alcançar o objetivo proposto, o procedimento metodológico se pautou em relacionar fotografias a entrevistas, estas últimas por meio da história oral. Realizaremos um resgate histórico por meio da memória, explorando os relatos orais e as fotografias tendo em vista o fenômeno rural-urbano que configura a realidade do município periférico de Farol, abordando a presença marcante das ruralidades na pequena cidade.

Portanto, nossa metodologia fundamentou-se no entrecruzamento de fontes, em razão de utilizarmos fotografia antigas, atuais e aéreas. As imagens fotográficas do passado auxiliaram de vários modos: como facilitador e despertador de lembranças e para melhor perceber as mudanças ocorridas na paisagem, visto que quando aplicadas o comparativo e mescla entre imagens do passado com as do presente, dá-se o contraste, colocando em evidência as transformações ocorridas no espaço geográfico.

Como complemento, incorporamos ainda imagens aéreas, realizadas por drone, o qual facilitou a identificação das permanências rurícolas no meio urbano, possibilitando ainda perceber que embora a população tenha reduzido de forma significativa, ainda continua a viver e manter vivas as suas lembranças.

A justificativa para realização desse estudo está na necessidade de entender e registrar a “memória da pequena cidade”. Esperamos que esta pesquisa possa contribuir para melhor compreensão do processo de formação e transformação das pequenas localidades no estado do Paraná, especialmente na mesorregião centro ocidental paranaense.

Embora não seja nossa proposta realizar uma pesquisa comparativa, este trabalho não se resume em um simples estudo de caso, pois visamos preocupações maiores com o significado de memória e pequena cidade. Portanto, acreditamos que a dedicação empenhada nessa dissertação irá contribuir para o entendimento da realidade, bem como proporcionar condições de perceber semelhanças e diferenças de outras pequenas localidades.

Deste modo, esta pesquisa se propõe a estudar áreas urbanas fortemente influenciadas por costumes e valores rurais, observando as características que permaneceram nas cidades. Tem ainda como finalidade demonstrar as ruralidades influenciando na organização do espaço urbano de um pequeno município. Ressaltamos que a pesquisa está sendo desenvolvida pelo viés do modo de vida, mas questões relacionadas à perda de centralidade e de funções urbanas e ao esvaziamento populacional serão essencialmente abordadas.

Por conseguinte, embasaremos o presente estudo utilizando os seguintes conceitos geográficos: Paisagem e Lugar. Primeiramente, vale ressaltar que não estabeleceremos uma hierarquia entre os conceitos, sendo que nenhum conceito é mais importante do que o outro. A ordem de abordagem é somente uma forma didática de apresentar as categorias utilizadas.

O conceito que utilizaremos para embasar esta pesquisa é o de paisagem. Tal categoria de análise é de grande importância, pois por meio dela, será possível nos aproximar da complexidade do espaço geográfico em um determinado momento de sua transformação. E, como pretendemos trabalhar além das trajetórias e experiências, mas também abordar as paixões, os sentimentos, e a afetividade pelo local onde se habita, o conceito de lugar também será abordado.

Posto os conceitos geográficos basilares deste estudo, também é importante que deixemos claro o método norteador que utilizamos. Atualmente, os métodos científicos em destaque que têm sido recorrentes na pesquisa em Geografia são: o hipotético-dedutivo, fenomenológico e dialético. No entanto, manteremos nossa atenção ao método fenomenológico, buscando na Geografia Cultural e Humanista nossa

fundamentação. Devido à nossa opção em trabalhar com memória e percepção para compressão do espaço, ao decorrer do trabalho explicaremos melhor esta escolha.

Muito se fala sobre grandes cidades, metrópoles, cidades históricas, mas será que a pequena localidade não tem passado? Compreender o processo de formação e transformação desses lugares não é importante devido à sua baixa densidade demográfica?

Para compreender todo esse processo de transformação do espaço urbano, numerosos estudos têm sido realizados sobre a temática de pequenas cidades, porém longe de ter sido esgotado, ainda mais ao se tratar de um país de grandes dimensões como o Brasil.

De acordo com Fresca (2013), o entendimento sobre estes núcleos urbanos é essencial para a compreensão do Estado do Paraná, já que este tem predomínio absoluto e relativos de municípios cujas sedes são pequenas cidades.

Até recentemente, era comum iniciar um trabalho sobre pequenas cidades, salientando que o assunto era pouco estudado. Realmente as pesquisas sobre pequenas cidades ainda permanecem à margem do interesse do pesquisador brasileiro, no entanto, atualmente nos deparamos com uma produção científica considerável, porém longe de ser suficiente. Os estudos ainda permanecem insuficientes sobre muitas temáticas, e uma das insuficiências é sobre a questão da memória das pequenas cidades, pois essas localidades em sua grande parte não dispõem de trabalhos científicos voltados para a preservação do passado.

Dessa forma, remetemo-nos à ideia de Bosi (2003) citada inicialmente nesta introdução, de que “uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu”.

A pesquisa está estruturada em três capítulos. No primeiro, abordamos conceitos geográficos basilares dessa pesquisa, como o de paisagem e o de lugar. Estudamos a paisagem urbana relacionando com a pequena cidade, destacando a percepção e as influências das ruralidades na configuração espacial.

No segundo capítulo, apresentamos noções sobre memória, história oral e fotografia, explicando os procedimentos metodológicos de pesquisa utilizados e descrevemos os caminhos percorridos.

O terceiro capítulo é dedicado para contextualizar o processo de ocupação do Paraná, mais especificamente a mesorregião centro ocidental paranaense, abordando como se deu o fenômeno da urbanização em comunidades rurícolas, utilizando-se do

caso do pequeno e periférico município de Farol como estudo de caso, a partir da narrativa histórica sobre a sua constituição e destarte o resgate de sua memória.

O resgate histórico da espacialidade dos eventos ocorridos por meio da memória será feito por intermédio de fotografias da época e dos relatos orais colhidos, possibilitando com isso a preservação dessa mesma memória. Após essas abordagens, a pesquisa adquire uma dimensão empírica, em que o pesquisador interage com o objeto de estudo, apresentando-se, assim, os resultados do trabalho de campo.

Com base nos resultados empíricos, demonstramos como o espaço urbano de Farol mantém uma estreita relação com o rural, apontando a presença concreta e simbólica nesse pequeno e periférico município.

Desta forma, amparado teoricamente pelo entendimento de paisagem, lugar, memória, e fotografia, esse trabalho constitui-se em um resgate da memória da pequena cidade o qual pretende demonstrar que um espaço é construído e configurado por meio das ações e valores dos que nele vivem, ou seja, nos modos de vida da população. Espera-se que com esse estudo possamos alcançar um diálogo entre outros pesquisadores que se dedicam ao entendimento de formação e modificações de pequenas localidades.

CAPITULO 1 – A PAISAGEM, O LUGAR E A CIDADE

1.1 A Paisagem Percebida

*“A paisagem urbana é o resultado da geografia e da história”
(OLIVEIRA, 2017, p.175).*

Inicialmente, este capítulo se constitui numa breve discussão em que abordaremos, para o desenvolvimento deste trabalho, noções acerca do conceito de paisagem. O entendimento desse conceito é essencial, pois oferece subsídios teóricos antes de adentrarmos na compreensão da formação e transformação do espaço da pequena cidade de Farol.

Olivier Dullfus (2012), geógrafo francês, ao analisar o texto “Paisagem Marca, Paisagem-Matriz: Elementos da Problemática para uma Geografia Cultural”, do renomado Augustin Berque, salienta que concorda globalmente com tudo o que fora escrito, mas faria algumas observações, e ao iniciar a primeira, afirma: “ A paisagem é um conceito impreciso e deve permanecer-lo”.

Desse modo, o esforço aqui empenhado não foi apresentar uma resposta simples e fácil do que é paisagem, pois seria muito bom se conseguíssemos uma definição acertada e incontestável que colocasse um fim à imprecisão desse conceito. No entanto, buscaram-se algumas aproximações fundamentadas em geógrafos humanistas de base fenomenológica, o que não quer dizer que a Geografia Cultural será descartada.

Desta forma, os subsídios para o conceito de paisagem estão amparados nos escritos de geógrafos e geógrafas, como: Livia de Oliveira, Yi-Fu Tuan, David Lowenthal, Roberto Lobato Corrêa, Zeny Rosendahl, Carl O. Sauer, Pierre Monbeig, Augustin Berque, Denis Cosgrove, Paul Claval entre outros autores.

Segundo Oliveira (2017), estudos de percepção da paisagem em geografia têm despertado interesse cada vez maior entre os pesquisadores preocupados com a metodologia dessa disciplina. Estudiosos como Yi-Fu Tuan, Carl Sauer e seu ex-aluno David Lowenthal estão entre os geógrafos que se dedicaram em mudar os rumos da geografia cultural:

A paisagem sempre esteve intimamente ligada na geografia humana, com a cultura, com a ideia de formas visíveis sobre a superfície da Terra e com sua composição. A paisagem de fato é uma maneira de ver, uma maneira de compor e harmonizar o mundo externo em uma cena, uma unidade visual (COSGROVE, 2012, p. 223).

Pode-se verificar que, em toda a sua história, a geografia sempre incorporou em seus objetivos os estudos da paisagem¹. Na Antiguidade clássica, tais estudos faziam-se presentes com as descrições de lugares. Da mesma forma, durante as Grandes Navegações, que ampliaram o horizonte geográfico, a preocupação com a paisagem era fundamental para enriquecer os relatos das descobertas. Na geografia do século XIX e da primeira metade do século XX, como a ênfase era dada aos estudos de lugares ou regiões, atribuía-se grande importância à análise da fisionomia, ou seja, ao estudo das paisagens (OLIVEIRA, 2017, p. 161).

Porém, a partir dos anos 1940 a geografia norte-americana passou a se dedicar aos estudos quantitativos e o termo paisagem foi substituído por região (RISSO,

¹ A paisagem surge na pintura em consequência da ruptura com a visão teológica medieval, integrando-se numa série de acontecimentos que vão dar corpo ao projeto da Modernidade. Por herança da estética naturalista do romantismo a paisagem ocupa lugar proeminente na geografia. Tanto é interpretada como uma porção da superfície da terra, como se refere aos seus aspectos visíveis. (SALGUEIRO, 2001. p. 37)

2008). E foi apenas no início da década de 1970, entretanto, que sua importância foi redescoberta a partir das discussões verificadas em trabalhos de geógrafos sobre a revisão de conceitos e métodos utilizados pela Nova Geografia nos estudos de análise sistêmica, em que era vista como um geossistema, e aos ligados à percepção do meio ambiente que é sustentado pela Geografia Humanística (OLIVEIRA, 2017; RISSO 2008).

De acordo com Lindner (2011, p. 39), a percepção torna-se um instrumento muito importante para a Geografia Humanista, em especial para a Geografia Cultural nos anos 1980, a qual se utiliza dela para tentar compreender a paisagem simbólica. A paisagem simbólica representa uma abstração da cultura e sentimentos, não estando nela contida apenas a materialidade da cultura e da natureza, mas uma série de elementos e valores de uma sociedade implícitos nas representações visíveis da paisagem.

Neste sentido, Oliveira (2017, p. 163) escreve que “desde séculos eles nos inspiram curiosidade e respeito e, na maioria das vezes, sua composição ou arranjos nos tem sido motivo de prazer”. Movidos por esta curiosidade de séculos que ainda não se esgotou, e acreditamos que não se esgotará devido à constante transformação do mundo e seus objetos, é que ingressamos nessa jornada de entender a paisagem da pequena cidade de Farol.

Fazem-se presentes em nosso planeta inúmeros objetos que não são criações humanas, como matas, rochas, flores, morros e diversas outros que articulam com criações do homem elaboradas com o passar do tempo. Esses objetos criados pelo homem não são só um amontoado de matéria, mas carrega em si inúmeros significados, estando presentes nele cores, odores, sons e movimento.

Ao termo paisagem são atribuídas várias concepções. Para alguns, a paisagem significava a expressão concreta de uma área, isto quer dizer, objetos materiais; já para outros, o termo é sinônimo de área (OLIVEIRA, 2017, p. 163).

Não é nossa pretensão resolver a questão do real significado do termo paisagem, até porque, de acordo Holzer (1998, p. 53) que dedicou uma tese inteira sobre paisagem e lugar, “há quase um século geógrafos e outros cientistas discutem a validade teórica, as implicações e as abrangências do termo (paisagem).”

Uma linha de pensamento adotada por Oliveira (2017) que nos propomos a seguir define a paisagem a partir da consideração de um espaço subjetivo, sentido e vivido, um espaço de cada ser humano, um espaço individualizado. Segundo a autora,

esta abordagem tem sido recorrente entre sociólogos, psicólogos, arquitetos e cada vez mais por geógrafos. Em geral, os autores vêm trabalhando mais pela solução de problemas de reestruturação da paisagem cotidiana a partir da análise da conduta de indivíduos e de coletividades.

Machado (1988) também propõe uma paisagem muito próxima da ideia de Oliveira (2017), em que os indivíduos estabelecem vínculos afetivos com o meio ambiente, tornando o lugar em que vivem especial, ainda que estabeleçam intensidades e afinidades variadas. Não é um simples lugar, um lugar qualquer. Essa paisagem está relacionada a uma interação entre os moradores do lugar.

Como a ideia inicial da presente pesquisa é articular a geografia com a história, aproximarmos-nos-emos também daquilo que o estudioso da paisagem, o norte-americano John Brinckerhoff Jackson, propõe como paisagem:

É assim que deveríamos considerar as paisagens: não somente em função de sua aparência ou de sua conformação a tal ou tal ideal estético, mas também de acordo com sua maneira de satisfazer as necessidades elementares como a de dividir algumas de suas experiências sensoriais numa situação familiar: canções populares, pratos populares, uma espécie particular de clima que supostamente não se encontra em nenhuma outra parte, um esporte ou jogo especial, que só se praticaria naquele lugar. Estas coisas que nos lembram do que nós somos, ou que vimos, de um lugar particular: um país, uma cidade, um bairro. Uma paisagem deveria estabelecer um laço entre as pessoas, o laço que cria a língua, as maneiras, a prática do mesmo tipo de trabalho ou de lazer, mas sobretudo uma paisagem deveria conter o tipo de organização espacial que favorecesse essas experiências e essas relações: espaços para se reunir, para celebrar, e espaços para a solidão, espaços que não mudam nunca e permanecem sempre tal como a memória os pinta para nós. São estas algumas características que dão a uma paisagem seu lado único, que lhe dão um estilo, e que fazem com que nos lembremos delas como emoção (JACKSON, 2005, p. 42).

Levando em consideração a linha de pensamento que optamos por seguir, não temos como falar de paisagem sem falar de percepção, pois a paisagem se define como um espaço percebido. Em conformidade com Oliveira (2017, p. 166), “na percepção da paisagem, o sujeito não se limita a receber passivamente aos dados sensoriais, mas os organiza para lhes dar um sentido. A paisagem percebida é, portanto, também construída e simbólica”.

Nesse sentido:

Através da percepção visual, o homem apreende a paisagem, que se define basicamente pelo contato direto, atual e imediato que o sujeito (o observador) tem com o objeto (a paisagem). Portanto, avaliar uma paisagem implica fenômeno perceptivo, que não pode ser estudado como um evento isolado, nem pode ser isolável da vida cotidiana das pessoas (MACHADO, 1988, p. 40).

Devemos olhar as paisagens com a perspectiva da História, como reflexo de valores sociais e padrões culturais, como expressão de maneiras de viver, como paisagem social e política.

Assim, os caminhos da experiência nos permitem pensar sobre a história e realidade da formação e organização dos espaços, e questionarmos o porquê de uma determinada paisagem se apresentar da seguinte forma, as mudanças ou as permanências de determinados elementos, os fatores culturais e históricos impregnados no simbólico dos lugares (LINDNER, 2011, p. 42).

Besse (2014) comenta que a paisagem está presente na vida de cada ser, ou seja, entender e fornecer subsídios para que se compreenda a paisagem é profundamente necessário, pois o que está envolvido é o valor de nossa vida, em nossa maneira de estar no mundo e de habitá-lo.

Nessa mesma linha de pensamento, Santos (2004), ao abordar a interação de objetos naturais e objetos sociais, define a paisagem como resultante de um processo histórico, em outras palavras, de acumulação de tempos. Segundo Oliveira (2017), “o prisma deve ser o que define o homem como parte da paisagem, não distante dela, a paisagem é assim humanizada”.

Sabendo, então, que a paisagem não é algo desassociado das vidas humanas, ao contrário, está diluído na própria paisagem, levantamos outras questões. Existe uma preocupação em preservar a paisagem da cidade de Farol? Será que para os integrantes desta paisagem isso é importante? Será que é possível entender a paisagem da pequena localidade?²

² Cosgrove (2012, p. 228) salienta que todas as paisagens possuem significados simbólicos porque são produtos da apropriação e da transformação do meio ambiente pelo homem. O simbolismo é mais facilmente percebido nas paisagens mais elaboradas como grandes cidades [...] mas pode ser lido nas pequenas cidades, paisagens rurais e até nas aparentemente não humanizadas paisagens do meio ambiente natural.

Salienta Besse (2014) que não pode haver uma verdadeira consideração do bem-estar paisagístico se não existe, previamente, um gosto pela paisagem, mais precisamente, se não há em nós uma espécie de disposição favorável, positiva, em relação às paisagens. Desta forma, Oliveira, (2017, p. 163) argumenta que “essa posição transcende o interesse pelo estudo das relações entre o homem e o meio ambiente e propõe estudo das relações do homem com o mundo e do homem com o homem por meio das análises das paisagens”.

Assim, é esperado que a definição de paisagem tenha sido clarificada, pois o foco do presente trabalho manter-se-á próximo de tal conceito, assim como a paisagem não deve se afastar da existência da vida.

Não é nossa proposta nos aprofundarmos sobre todas as dimensões sensoriais (sonoras, táteis, olfativas, visuais) que nos possibilitam interagir no mundo, porém não podemos nos limitar às concepções visuais ao tratar de paisagem, pois estaríamos negligenciando outras maneiras de perceber os objetos que nos cercam.

Livia de Oliveira (1972;1 977a) evidencia que o meio ambiente é tudo que rodeia o homem, quer como indivíduo, quer como grupo, e dessa forma, o meio ambiente não é apenas composto de cores, formas e extensões, mas também de sons, odores e sensações. Desse modo, necessitamos de todos os nossos sentidos para comunicarmos com o mundo que nos rodeia, uns sentidos suprimindo os outros, uns se destacando sobre os outros.

Como pretendemos apresentar as ruralidades presentes nas pequenas cidades, o cantar do galo, o cheiro do fogão a lenha deve ser levado em conta, pois são reveladores e permitem também entender a paisagem.

Oliveira (2017), partindo do pressuposto de que a percepção é uma atividade presente na vida das pessoas, conclui que seu estudo, por meio de uma abordagem perceptiva, pode fornecer entendimentos sobre as relações do homem com o meio ambiente, e insiste na necessidade de saber como as pessoas veem o mundo em que vivem, e que valores afetam suas ações.

Compreender a paisagem da pequena cidade não é algo assim tão simples. A baixa densidade demográfica, os números reduzidos de casas e comércios não elimina toda a complexidade inserida na paisagem urbana. “Nossa tarefa é tentar ultrapassar a paisagem como aspecto visual para chegar a seu significado e valor” (OLIVEIRA, 2017, p.163).

A maioria dos trabalhos sobre paisagem apresenta a cidade com arranha-céus, trânsito intenso, grandes avenidas, parques movimentados, sendo estes a parte visível, mas também há a parte não visível, tais como lixo não coletado, pedintes nos cruzamentos, moradores que vivem sob pontes, não sendo esta a realidade da pequena cidade. Os contrastes em uma grande cidade ficam mais acentuados, e é de fácil percepção, ou seja, “a fragmentação do espaço urbano é gritante e escancara a grande desigualdade social, donde poucos tem muito e muitos têm pouco” (OLIVEIRA, 2017, p.174).

Essas disparidades não ficam tão evidentes quando nos reportamos à paisagem da pequena cidade, mas não há outro meio de entender a cidade a não ser pela paisagem. Segundo Landim (2003, p. 24), “a cidade pode ser reconhecida somente por intermédio da sua paisagem urbana e essa paisagem é resultante dos elementos econômicos, sociais e culturais que produziram num determinado período e contexto”.

E claro, sempre mantendo atenção para o processo de transformação da paisagem, Sposito (2017, p. 35) destaca que é importante “reconhecer a cidade como uma realidade material, mas não como uma paisagem estática”.

Por isso, para essa pesquisa nos voltaremos ao estudo da memória. Pensamos que entre as maneiras de entender o período e o contexto é preciso conhecer a história do lugar. E como o pouco que se tem registrado sobre a história da cidade de Farol está contido em um único livro, necessitamos evidenciar a memória.

De acordo com Peter Burke (2000), os historiadores se interessam ou precisam se interessar pela memória, considerando dois pontos de vista: como fonte histórica e como fenômeno histórico, retornaremos a essa ideia ao abordar nossa metodologia.

Lindner (2011, p. 37) afirma que “o conhecimento das percepções dos que experienciam e vivenciam as paisagens tem fundamental importância no entendimento da organização do espaço” e, nesse sentido, reforçamos que a realização de entrevistas com antigos moradores é imprescindível para que percebamos a paisagem da cidade Farol.

A percepção e as informações dos leigos podem também contribuir às suas resoluções tanto quanto as dos cientistas e outros profissionais. Na verdade, os leigos podem ter uma vantagem sobre os cientistas porque a sua visão geral dos problemas humanos não é distorcida pela ótica que comumente resulta de especializações técnica e científica, e a sua atribuição de valores é sempre muito impregnada pela sua

vivência e experiência em relação aos lugares e suas paisagens (MACHADO, 1988, p. 02).

A paisagem é um conceito valioso para a geografia humana. Paisagem lembra-nos que a geografia está em toda parte, que é uma fonte constante de beleza e feiura, de acertos e erros, de alegria e sofrimento, tanto quanto é de ganho e perda (COSGROVE, 2012, p. 224).

Embora o conceito de paisagem seja muito importante para a ciência geográfica, em que alguns geógrafos já tenham inclusive afirmado que o conceito de paisagem é mais importante do que o de lugar ou que o conceito de lugar tem uma relevância maior sobre conceito de paisagem, como já havíamos salientado no início desse trabalho, não é de nosso interesse estabelecer uma hierarquia entre as categorias de análise geográfica. Assim, ao lado do entendimento do conceito de paisagem, é importante para esse estudo que realizemos também uma contextualização sobre o conceito de lugar.

1.2 O Lugar Vivido

De acordo com o caminho que decidimos trilhar nessa pesquisa, não há como compreender o conceito de paisagem e deixar de lado o conceito de lugar. Talvez a ordem de abordagem seja o menos importante, desde que se compreendam os dois conceitos como complementares um ao outro.

Como é nossa pretensão entender o lugar por meio da vivência pessoal e das experiências íntimas dos indivíduos, os geógrafos referências para abordarmos o conceito de lugar nesta pesquisa é o sino-americano Yi-Fu Tuan, juntamente com Milton Santos, Cássio Eduardo Viana Hissa, Rosana Rios Corgosinho e Leandro Forgiarini de Gonçalves. Destarte, esperamos que de forma objetiva possamos abordar temas um tanto subjetivos.

Devido aos processos de transformações que envolvem as inúmeras partes do mundo, pensar o conceito de lugar é de extrema necessidade para que compreendamos a realidade³. Diante das constantes mudanças cada vez mais velozes que envolvem muitos lugares, é importante que entendamos o conceito de lugar levando em conta as transformações ocorridas. Conforme discorre Milton Santos (2008, p. 328):

³ Mas o que é a realidade? Há quem possa afirmar que a realidade é o que se torna concreto através do dinamismo da vida; é a própria materialização das coisas que existem, visíveis, palpáveis, passíveis de tocar com os sentidos. " (HISSA, CORGOSINHO, 2006, P.8)

Vivemos um tempo de mudanças. Em muitos casos, a sucessão alucinante dos eventos não deixa falar de mudanças apenas, mas de vertigem. O sujeito no lugar estava submetido a uma convivência longa e repetitiva com os objetos, os mesmos trajetos, as mesmas imagens de cuja construção participativa: uma familiaridade que era fruto de uma história própria, da sociedade local e do lugar, onde cada indivíduo era ativo.

Refletindo sobre o que escreveu Santos (2008), nos colocamos a pensar: qual a intensidade de pertencimento do indivíduo em uma pequena cidade? Será que diante de todas as transformações ocorridas é possível que exista alguma peculiaridade na cidade de Farol? Pois, conforme escreve Hissa e Corgosinho (2006, p. 9):

O lugar, por razões compreensíveis, emerge como um conceito de destaque central na discussão sobre a globalização. Pouco restou do que se imaginou como resultado desse manto abstrato que, em princípio, foi tomado como o que veio, sob o nome de globalização, para neutralizar o espaço, homogeneizar as diferenças e as desigualdades, suprimir os lugares, os valores e as identidades.

Por algum momento na grande efervescência da ideia de globalização, acreditou-se na homogeneização dos lugares e no desaparecimento da identidade, mas ainda que localizado em uma grande cidade, em uma área rural ou em uma pequena cidade como é o caso de Farol, existe o lugar e algo em particular que a difere de outros lugares. Tendo isto em vista, os lugares “são a vivência cotidiana nesses pequenos universos que, cada qual com a sua particularidade, carregam um pedaço de mundo” (HISSA, CORGOSINHO, 2006, p.16).

Um vilarejo de poucas pessoas ou uma metrópole de milhares de habitantes, para que exista o que chamamos de lugar, é necessário somente que alguém perceba, faça uma pausa e observe seu entorno. Conforme Hissa e Corgosinho (2006, p. 12), “os lugares são feitos dos olhos de quem percebe o mundo (sempre presente nos lugares, menos ou mais intensa ou densamente), também feito de lugares que emergem e rasgam a superfície econômica global de tendência homogeneizante”.

Neste sentido, não queremos negar a influência homogeneizadora do global no local, mas como muito bem escreve Santos (2005, p. 170), “a ordem global busca impor, a todos os lugares, uma única racionalidade. E os lugares respondem ao mundo segundo os diversos modos de sua própria racionalidade”. Reforçando a ideia de resistência do lugar, podemos dialogar em harmonia com o pensamento de Hissa

e Corgosinho (2006, p.16), os quais salientam que “algumas leituras que compreendem a compressão e a padronização dos lugares por uma globalização unificadora, os lugares são a manifestação de suas identidades”

O geógrafo Eduardo Marandola Jr, ao escrever o prefácio do livro “Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência de Yi-Fu Tuan”, utiliza a palavra “pausa no movimento” como uma das ideias mais fortes para distinguir o espaço indiferenciado do lugar significado. De acordo com Marandola Jr (2013, p.7), outra ideia de destaque no livro de Tuan “é a de que o lugar é construído a partir da experiência e dos sentidos, envolvendo sentimento e entendimento, num processo com a cultura, a história, as relações e a paisagem”.

Dentre os conceitos geográficos, o de lugar talvez seja o que mais dialoga com os sentimentos de amor, medo, segurança, repulsa, pertencimento e outros tantos que fazem parte da vida do ser humano. Mesmo que complexo, é preciso entender que nem sempre o lugar necessita de um espaço físico, planejado e construído com paredes e teto.

Com exemplos bem elaborados, Tuan (2013, p. 169) escreve que:

Para criança pequena, os pais são seu “lugar” primeiro. O adulto que lhe protege é para ela uma fonte de alimento e um paraíso de estabilidade. O adulto é também quem dá as explicações à criança, para quem o mundo pode frequentemente parece confuso. Uma pessoa madura depende menos de outras pessoas. Ela pode encontrar segurança e apoio em objetos, localidades e até na busca de ideias. [...] Para muitas pessoas, as posses e as ideias são importantes, mas outros seres humanos continuam sendo o centro de valor e a fonte de significação.[...] Mesmo assim, a ideia de uma pessoa como “lugar” ou “lar” não é aceita de imediato.

E mesmo quando pensamos o lugar como uma casa, o sítio dos avôs, um abrigo pelo qual pode ter salvado e resguardado uma vida, uma capela onde se rezava todos os domingos, um orfanato ou um asilo, é importante que consideremos o lugar, não só nas grandes coisas, mas lembremos também dos detalhes, as pequenas coisas, os pequenos objetos e as pequenas ações, seja uma caneca de esmalte ou um simples sorriso.

Sobre como é constituído o lugar, Tuan (2013, p. 169) afirma que:

O lar é um lugar íntimo. Pensamos na casa como lar e lugar, mas as imagens atraentes do passado são evocadas não tanto pela totalidade

do prédio, que somente pode ser vista, como pelos seus elementos e mobiliário, que podem ser tocados e também cheirados: o sótão, e a adega, a lareira e a janela do terraço, os cantos escondidos, uma banquetta, um espelho dourado, uma concha lascada.

Ainda sobre as memórias das pequenas coisas, Freya Stark (1948, p. 55) escreve que “nas coisas menores mais familiares, a memória tece as alegrias mais intensas e nos mantém à mercê por intermédio de ninharias, algum som, o tom de uma voz, o odor de peixe e de algas marinhas no cais”.

Entre as diversas composições musicais que remetem ao tempo passado, a canção “Saco de Ouro”, que também pode ser encontrada pelo nome de “Saco de Estopa”, muito conhecida no cenário das músicas caipiras, composição de José Caetano Erba e Paraiso, gravado por duplas como, Liu e Leu, Chico Rey e Paraná, demonstra muito bem o valor sentimental e a importância dos pequenos objetos.

Num saco de estopa com embira amarrado, eu tenho guardado é a minha paixão. Uma bota velha, chapéu cor de ouro bainha de couro e um velho facão. Tenho um par de esporas, um arreio e um laço, um punhal de aço e rabo de tatu. Tenho uma guaiaca ainda perfeita caprichada e feita só de couro cru. Do lampião quebrado só resta o pavio, pra lembrar do frio eu também guardei, um pelego branco que perdeu o pelo, apesar do zelo com que eu cuidei. Também o cachimbo de canudo longo, quantos pernilongos com ele espantei. Um estribo esquerdo, que guardei com jeito porque o direito na cerca eu quebrei. A nota fiscal já toda amarela aa primeira sela que eu mesmo comprei lá em Soledade na casa da cinta duzentos e trinta, na hora paguei. Também o recibo já todo amassado, primeiro ordenado que eu faturei. É a minha tralha num saco amarrado, um canto encostado, que eu sempre guardei. Pra mim representa um belo passado, a lida de gado que eu sempre gostei. Assim enfrentando o trabalho duro e fiz meu futuro sem violar a lei. O saco é relíquia com meus apetrechos, não vendo e não deixo ninguém pôr a mão. Nos trancos da vida aguentei o taco e o ouro do saco é a recordação.

Podemos refletir o lugar constituído pelos detalhes, mas também afastado de uma forma material ou carregados de transformações tão intensas, de tal maneira que não o reconhecamos quando observado. Algum tempo depois, o lugar que mantemos na memória às vezes não é aquele em nossa frente.

No entanto, mesmo que as mudanças ocorram, sendo importante que as consideremos, os nossos sentidos não captam a velocidade e a intensidade de todas as transformações que incidem sobre um lugar, pois se assim fosse, de acordo com Tuan (2013, p. 219), “se víssemos o mundo como processo, em constante mudança, não seríamos capazes de desenvolver nenhum sentido de lugar”.

A casa, a escola, a capela, a rua, a floresta e outros incontáveis lugares podem vir a desaparecer ou ainda que permaneçam, existe a possibilidade de apresentarem-se um tanto diferente a ponto de não provocar o mesmo sentimento, seja de alegria ou tristeza, pois mesmo que observado no tempo presente, carregamos conosco uma visão do tempo passado. E nesse sentido, Milton Santos (2002, p. 328) salienta que “[...] o passado é um outro lugar ou, ainda melhor, num outro lugar”.

Em relação a essa forma de pensar o lugar, em um trecho do documentário “Memórias: Rubem Alves, O Professor de Espantos” exibido pela TV Câmara, sob a direção de Dulce Queiroz, ao se referir à Fazenda Santa Elisa localizada em Campinas – SP, Alves salienta:

“Esse lugar é sagrado pra mim. Eu já disse que quando eu morrer quero que minhas cinzas sejam colocadas aqui. Esse lugar está muito ligado à minha vida, eu caminhei muito aqui, mas agora quando eu volto, é diferente. Um conselho, se você amou muito um lugar, não faça a besteira de visita-lo, porque você vai visitar pensando que você vai encontrar o tempo, mas o tempo não está mais lá, é melhor você ficar com a imagem na sua cabeça”

Tempo e lugar estão relacionados e tratar sobre essas temáticas exige dedicação e atenção. Podemos entender melhor o que diz escritor Rubem Alves sobre “encontrar o tempo” nas palavras do geógrafo Yi-Fu Tuan:

A sensação de tempo afeta a sensação de lugar. Na mediada em que o tempo de uma criança pequena não é igual ao de um adulto, tampouco é igual a sua experiência de lugar. Um adulto não pode conhecer um lugar como uma criança o conhece, e não apenas porque são diferentes suas respectivas capacidades mentais e sensoriais, mas também porque seus sentimentos pelo tempo pouco têm em comum. (TUAN, 2013, p. 227).

As diferentes relações que os sujeitos desenvolvem com o tempo e lugar não são observadas somente por meio das crianças e adultos. A cultura a qual se pertence, em que parte do planeta ocorre a interação com meio também proporcionam variadas formas de sentir o tempo e lugar. Segundo Tuan (2013, p. 231):

“As sociedades, como indivíduos, têm atitudes diferentes em relação a tempo e lugar[...] Os pigmeus da floresta úmida do Congo têm um sentido primário de tempo [...]Os aborígenes australianos, em comparação, têm um sentido mais profundo da história [...]Nas sociedades orientais cultas da China e do Japão, o sentido histórico está bem

desenvolvido. Os chineses são famosos pela veneração de seus ancestrais, pela conservação de anais dinásticos e pela deferência para com a sabedoria do passado. Entretanto, o sentido oriental da história é completamente diferente daquele do mundo ocidental moderno, isto é, a partir do século XVIII.

Para melhor entendimento do termo “imagem” juntamente com a categoria de tempo, a qual pretendemos nos aproximar nesta pesquisa, utilizamos do que Hissa e Corgosinho (2006, p. 13) escrevem:

A ideia é feita de uma forte imagem: o passado é um outro lugar e vive, quem sabe, distante dos lugares do presente. Não importa, nesse sentido, para que direção foram. O que interessa para a interpretação que se encaminha é que os lugares do presente tendem a abraçar os do passado.

Deste modo, é relevante compreender o lugar, considerando o presente e o passado, pois a existência de um lugar pressupõe um convívio, intimidade, e principalmente identidade, já que dificilmente um lugar em sua essência é formado da noite para o dia, a toque de caixa. O geógrafo Tuan (2013, p. 219) afirma que “leva tempo para se conhecer um lugar” e grande parte das vezes, também se leva tempo para que uma porção do espaço venha se tornar um lugar.

Mas existem, é claro, algumas exceções, podendo não ocorrer com muita frequência, mas alguns espaços podem tornar-se um lugar em frações de segundos. Nas palavras de Tuan (2013, p. 225):

Um homem pode se apaixonar à primeira vista por um lugar como também por uma mulher. A primeira visão do deserto através de um desfiladeiro na montanha ou a primeira entrada na floresta virgem pode não apenas provocar alegria, mas inexplicavelmente uma sensação de reconhecimento como um mundo cristalino e fundamental que sempre se conheceu. Uma experiência breve, mas intensa é capaz de anular o passado, de modo que estamos a abandonar o lar pela terra prometida

A memória nesses termos grafada no espaço pelo tempo e pelos movimentos que se referem a um conjunto de fluxos faz com que se fortaleça a referida imagem (HISSA, CORGOSINHO, 2006, p. 14). A ideia de identidade a qual consideramos essencial para entender o lugar deve também ser vinculadas a todo processo de transformação do espaço.

De acordo com Hissa e Corgosinho (2006, p. 15):

Se podem ser vistos a partir de traços de identidade — que se desmancham, se metamorfoseiam, se fortalecem ou se enfraquecem —, os lugares também devem ser avaliados a partir da consideração das mobilidades no seu interior, sob a consideração da alteridade.

Nem todos os pesquisadores trabalham nessa linha de pensamento, mas como optamos pela corrente humanística, manteremos nosso posicionamento para evitarmos conflitos e desarmonia entre as ideias.

Deste modo, consideramos que “o lugar é vislumbrado como a representação do particular, um espaço cheio de identidade, um espaço humano, um espaço vivido. O lugar é um espaço dotado de representações, de valores e significações” (LINDNER, 2011, p. 42).

Gonçalves (2010), ao realizar um levantamento sobre a noção e sentido do conceito de lugar, salienta que são variados os enfoques que podem ir do “topos” aristotélico ao ambiente construído do lugar arquitetônico de Norberg-Schulz, passando pelo Lugares da Memória de Pierre Nora, ou pelo não-lugares da Antropologia de Augé, ou seja, “cada enfoque trabalha com leituras e interpretações particulares sobre o lugar” (GONÇALVES, 2010, p. 11).

Na ciência geográfica, o conceito de lugar é basilar e essencial para o entendimento do espaço, no entanto apresenta em si divergência de ideias, o que torna o debate amplo, fazendo com que, mais uma vez, apontemos a linha de pensamento que vamos trilhar nesse estudo.

O conceito de lugar pode nos ajudar a entender os laços, as paixões e algumas marcas impressas em um determinado espaço, sendo abordado somente pelo viés da paisagem se mostraria incompleto. O lugar é próximo do sujeito, é íntimo e afetivo, é no lugar que existe a possibilidade de estabelecer uma relação de amor ou ódio com o espaço.

O lugar está contido dentro do espaço e suas características podem ser reveladas pela paisagem através da percepção. Assim, é através do lugar que podemos perceber o espaço vivido, pois sua noção está relacionada a questões culturais, as experiências vividas se materializam na paisagem do lugar (LINDNER, 2011, p. 42).

Relph (1979), ao estudar as bases fenomenológicas da geografia, já dizia não ser possível traçar limites entre espaço, paisagens e lugares como fenômenos experienciados, nem a relação entre eles ser constante, visto que lugares têm paisagens e espaços, enquanto paisagens têm lugares (LINDNER, 2011, p. 43).

É a partir do lugar que se articulam as experiências e vivências do espaço. O lugar traz as lembranças daqueles que o vivenciaram, abrindo a possibilidade de sua compreensão a externos a essas vivências por meio de passados compartilhados e inscritos na paisagem cultural (FERREIRA, 2000 e LINDNER, 2011).

1.3 A Pequena Cidade entre o Rural e o Urbano

*“O termo cidade é, ao mesmo tempo, um conceito e uma realidade”
(RÉMY, VOYÉ, 1992, p.7).*

Pretende-se nesta seção, de forma breve, caracterizar a pequena cidade, relacionando aos conceitos de municípios periféricos e centralidade urbana, pois não há como o entender o modo de vida rural e urbano sem perpassar por esses temas. Para alcançar esse diálogo, consultaremos autores, como Costa (2013), Endlich (2006), Bovo (2014) Rodrigues (2014) Correa (1994) Sposito (2017) Monbeig (2004) entre outros.

No livro organizado por Eliseu Savério Sposito intitulado “Glossário de Geografia Humana e Econômica”, há um capítulo escrito por Maria Encarnação Beltrão Sposito cujo o título é “Cidade”. Em tal capítulo é realizada uma reflexão bem-sucedida dos diferentes modos de entender o termo cidade.

Sposito (2017, p. 34) salienta que a dimensão espacial é questão central no entendimento do conceito de cidade. Uma preocupação científica em compreender a dimensão urbana remonta a primeira metade do século XX, como os desenvolvimentos dos estudos que ficaram nomeados por Escola de Chicago. Ainda de acordo com a autora, no Brasil, o pioneiro pela sua proposta metodológica para o estudo de cidade, foi o geógrafo Pierre Monbeig (1957). Seu texto clássico de título “O Estudo Geográfico das Cidades” publicado originalmente na revista do arquivo municipal de São Paulo em 1941, depois republicado no Boletim Geográfico (IBGE) no Rio de Janeiro em 1943, que também foi revisado para CIDADES por Roberto Lobato Corrêa, demonstra a importante relevância de seu pensamento sobre a cidade.

Monbeig (2004, p. 278) afirma que, ao desenvolver pesquisas sobre cidades, não se pode observar somente o tempo presente, considerando que indagações sobre o passado se fazem essenciais:

A situação presente é apenas um momento numa longa série evolutiva, e não poderia ser interpretada convenientemente sem a reconstrução dessa série, convém também transpor nossas indagações ao passado: qual era esse solo que a ação do homem tem frequentemente modificado e quem foram esses homens?

Com base nos questionamentos suscitado por Monbeig sobre entender o passado e as motivações que deram origem às cidades, é necessário também algumas aproximações e definições, ainda que amplas e complexas, desse aglomerado de vidas, prédios, trocas, casas e tantas outras coisas materiais e imateriais que constituem a cidade. Em uma definição de cidade, Sposito (2017 apud LÉVY, 1994, p. 297) escreve que:

O objeto urbano é um objeto espacial. Ele consiste na concentração material de elementos destinados a entrar em interação. [...] A cidade representa uma das opções possíveis na luta contra a distância, aquela da concentração de elementos de uma sociedade num ponto, o da centralidade. A cidade é societal, pois ela configura sua sociedade em todas suas dimensões – econômica, sociológica e política, material e cultural, coletiva e individual. A cidade é então uma escolha espacial da sociedade em ação

A cidade, enquanto concentração de pessoas e coisas, é a junção do que pode ser facilmente percebido pelos sentidos humanos – as obras materializadas – e outras não tão perceptíveis, como algumas realidades não materializadas.

Nessa linha de pensamento, a geógrafa Ana Fani Carlos (1986, p. 69) afirma que:

A cidade é antes de mais nada trabalho objetivado, materializado, que aparece através da relação entre o “construído” (casas, ruas, avenidas, estradas, edificações, praças) e o “não construído” (o natural), de um lado, e do outro, tanto no que se refere ao deslocamento de homens e mercadorias quanto aquele referente às marcas que representam momentos históricos diferentes produzidos na articulação entre o novo e o velho”

É claro que se faz necessário um exercício de reflexão, pois nem toda relação entre o “construído” e o “não construído” é visível aos olhos. Há movimentos complexos que ocorrem no âmbito do espaço da cidade, dependendo da sociedade e da localidade, de forma mais intensa e menos intensa. Relações simples do cotidiano também podem passar despercebidas, reforçando-se a importância do cientista social, em especial, o geógrafo.

Na canção “No Meio de Tudo, Você” de composição do cantor Humberto Gessinger (2007), a cidade é retratada em metáfora como uma selva, onde algumas vezes nos habituamos e assimilamos a paisagem e acontecimentos sem questionamentos:

Selva. A gente se acostuma a muito pouco, a gente fica achando que é demais, quando chega em casa do trabalho quase vivo. Selva. A gente se acostuma a muito pouco, a gente fica achando que é o máximo, liberdade pra escolher, a cor da embalagem. Nessa selva. A gente se acostuma a muito pouco, a gente fica achando que é o normal, entrar na fila, comprar ingresso, pra levar porrada [...] Selva. A gente se acostuma a muito pouco, a gente fica achando que é demais, um pouco de silêncio, um copo de água pura⁴.

Embora não seja nosso objetivo dialogar em acepção do conceito de cidade pelo viés de análise marxista, os acontecimentos e relações descritas na canção fazem necessário que saibamos que a cidade também pode e deve ser entendida conforme Soja (1993):

A cidade passou a ser vista não apenas em seu papel distintivo de centro de produção e acumulação industrial, mas também como ponto de controle de reprodução da sociedade capitalista em termos de força de trabalho, da troca e dos padrões de consumo. (SOJA, 1993, p. 117-8)

A largada para chegar ao que hoje chamamos de cidade é iniciada pelo homem primitivo e sua busca pela sobrevivência, a coleta de alimento, a caça. Em seguida, passando pela dificuldade, o medo, a organização em grupos nômades, o início de um processo de alteração da paisagem, a plantação, a domesticação de animais. Depois, a agricultura, a irrigação, a técnica, a necessidade de ficar e habitar. Assim, Pesavento (2007, p. 11) destaca que “as cidades fascinam. Realidade muito antiga,

⁴ GESSINGER. Novos Horizontes – Acústico. Produção: Marcelo Sussekind, São Paulo: Universal Music. 2007. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xF0BUI1dTdA>> . Acesso em 21 dez. 2018.

elas se encontram na origem daquilo que estabelecemos como os indícios do florescer de uma civilização: a agricultura, a roda, a escrita, os primeiros assentamentos urbanos”.

Desde a luta pela sobrevivência até a revolução industrial, o intervalo entre essas duas extremidades, da vida cooperativa em aldeias passamos à divisão simples do trabalho na cidade, e desta, às relações mais intensas e complexas das cidades maiores que cresceram até atingir o tecido urbano de relações incontáveis que hoje interliga todo o planeta e onde 80% de nossa espécie vive desde fins do século passado (CUNHA, 2008, p 13).

Neste processo de ocupação do mundo, formamos e transformamos os territórios que habitamos até torná-los os reflexos de nós mesmos, ou seja, territorialidades que expressam a ligação entre o substrato material da vida e a atividade humana de produção dos meios de existência que, juntas, constituem a forma-conteúdo reveladora de modos de vida que é a cidade (SANTOS, 1999).

De acordo com Correa (1995), a cidade como espaço urbano pode ser como um conjunto de pontos, linhas e áreas, podendo ser abordada de modos diferentes. Uma forma de análise seria a partir da percepção que seus habitantes têm do espaço urbano e de suas partes e seguindo esta perspectiva é que analisamos as transformações ocorridas no espaço urbano de Farol.

Não é nossa intenção neste trabalho elucidar a questão sobre o entendimento da palavra cidade, pois as definições de cidade são variadas. Weber (1999, p. 408-9) “já frisava que se pode tentar definir cidade de modos muito diversos, destacando que se trata de uma dada forma de assentamento e um complexo distinto do campo”.

A ideia destacada por Weber (1999), em que a cidade se trata de um “complexo distinto do campo”, instiga algumas reflexões, pois a maioria das pequenas localidades não se mostra tão distintas do campo, não ao menos do modo de vida rural. Como destacado por Lindner (2011):

Os pequenos municípios e pequenas cidades representam lugares recheados de simbolismos, relacionados muitas vezes a características do rural transpostas no urbano, ou seja, existem simbolismos muito fortes marcando as origens de seus habitantes como povo rural. Essas características, facilmente identificadas na observação da paisagem e na análise das diferentes percepções, refletem traços culturais desses locais, os modos de vida de seus habitantes, que muitas vezes estão intimamente ligados às tradições passadas através das gerações e

que continuam perpetuadas nos hábitos cotidianos das sociedades e na configuração das cidades (LINDNER, 2011, p. 42).

Dessa maneira, buscaremos neste tópico entender a pequena localidade por meio da relação rural e urbano, “para que haja um avanço teórico é fundamental uma aproximação no tratamento de temas afins, como a questão do rural e urbano” (ENDLICH, 2017, p. 50).

Rodrigues (2014, p. 433) afirma que “a definição de rural está sempre subsidiada pela definição de urbano, sendo na maioria das vezes, o rural classificado como o que está fora do urbano”. Nas visões clássicas, para Lefebvre (1974), acreditava-se no fim do rural e uma total urbanização dos espaços.

No entanto, os processos de reestruturação da economia e da sociedade fizeram com que a abordagem clássica do rural como espaço da agricultura fosse questionada. Esta mudança de abordagem indica que a relação entre rural e urbano deixa de ser analisada de forma dicotômica, passando estas duas realidades a serem vistas como partes complementares de um mesmo território. Mas, em ambas as abordagens, o rural é sempre definido tendo o urbano como referência (RODRIGUES, 2014, p. 433).

Assim, concordamos com Jacinto et al (2012, p. 9) no que se refere: “é complexo definir o que é urbano e, o que é rural, diante do aparato tecnológico e das diversas funções que podem ser desenvolvidas, ora no espaço rural, ora no espaço urbano e, vice e versa”.

Para esse estudo, não pretendemos definir ou rotular a sede do município de Farol como sendo mais rural que urbana, ou ao contrário. Seria até menos trabalhoso caso considerássemos apenas aspectos quantitativos, números de habitantes, densidade demográfica, pessoas ocupadas na agricultura. Para tal definição, no entanto, os dados quantitativos serão considerados, mas não como definidores.

Rodrigues (2014), ao elaborar uma proposta metodológica de classificação de municípios, apresenta algumas razões, como:

Quando se fala em municípios rurais, não se está a negar os aspectos urbanos eventualmente encontrados na sua sede, mas a realçar que aspectos de ruralidade predominam e são definidores da sua dinâmica territorial e socioeconómica. Da mesma forma, quando se fala de municípios urbanos, o que se está a afirmar é que a sua dinâmica é definida pelo urbano, embora os elementos de ruralidade estejam presentes no seu território. Apenas na tipologia metropolitana e em alguns

dos municípios de elevada densidade, é que as características rurais não são encontradas ou são praticamente nulas (RODRIGUES, 2014, p. 441).

Nesse mesmo sentido, Gomes e Bistok (2009, p. 1) afirmam que “o atual espaço rural se forja em conexão com espaços urbanos e por vezes se estrutura dentro da urbe. Então o espaço rural não está somente no campo, mas diversas vezes ele se propõe às cidades e ao próprio espaço urbano”

Deste modo, compreenderemos o rural e urbano como um modo de vida ou até mesmo como modo de vida, sendo que há condições urbanas que vão além dos limites das cidades e características do rural bem presentes no ambiente urbano, seja por práticas culturais ou como estratégia de sobrevivência.

Em muitos estudos de Ciências Humanas, o uso do termo “modo de vida” tem se tornado comum. No entanto, não existe uma precisão teórica do seu real significado. De acordo com Braga (2017, p. 390), existe uma “utilização pouco criteriosa de categorias analíticas que não são definidas, como se o significado a elas atribuído fosse óbvio”. Dessa forma, para este estudo, mesmo diante das imprecisões, tem-se a necessidade de deixar claro como entendemos a categoria “modo de vida” e “condição de vida”.

Concordamos com Braga (2017) e Guerra (1993) que, para analisar os modos de vida, deve-se levar em conta três dimensões, sendo elas:

O sistema e os atores sociais; a história e o cotidiano; e o objetivo e o subjetivo na percepção do real. Essas três dimensões deveriam ser articuladas de modo a combinar a força da estrutura com a possibilidade de ação dos indivíduos, o nível da vida cotidiana articulado com o econômico, o político, o cultural, bem como as redes de poder estabelecidas nas articulações entre as diferentes esferas do social. (GUERRA, 1993 apud BRAGA, 2017 p. 372).

A ideia do modo de vida não se distancia do entendimento de condição de vida que, de acordo com Villoro (1999), consiste num conjunto de relações possíveis entre certos sujeitos e seu mundo circundante, com crenças comuns e valorações compartilhadas, comportamentos, costumes e regras de conduta parecidas. Essas disposições situam-se num meio concreto, constituído por uma rede de objetos (artefatos, obras de consumo e de desfrute), de estruturas de relação conforme as regras

(instituições, rituais, jogos), animado por um sistema significativo comum (língua, mito, formas artísticas).

No entanto, mesmo que consideremos o rural e urbano como uma condição de vida, é imprescindível que compreendamos as mudanças ocorridas na região e até mesmo no mundo.

No entendimento de Endlich (2006):

O período-chave para entender as transformações na região, desde meados da década de 1960, contudo mais visível nas estatísticas entre 1970 e 1980, consiste igualmente num marco temporal para mudanças culturais que, se não são universais, atingem áreas em diversos pontos do mundo. As decorrências são semelhantes onde houve avanço das forças produtivas capitalistas, especialmente, onde se instalaram processos de modernização da agricultura. (ENDLICH 2006, p. 154).

Dentro dessa ótica, Costa (2013) salienta como esse processo ocorreu no Estado do Paraná:

A modernização não ocorreu de forma homogênea no tempo e no espaço. Foi gradativamente se expandindo pelo território paranaense impulsionada pelos interesses do Estado e do capital. O norte e o oeste são os primeiros a sentir com mais intensidade o processo modernizador, posteriormente, outras regiões, conforme as suas especificidades vão se inserindo no modelo. (COSTA, 2013, p. 46)

Deste modo, ao mesmo tempo que a modernização da agricultura alcança novos espaços, inicia-se um processo de expulsão da população que vive em áreas rurais⁵. Pois conforme Andrade (2013):

O capitalismo desenvolveu o setor tecnológico para agricultura, com introdução de máquinas e implementos agrícolas e insumos, consecutivamente, agrotóxicos no campo, objetivando o aumento da produção. Todo esse arsenal estava à disposição dos grandes, médios e pequenos produtores rurais capitalizados, subsidiados pelo Estado. Contudo, os produtores rurais desprovidos de capital foram desterritorializados do campo e reterritorializados nas áreas urbanas (ANDRADE, 2013, P. 114).

⁵ O número de migrantes que contribui para expandir a oferta de força de trabalho urbano depende, predominantemente, dos fatores de expulsão: os fatores de mudança criam uma espécie de desemprego tecnológico na área rural, sendo a dimensão deste desemprego uma função do aumento da produtividade do trabalho agrícola e da sua especialização, ao passo que os fatores de estagnação produzem um fluxo de emigração cujo volume depende da taxa de crescimento vegetativo da população em economia de subsistência em confronto com a sua disponibilidade de terra. (SINGER, 1980, p. 227).

Segundo Costa (2013), o Estado do Paraná, após uma atração da população em razão da ocupação de terras para a agricultura que foi intensa até 1970, deu início a um processo inverso entre 1981 e 1991. Os destinos principais dos paranaenses foram São Paulo e Santa Catarina, seguidos pelos estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Conforme o IPARDES (2005), enquanto nas décadas de 1970 e 1980 o predomínio eram as migrações interestaduais, na década de 1990 a emigração interestadual perdeu força, predominando as migrações internas. Nesta última, o principal destino foi para centros maiores, com destaque a cidade de Curitiba. Conforme estabelece Endlich (2006):

Com a mobilidade espacial as pessoas deixaram para trás o que conseguiram construir. Municípios com pequenas cidades, a partir de onde o fluxo emigratório foi mais intenso, eram espaços onde estavam estabelecidas conquistas materiais, além de laços afetivos e sociais. Deles se foram muitos levando apenas a esperança de conseguir vender sua força de trabalho em outro local [...]. (ENDLICH, 2006, p. 103).

Mas mesmo ainda que tenha ocorrido um intenso fluxo migratório nas pequenas cidades, tiveram aquelas pessoas que permaneceram, como no caso da cidade de Farol, e resistiram por algum motivo. O que levou à esta resistência é o que pretendemos entender melhor ao decorrer desta pesquisa, porém, antes, é importante entender a pequena cidade.

A geografia urbana não está somente a serviço de entender os grandes centros e suas complexidades, pois as pequenas cidades também devem ser compreendidas. Milton Santos (2008) já ressaltava essa necessidade e Mombeig (2004) explicita muito bem que estudos sobre pequenas cidades não é algo simples, e durante muito tempo pesquisas nessa linha permaneceram fora do campo de interesse do geógrafo:

Pois a geografia urbana não se limita ao estudo das grandes capitais: cidades pequenas apresentam tanto interesse quanto as colmeias urbanas modernas e é quase sempre mais difícil precisar seu mecanismo e o ritmo calmo de sua vida, do que analisar as rodas bem lubrificadas correndo a toda velocidade em metrópoles imponentes. Na Europa, a pequena cidade de passado memorial é ainda muitas vezes responsável por muitos fenômenos políticos e econômicos; o Brasil, que (esquece-se disso com muita facilidade) é um país novo, mas velho de meio milênio, tem suas cidades pequenas estreitamente ligadas à vida rural; isso não somente nas regiões do Brasil colonial, mas também nas zonas de povoamento recente; elas também merecem algumas monografias. (MOMBEIG, 2004, p. 280)

Assim, reforçamos mais uma vez a necessidade desta pesquisa. Embora venha ocorrendo um interesse recente dos geógrafos brasileiros em estudar a pequena cidade, não é uma tarefa fácil apresentar um conceito consolidado e totalmente aceito sobre o assunto.

Correa (2011), ao estudar sobre pequena cidade, argumenta que a conceitualização está impregnada de encaminhamentos distintos e controversos, no entanto, entende a necessidade de um conceito mesmo que apresente algumas fragilidades. Os conceitos que apresentaremos nesse estudo é um esforço já iniciado por pesquisadores geógrafos que se dedicam a entender a pequena cidade. Correa (2011), que elaborou algumas definições sobre pequenas cidades, salienta que:

A pequena cidade pode ser melhor definida em termos do grau de centralidade do que em termos de tamanho demográfico. Ela se caracteriza por ser um centro local, isto é, um centro que exerce centralidade em relação ao seu território municipal, sua hinterlândia, onde vive uma população dispersa dedicada sobretudo às atividades agrárias (CORREA, 2011, p.6).

É de grande importância que, ao buscar entender uma pequena cidade, busque-se antes entender sua contextualização regional, o Brasil, pois contém uma diversidade muito grande no que tange aos núcleos urbanos e suas hinterlândias. Não se pode tentar entender uma pequena cidade do sul do país do mesmo modo que se entende uma pequena cidade do sertão nordestino. Embora existam características gerais entre as pequenas cidades, há também muitas especificidades que geram diferentes arranjos.

Nesse sentido, Bovo (2014) afirma que:

A definição de uma pequena cidade depende do contexto regional em que ela está inserida, e do grau de acessibilidade e centralidade que esta possui. Ao mesmo tempo, são as relações presente na localidade que vão definir a verdadeira realidade dessas cidades (BOVO, 2014, p. 107).

Com base nos estudos de Costa (2013), a cidade de Farol vem apresentando significativa redução de centralidade nas últimas décadas. Hoje, o comércio local e os serviços prestados são voltados para atender principalmente à população de menor renda ou que apresenta dificuldades para os deslocamentos. A proximidade com Campo Mourão e a estrada em bom estado de conservação estimulam a mobilidade

do consumo e do trabalho. No entanto, ainda que ocorra uma considerável redução de centralidade, alguns serviços básicos permanecem.

De acordo com Endlich (2006), mesmo que constataremos uma perda de centralidade nas pequenas cidades, elas ainda mantêm sua importância, e desta forma, os papéis das pequenas cidades são reafirmados.

Para entender a diversidade e complexidade das pequenas cidades, faz-se necessário superar as aparências e desvendar as relações econômicas, políticas, culturais e espaciais, nas diferentes escalas, que produziram espaços contraditórios, desiguais e articulados, nos quais o moderno e o arcaico se combinam.

Esses complexos podem ser melhor entendido por meio da noção de municípios periféricos muito bem trabalhadas por Rocha (1999) e Costa (2013), os quais levam em conta quatro critérios que estão inter-relacionados e devem ser analisados em conjunto, sendo eles: esvaziamento populacional, subordinação territorial, dependência econômica e indicadores sociais críticos.

O município de Farol já foi estudado por Costa (2013), e assim como grande parte dos municípios paranaenses se enquadra no conjunto de municípios periféricos, onde:

Os municípios periféricos atuam como centros locais cuja influência não extrapola seus limites territoriais ou como centros de zona com pequena influência. Possuem dificuldades para atender as necessidades básicas da população (saúde, educação, emprego, renda, moradia, consumo, serviços e lazer). Existe evasão da população, elevada taxa de pobreza e são considerados sem relevância ou com baixa relevância para a composição do PIB estadual [...] Os municípios periféricos enfrentam inúmeras dificuldades para captar recursos e se integrar ativamente no ciclo de crescimento paranaense e brasileiro. Estão subordinados as decisões políticas e econômicas provenientes de outros pontos do território e são dependentes dos recursos repassados pelo governo Estadual e Federal através dos fundos de participação, pois não conseguem gerar quantidade suficiente de recursos próprios. (COSTA, 2013, p. 120).

Em síntese, a noção de municípios periféricos, centralidade urbana, pequenas cidades, condição de vida urbana e rural são noções fundamentais para o entendimento da cidade de Farol, mesmo que embora nossos desdobramentos não tenham sido extremamente aprofundados, não poderíamos pensar sobre espaço, memória e imagem sem trabalhar os referentes conhecimentos.

CAPITULO 2 – MEMORIA, IMAGEM E HISTÓRIA ORAL

2.1 “Eu lembro que nem hoje”

Eis um novo elemento a considerar e, como sempre, não somente na situação presente, como também na do passado, pois foram os homens de ontem que fizeram a cidade de hoje. (MONBEIG, 2004, p. 292)

Neste tópico do trabalho, apresentamos noções sobre memória, história oral e fotografia e explicamos os procedimentos metodológicos de pesquisa utilizados, descrevendo os caminhos percorridos.

“Os múltiplos significados das paisagens simbólicas aguardam decodificação geográfica. Os métodos disponíveis para essa tarefa são rigorosos e exigentes, mas não fundamentalmente exotéricos ou difíceis de apreender” (COSGROVE, 2012, p. 229).

Cosgrove (2012) enfatiza que um requisito fundamental é uma leitura detalhada da paisagem, a qual pode ser feita por dois caminhos principais: o trabalho de campo e a elaboração e interpretação de mapas. Um dos caminhos que é o trabalho de campo já foi iniciado, e já é possível traçar algumas observações.

Para se entender como fundamentamos esse trabalho, é necessário que façamos um breve comentário sobre o que é memória. De acordo com Ferreira (2000, p. 52), “o conceito de memória é complexo e seu estudo abarca diversas áreas do conhecimento humano, da fisiologia à psicologia, passando pela sociologia. Normalmente, é confundido com recordação, lembrança, reminiscência”. Nora (1993, p. 9) apresenta outra definição:

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações (NORA, 1993, p. 9).

Mas será que existe a possibilidade de se recuperar a memória de uma cidade? De acordo com Abreu (2011), a resposta a essa pergunta é ao mesmo tempo sim e não. Não, porque não podemos recuperar a memória de tudo o que essa cidade já vivenciou, e sim, porque existem muitas outras memórias que podem ser resgatadas.

Para Jodelet (2002, p. 39), “a cidade carrega sempre vestígios do passado, cuja importância vai justamente residir nos significados que eles transmitem e que vêm a garantir a estabilidade do tempo”. Carlos (1996, p. 82) destaca também que “a memória articula espaço e tempo, ela se constrói a partir de uma experiência vivida num determinado lugar. Produz-se pela identidade em relação ao lugar, assim lugar e identidade são indissociáveis”.

Por meio do resgate da memória que restou do passado, materializadas no espaço ou registradas em documento, é que podemos “resgatar muito do passado, eternizar o presente e garantir às gerações futuras um lastro importante para a sua identidade” (ABREU, 2011, p. 29). Ademais, conforme Corrêa,

A memória é percebida de diferentes formas durante os tempos: na Idade Média esteve associada à lembrança de Deus; no Renascimento foi relegada a um papel secundário, tendo em vista o valor dado às experiências concretas; no século XIX, o “século da História”, a memória voltou a ser valorizada como processo essencial à vida; no século XX, marcado pela Psicanálise, a memória foi colocada no centro da discussão sobre o consciente e o inconsciente, tendo, para Freud, a “tarefa da autopreservação”, constituindo-se assim, “em geratriz das artes. Sem a memória não haveria as artes, nem a História, a primeira delas (CORRÊA, 2005, p. 2).

Atualmente, as discussões sobre a memória das cidades têm aumentado. De acordo com Abreu (1998, p. 77), “a valorização do passado das cidades é uma característica comum as sociedades deste final de milênio. No Brasil, esta tendência é inédita e reflete uma mudança significativa nos valores e atitudes sociais e até agora predominante”.

Embora ocorra uma valorização do passado das cidades, como foi enfatizado por Abreu (1998), pensamos que essa preocupação não alcança as pequenas cidades com a mesma intensidade que alcança as médias e grandes cidades.

De acordo com Calvino (1990), a falta de preocupação com a preservação da memória dos lugares pode surgir pela força do capital, da especulação imobiliária e do descaso da sociedade e do poder público. Dessa forma,

A questão da memória se torna pertinente, uma vez que esta, unindo de forma dialética o passado, o presente e o futuro, pode servir para estabelecer formas de vida sem ruptura brutal, respeitando um presente que encontra sua fundamentação no passado. Esse objetivo vale, especialmente, para o estudo do modo como os indivíduos e os

grupos se situam dentro de seus espaços de vida e como se ligam a eles – aqui, na cidade (JODELET, 2002, p. 31).

Sendo o homem um sujeito histórico, recordar é um ato coletivo que está ligado a um contexto social e a um tempo que engloba uma construção, uma noção historicamente determinada. A lembrança é a construção de um tempo vivido (BOSI, 1994). E, para resgatar essas lembranças, nos apropriamos no conhecimento da ciência geográfica. Contudo, é preciso esclarecer que não vamos descartar os fundamentos dos estudos históricos. De acordo com Abreu (1998, p. 33-35), “não há lei proibindo e nada que impede que a Geografia estude o passado [...] a Geografia tem muito a contribuir para discussão e a recuperação da memória das cidades e memória dos lugares”.

Nesse sentido, Harvey (2017) explica que “história e geografia não podem ser separadas: toda a geografia é geografia histórica, e toda a história é história geográfica”⁶. E para reforçar a ideia de que outras ciências podem contribuir para o entender geográfico, ainda mais se tratando de compreender a cidade, remetemos a Monbeig, que ressalta:

O geógrafo vê-se, então, mais que em qualquer outro terreno familiar às suas pesquisas, levado a trabalhar com auxílio dos historiadores, dos sociólogos e dos economistas e, mais ainda, a consultar os técnicos das cidades que são os urbanistas. Assim, o caráter eminentemente sintético da geografia humana se acha acentuado nos inquéritos de geografia urbana. [...] Esta interpretação das disciplinas, que apenas reflete a dos fatos, não acarreta uma dissolução de cada uma delas e, embora a ciência geográfica recorra largamente às suas irmãs, conserva seu ponto de vista e seu método. (MONBEIG, 2004, p.278)

Assim sendo, mesmo que a fotografia, juntamente com a história oral seja uma categoria mais conhecida no ramo da história, incluir essa forma de conhecimento aos estudos geográficos constitui-se em um instrumento importante para o entendimento da formação social, da transformação do espaço e na construção da memória de um local.

⁶ “La historia y la geografía no se pueden separar: toda la geografía es geografía histórica, y toda la historia es historia geográfica”. (HARVEY, 2017, p. 157, tradução nossa)

2.2 A imagem Fotográfica

“Através das imagens percorremos territórios de difícil acesso, viajamos no tempo, criamos intimidade onde nunca estivemos” (CAÇADO-RES DE ALMA, 1988)

São variados os sentimentos que as fotografias podem nos causar. Há aqueles que vibram, choram, sorriem, dão risada, ficam com raiva. A presença de imagens fotográficas é constante em nosso dia a dia, e elas dispõem de um grande poder de comunicação, as quais por vezes nos levam a um processo de imaginação de futuro ou de retorno ao passado.

Considerada um elemento portador de memória “entre os vários usos e funções da imagem fotográfica, um dos mais facilmente reconhecíveis é o da sua associação com a memória. Tanto no nível pessoal quanto no social, é inegável a capacidade da imagem fotográfica de provocar recordações” (SOUZA, 2010, p. 1).

Fotografia é memória e com ela se confunde (KOSSOY, 2005, p. 40). A memória, por sua vez, é indispensável para a formação da identidade. “[...] A identidade é imprescindível para uma nação conhecer seu passado, entender o presente e planejar o futuro” (BONI, 2009, p. 9-10). “Dessa maneira, recuperar o passado é uma garantia de dar um sentido para o presente”. (HOFFMANN, 2011, p. 2).

A fotografia surgiu na década de 1830 como resultado da feliz conjugação do engenho, da técnica e da oportunidade. Niépce e Daguerre – dois nomes que se ligaram por interesses comuns, mas com objetivos diversos – são exemplos claros desta união. Enquanto o primeiro preocupava-se com os meios técnicos de fixar a imagem num suporte concreto, resultado das pesquisas ligadas à litogravura, o segundo almejava o controle que a ilusão da imagem poderia oferecer em termos de entretenimento. (MAUAD, 1996, p. 2)

Mauad (1996, p. 2-3) argumenta que desde o surgimento da fotografia, inúmeras reflexões foram realizadas sobre sua utilização:

A fotografia ao longo de sua história sempre esteve marcada por polêmicas ligadas a seus usos e funções [...] A história da fotografia confunde-se com as diferentes abordagens que, em diversos momentos do pensamento ocidental, aplicou-se à imagem fotográfica. A ideia de que o que está impresso na fotografia é a realidade pura e simples já foi criticada por diferentes campos do conhecimento

Mombeig (2004, p. 290) escreve que o modo mais perfeito de garantir o sucesso em uma pesquisa de geografia urbana:

É reunir um bom número de plantas da cidade em épocas diferentes, escolher em seguida as mais características, por exemplo, as que, separadas por intervalos de tempo nem muito curtos nem muito longos, foram estabelecidas em datas críticas no passado da cidade e, finalmente, analisar essas plantas.

Infelizmente, nem sempre é possível conseguir tais mapas, e por se tratar de um estudo sobre uma pequena cidade, o acesso a esses materiais se torna ainda mais difícil. Assim, para recuperar informações abstraídas ao longo do tempo, optamos pela utilização da fotografia. Acatamos a sugestão de Monbeig (2004) sobre reunir documentos de épocas diferentes, intervalos de tempo nem muito curtos nem muito longos, porém ao invés de plantas da cidade, utilizamos fotos, e claro, relatos orais como elemento de apoio na construção da memória da pequena cidade de Farol-PR, sendo este essencial para o conhecimento da história do município.

No entanto, para conhecer acerca daquilo que mostra a fotografia, é necessário contextualizar a imagem em seus diversos desdobramentos sociais, políticos e culturais e, desse modo, fazer a conexão entre a representação da imagem com os relatos dos indivíduos que dela fazem parte.

Mauad (1996, p. 3) em uma leitura que fez da obra Rudolf Arnheim em seu livro “Filme como arte”, descreve quão próximo pode chegar uma imagem da realidade no ponto de vista do autor:

O ponto de partida das considerações de Arnheim é a desnaturalização da representação fotográfica, estabelecendo uma comparação entre a imagem fotográfica e o objeto concreto. A fotografia é bidimensional, plana, com cores que em nada reproduzem a realidade (quando não é em preto e branco). Ela isola um determinado ponto no tempo e no espaço, acarretando a perda da dimensão processual do tempo vivido. É puramente visual, excluindo outras formas sensoriais, tais como o olfato e o tato. Enfim, a imagem fotográfica não guarda nenhuma característica própria à realidade das coisas.

A análise realizada por Arnheim (1989) é um trabalho de ótima reflexão. Neste sentido, para que a fotografia se aproxime da realidade e não seja puramente visual, agregando outros sentidos como tato e olfato, deve ser pensada em conjunto com as experiências de quem viveu na paisagem ora apresentada na fotografia. Não ousamos

dizer que a fotografia aliada à história de vida é a verdade em si do espaço e tempo, mas temos um considerável achegamento.

Essa aproximação pode ser realizada como argumenta Novaes (2005). A fotografia em conjunto com o relato oral pode revelar inúmeras informações sobre o passado. Arquivos de imagens e imagens contemporâneas coletadas em pesquisa de campo podem e devem ser utilizadas como fontes que conectam os dados à tradição oral e à memória dos grupos estudados. Com a leitura de imagens, tornamos possível entender valores, desafios, problemas e inquietações despertados no tempo presente, por meio das perspectivas do tempo/espaço em que se realizaram os registros.

Por conseguinte, como a fotografia estabelece uma relação com a memória, esta articulação é permeada por vários sentimentos, seja de ódio ou nostalgia, seja de meios de conhecimentos e informação, próximos ou não da época em que aquelas imagens tiveram origem (KOSSOY, 2009). A fotografia é a garantia de uma lembrança eterna. Daí a pertinência de sua relação com a memória (SOUZA, 2010).

Desta forma, propomos com esse estudo organizar e disponibilizar um acervo fotográfico a partir da criação de um espaço *online*, com o intuito de demonstrar, por meio das imagens, as transformações espaciais da cidade ao longo dos anos, tendo em vista a dificuldade que se encontra para o desenvolvimento de pesquisas por falta de acesso a essas informações.

Conforme salienta Possamai (2008, p. 258), essa dificuldade é percebida considerando “a precariedade da documentação sobre as coleções visuais existentes nos museus e arquivos torna-se mais um empecilho colocado diante do pesquisador, mormente mais propenso à investigação de fontes escritas”.

Além disso, com o tempo, as fotografias têm se distanciado do momento do registro, ficando mais difícil de conseguir informações. “Portanto, menos úteis serão ao conhecimento, justamente por não terem sido estudadas convenientemente desde o momento em que passaram a integrar as coleções” (KOSSOY, 2009, p. 21).

Nesse sentido, não podemos adiar a importância da fotografia para a compreensão do espaço urbano e para história local. Assim:

Estas fotografias constituem um patrimônio da maior importância. A ação do tempo e falta de cuidado na sua preservação podem destruir uma rica fonte de estudos da cultura local e regional. O estudo da História Regional mostra-se fecundo se pensarmos nas possibilidades de reavistamento de um passado, nem tão distante, a fim de que possamos direcionar nosso olhar e tentar entender melhor certos acontecimentos

e disponibilizar para a sociedade seus documentos e parte de sua história (SILVA e ANDRADE, 2014, p. 16).

Por fim, fundamentado na importância da fotografia, da memória e da história oral, acreditamos ter levantado de forma satisfatória conhecimentos sobre o processo de formação e transformação da pequena cidade.

2.3 O caminho trilhado na pesquisa

Utilizamos de uma base de 15 entrevistas que totalizaram mais de 15 quinze horas e meia de gravação. Esta quantidade deve-se ao fato do número de pioneiros que puderam fornecer informações. Portanto, cabe lembrar que cinco entrevistas advêm de um banco de dados do pesquisador realizada em 2009, as quais foram captadas não somente no formato de áudio, mas também em vídeo. Havia-se a intenção de realizar mais de uma entrevista com o mesmo pioneiro, só que de modo infeliz, não foi possível, visto que alguns ainda vivem, mas outros faleceram.

A coleta e organização das fotografias foi uma das tarefas mais delicadas da pesquisa. Contamos com um acervo de 80 fotografias, entretanto foram selecionadas somente 10 fotos para serem apresentadas aos pioneiros no momento da entrevista, o mesmo número de 10 fotografias também utilizadas para realizar a combinação e o comparativo do passado e presente dos principais pontos da cidade.

Os autores das fotos que compõem os acervos da Prefeitura Municipal de Farol e Paróquia Santo Antônio em sua maioria são desconhecidos. Não conseguimos encontrar todas as informações, se foram realizadas pelas lentes de profissionais ou amadores. No entanto, ressaltamos que nenhum desses acervos estava disponibilizado ao público, então coube ao pesquisador realizar a divulgação e o levantamento de dados referentes à época e acontecimento.

Dessa forma, no intuito de conseguir informações, elaboramos um site no qual intitulamos de *faroletiando*, e vinculado a este site criamos um e-mail próprio em que qualquer pessoa poderia contribuir. Por conseguinte, obtivemos algumas contribuições por este meio, mas qualificamos que os álbuns originados em redes sociais forneceram mais resultados e informações, como: autor e acontecimento. Na figura 1, o colaborador, ao fornecer informações sobre a fotografia, escreve: “Essa igreja está no mesmo lugar da nova. A antiga foi desmontada depois ela estava por dentro da nova.

Essa foto foi tirada pelo seu José Jach era o enterro de uma filha do seu Silvestre Terniovcz[...] A foto original está comigo”

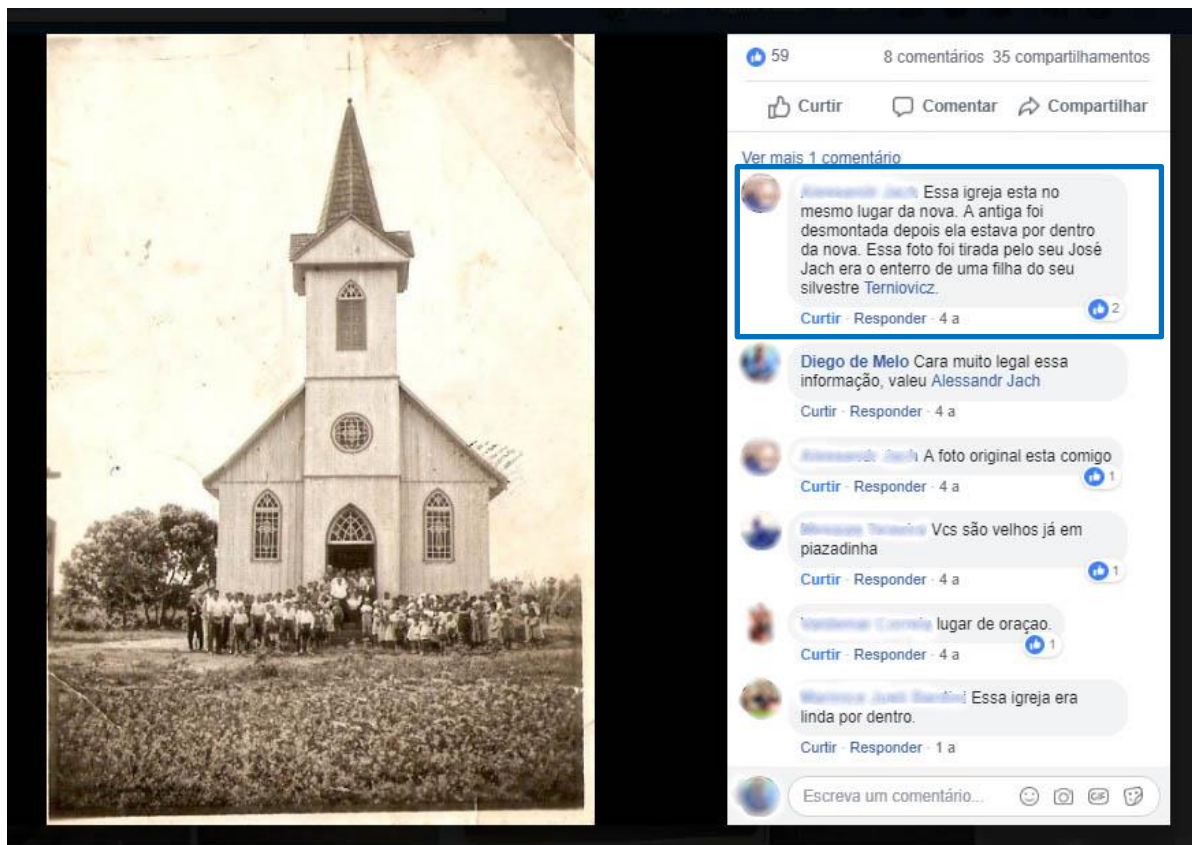


Figura 1 - Contribuição por rede social
Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php>
Elaboração: OLIVEIRA, Diego. M

Nesta pesquisa, aplicamos a metodologia já estruturada proposta por Maria Luiza Hoffmann (2015), que se dedicou em elaborar o procedimento metodológico que alia fotografias aos depoimentos de fontes orais juntamente com o método empregado por Boris Kossoy (2009), ressaltando que cada imagem corresponde a informações de identificação e texto de contextualização.

Assim, as imagens fotográficas foram utilizadas de duas maneiras, sendo elas: primeiro em seu caráter de valor documental e segundo como despertador de memória e facilitador durante a entrevista.

Nas imagens da cidade do passado, de sua infraestrutura e dos principais acontecimentos, os entrevistados revisitam os locais no plano imaginário e descrevem o costume da época e como foi o convívio em sociedade. Além do valor documental e vestígio do passado, as fotografias foram e ainda são importantes para consolidação da memória

coletiva e para o sentimento de ter feito parte, essencial da questão do enraizamento (HOFFMANN, 2015, p. 41)

Implementamos a metodologia elaborada por Hoffmann (2015) fazendo o uso de fotografias do presente. As fotografias do passado têm sua importância inegável, mas temos a possibilidade de avançarmos no entendimento do espaço geográfico quando entrecruzamos imagens do passado com imagens do presente.

Com o intuito de apresentar as transformações ocorridas na cidade de Farol por meio de imagens, inspiramo-nos em montagens históricas realizada pelo museu de Londres no ano de 2014, em que o passado e presente dos principais pontos da capital britânica são apresentadas em uma só imagem. O museu também elaborou um aplicativo chamado *Streetmuseum*, o qual oferece aos usuários que façam suas próprias fotos combinadas entre paisagens do passado e do presente.

A técnica que utilizamos para nos aproximar ao que foi realizado pelo Museu de Londres foi caminhar pela cidade de Farol, com fotografias selecionadas do acervo, que também apresentassem os principais pontos da cidade. Com base na foto antiga, realizamos fotos atuais que foram mescladas utilizando o programa *Photoshop*.

Dessa forma, as fotografias que sobrevivem nos interessam em um primeiro momento, mas também devem ser localizadas outras fontes para sustentar a pesquisa, pois a fotografia vai além da imagem apresentada.

Os critérios sugeridos por Kossoy (2009) são para os estudos históricos da fotografia, mas também podem ser utilizados por outros estudiosos que pretendem, entre outras fontes, utilizar o testemunho fotográfico em seus trabalhos. Para o estudo da fotografia, quatro grandes categorias devem ser consultadas, sendo elas: escritas, iconográficas, orais e objetos. Porém, mantivemos nossa atenção nas fontes orais, que consistiu em coletar depoimentos e entrevistas de pessoas da comunidade que puderam nos ajudar com informações do momento, identificação de cenários e personagens retratados nas fotografias.

De acordo com Silva (2000), a não utilização de outras fontes, incluindo principalmente as orais, ler e compreender as fotografias seria um trabalho irrealizável e que não faria muito sentido. Assim, “a fotografia pode funcionar como testemunho, pois atesta a existência de uma realidade, porém, por si só, não lhe atribui sentido, o qual precisa ser buscado em outras referências que deem conta do seu contexto” (SILVA, 2000, p. 139).

Assim, outra fonte referencial da qual fizemos uso é o da história oral, para

que, além da fotografia, possamos ter um estruturado aporte teórico que possibilite o resgate da memória.

A história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais (DELGADO, 2010, p. 15).

Seguindo a concepção de Delgado, utilizaremos, nesta proposta de pesquisa, a metodologia qualitativa na qual se inscreve a história oral, como um meio, um caminho para a produção do conhecimento e melhor entendimento da formação e transformação do espaço.

No entanto, isso não se reduz a uma simples técnica a serviço do pesquisador, pois é um procedimento que deve ser muito bem definido tanto do ponto de vista metodológico quanto epistemológico (FERNANDES, 1993, p. 220).

Entendemos que não é somente nos colocarmos na posição de entrevistador. O trabalho de campo exige do pesquisador uma série de habilidades. Para Paul Thompson (1992), existem diferentes formas de entrevista, aquela que vai desde uma conversa amigável e informal, até as mais elaboradas e formais. No entanto, o bom entrevistador deve elaborar sua própria metodologia, adequando as diferentes possibilidades de entrevista a seu interesse de estudo.

Dessa forma, para o desenvolvimento da pesquisa, seguiremos acreditando que “é necessário implementar, colocar em prática, um método particular que permita obter o máximo de informação, o mais confiável possível” (GARRIDO, 1993, p. 37).

Embora pareça o suficiente, mesmo que elaborada e colocada em prática, a metodologia exige outras características. Segundo Thompson (1992, p. 254), há algumas qualidades essenciais que um bom entrevistador deve apresentar: “interesse e respeito pelos outros como pessoas, capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pelas opiniões deles, e acima de tudo, disposição para ficar calado e escutar”. Nesse mesmo sentido, a geógrafa Maria das Graças de Lima (2011, p. 126) salienta que “a intensão é deixar sempre o entrevistado à vontade, falando sobre questões do seu cotidiano”.

Assim, para compreender o processo de transformação e formação de uma pequena cidade, fizemos o uso de metodologias cuja ideia inicial está voltada para a História, não sendo possível abrir mão desta consolidada base teórica.

Por fim, em termos metodológicos, o entrecruzamento de fontes tornou-se uma estratégia essencial desse trabalho, possibilitando uma análise mais detalhada da realidade. Os relatos orais levantados juntos aos pioneiros, associados as fotografias do passado às fotografias atuais e às fotografias aéreas nos deram condições de entender o processo de formação e transformação da cidade de Farol.

CAPITULO 3 – DO DISTRITO DE PINHALÃO À CIDADE FAROL – PR

3.1 “Sou antigo aqui. Quando cheguei aqui era só mato”

“A Geografia baseia-se, na realidade, na união dos elementos físicos e culturais da paisagem. O conteúdo da paisagem é encontrado, portanto nas qualidades físicas e culturais” (SAUER, 1998, p. 28).

No terceiro capítulo, abordamos o processo de ocupação do Paraná, mais especificamente a Mesorregião Centro Ocidental Paranaense. Apresentamos também a caracterização geográfica da área de estudo e sua localização, contextualizando o processo de colonização e de formação do município de Farol – PR. Para fundamentar esse capítulo, recorreremos aos geógrafos que desenvolveram pesquisas na Mesorregião Centro Ocidental Paranaense, como: Yokoo (2013), Andrade (2013), Costa (2013), Massoquim (2010), Onofre (2005), Colavite (2013), entre outros.

Também recorreremos ao livro da história oficial do município intitulado “Farol: Nossa Terra, Nossa Gente”, publicado em 2006, com dados de pesquisa realizado por Reynaldo Valaski e organizado por Gilmar Cardoso.

Antes de iniciarmos um entendimento sobre município de Farol, é necessário que caracterizemos a região de estudo. Conforme estabelece Mombeig (2004):

Nesse domínio, como nos outros, a geografia não consiste em colocar lado a lado um elemento do relevo, um fenômeno climático, um dado geológico, um aspecto da vegetação e um trecho da história; ela procura compreender como fenômenos isoláveis são estreitamente ligados uns aos outros pelo jogo de ações e interações. (MOMBEIG, 2004, p. 282)

A área de estudo também denominada de COMCAM – Comunidade de Municípios da Região de Campo Mourão (nome local) é uma das 10 mesorregiões geográficas que integram o Estado do Paraná.

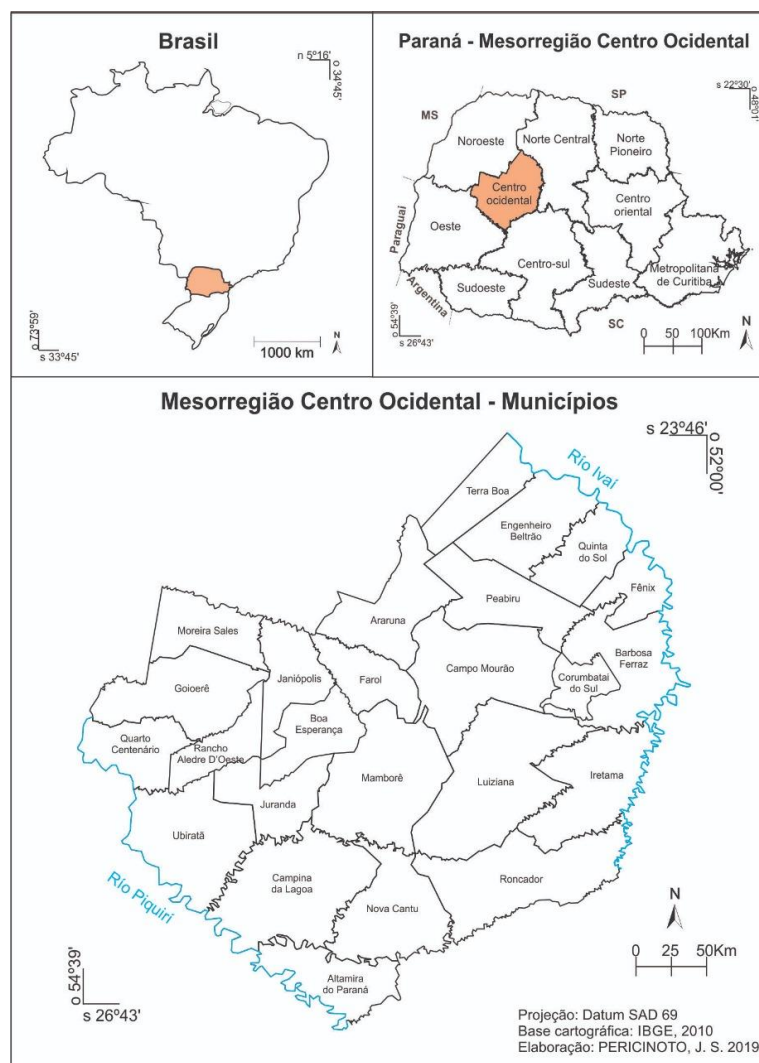


Figura 2- Mapa da Mesorregião Centro-Ocidental Paranaense
Fonte: IBGE, 2010.

A localização geográfica da referida Mesorregião é identificada pelos Paralelos $23^{\circ}33'05''$ e $24^{\circ}59'02''$ de Latitude Sul e entre os Meridianos $53^{\circ}18'20''$ a $51^{\circ}53'20''$ de Longitude Oeste do Meridiano de Greenwich. Abrange uma área total de $11.937.031 \text{ km}^2$ e está subdividida em duas Microrregiões: as Microrregiões Geográficas de Campo Mourão e de Goioerê, estando situada na zona geográfica do Terceiro Planalto Paranaense.

Os 25 municípios que compõem a Mesorregião Centro Ocidental do Paraná contam com uma população total de 334.125 habitantes proporcionando uma densidade demográfica estimada em 28 hab/km^2 , segundo o censo de 2010 (IBGE, 2010).

Tabela 1 - População e área dos municípios da Mesorregião Centro Ocidental Paranaense

Município	População Urbana	População Rural	População Total	Área (Km²)
1. Altamira do Paraná	2.135	2.171	4.306	386,9
2. Araruna	9.231	4.188	13.419	493,2
3. Barbosa Ferraz	7.897	4.759	12.656	538,6
4. Boa Esperança	2.640	1.928	4.568	307,4
5. Campina da Lagoa	10.512	4.882	15.394	796,6
6. Campo Mourão	82.139	5.055	87.194	757,9
7. Corumbataí do Sul	2.127	1.875	4.002	164,3
8. Engenheiro Beltrão	9.209	4.697	13.906	467,5
9. Farol	2.018	1.454	3.472	289,2
10. Fênix	3.784	1.018	4.802	234,1
11. Goioerê	25.242	3.776	29.018	564,2
12. Iretama	6.177	4.425	10.602	568,5
13. Janiópolis	3.677	2.855	6.532	335,7
14. Juranda	4.277	3.364	7.641	349,7
15. Luiziana	4.756	2.559	7.315	908,6
16. Mamborê	8.979	4.982	13.961	788,1
17. Moreira Sales	8.602	4.004	12.606	353,8
18. Nova Cantú	3.391	4.034	7.425	555,5
19. Peabiru	10.891	2.733	13.624	468,6
20. Quarto Centenário	2.912	1.944	4.856	321,9
21. Quinta do Sol	3.788	1.300	5.088	326,2
22. Rancho Alegre do Oeste	2.303	544	2.847	241,4
23. Roncador	6.990	4.547	11.537	742,1
24. Terra Boa	13.051	2.725	15.776	320,9
25. Ubitatã	17.541	4.017	21.558	652,6

Fonte: IBGE, Censo Demográfico, (2010)

Organizador por: OLIVEIRA (2018)

A Mesorregião Centro Ocidental do Paraná é de colonização recente (década de 1940), sendo o município de Campo Mourão considerado o polo regional da Mesorregião. Dos 25 municípios que a compõem, somente o município de Altamira do Paraná não foi desmembrado de Campo Mourão. Todos os demais 24 municípios foram emancipados de Campo Mourão, o qual foi emancipado do município de Pitanga em 1947.

Faz-se importante realizar uma breve caracterização ambiental da região, pois como estabelece Carl O. Sauer, “a Geografia baseia-se, na realidade, na união dos elementos físicos e culturais da paisagem. O conteúdo da paisagem é encontrado, portanto nas qualidades físicas e culturais” (SAUER, 1998, p. 28).

Mesmo que o enfoque da pesquisa seja a paisagem cultural, sabemos da importância de se entender a paisagem natural, pois ela fornece os materiais com os quais a paisagem cultural é formada (SAUER, 1998, p. 58).

Não queremos aqui somente caracterizar a paisagem natural da região, mas relacioná-la como parte do desenvolvimento da cidade Farol. Segundo Monbeig (2004):

Todos os elementos do meio geográfico devem ser submetidos a um exame minucioso e crítico; pois se nos contentarmos em enumerar os caracteres topográficos, vegetais e climáticos, nada fazemos de útil. Esses caracteres não são interessantes em si mesmos, mas sim na medida em que contribuíram, de uma forma qualquer, para a formação e crescimento da cidade. (MOMBEIG, 2004, p. 282)

A paisagem natural da Mesorregião Geográfica Centro Ocidental Paranaense ocorre de forma diferenciada por se tratar de uma região de transição climática, florística e geológica. Caracteriza-se pela influência de dois tipos de clima:

a) Clima Subtropical Mesotérmico - (CFA): área de atuação nos vales dos rios Piquiri e Ivaí, principalmente do curso médio até a foz no rio Paraná. As chuvas tendem a se concentrar no verão, oscilando entre 1.300 a 1.600 mm e apresentando a média de 75% umidade relativa do ar, portanto, não apresenta deficiência hídrica. Na estação mais fria, as geadas são pouco frequentes. Nos meses de maior calor, a temperatura média é superior a 22° C e nos meses mais frios, abaixo de 18° C (MAACK, 1981, p. 192);

b) Clima Subtropical Mesotérmico – (CFB): Situado nos divisores de águas dos rios Piquiri e Ivaí. Na estação mais quente, a temperatura é amena e no inverno as geadas são frequentes e intensas. A média anual da temperatura dos meses mais quentes é abaixo de 22° C e os meses mais frios inferiores a 18° C. A temperatura média anual é de 19° C. As precipitações oscilam entre 1.600 e 1.700 mm. A umidade relativa do ar é de 80% sem deficiência da média hídrica (MAACK, 1981, p. 192).

Os dois tipos de clima influenciaram na formação do bioma da Mata Atlântica e de três ecossistemas, sendo: a) *Floresta Ombrófila Mista* ou *Mata de Araucária*: formação florestal típico da região central com altitudes superiores a 500 metros s.n.m (sobre o nível do mar). Nosso recorte espacial de estudo compreende as áreas do divisor da bacia dos rios Piquiri e Ivaí, onde se destaca o pinheiro – *Araucaria angustifolia*, espécie arbórea dominante, e no sub-bosque desenvolve-se a erva-mate – *Ilex*

paraguariensis, a imbuia – *Ocotea porosa*, a canelas – *Nectanda sp*, entre outras espécies arbóreas secundárias (MAACK, 1981, p. 242).

Segundo Yokoo, pesquisador que desenvolveu uma tese na referida região com objetivo de compreender a dinâmica da mobilidade espacial das frentes de ocupação territorial, levantou-se a informação de que a expressiva reserva florestal de madeiras de- ei atraiu para esta região mais de 60 serrarias extraíndo e beneficiando madeiras nobres (pranchas, ripas, caibros, tábuas, etc.) para abastecimento do mercado local e regional de construção civil e mobiliário (YOKOO, 2013, p. 20).



Foto 1 - Serraria Vitória, década de 1960
Fonte: Acervo da Prefeitura de Farol – PR

O antigo povoado de Pinhalão chegou a contar com três serrarias, sendo elas: serraria Semiguem, serraria Vitória e serraria do Paschoal. A serraria Semiguem inicia seus trabalhos em 1949. Em entrevista realizada com Sr. Paulo Semiguem, que é descendente de ucraniano e filho de pioneiros farolenses, relata de onde seus pais vieram e em que ano eles chegaram ao pequeno povoado Pinhalão e como surgiu uma das serrarias do município de Farol:

Aqui em Farol aqui em “Pinhalão” filho de madeireiro pioneiro da região e católico também né, descendente de ucraniano. O meu pai veio de Rio Negro e a minha mãe de Canoinhas Santa Catarina, aí eles

chegaram pra Pitanga, de Pitanga vieram, acho que casaram vieram pra Roncador daí Terra do Alto, daí na Barra aqui em Campo Mourão. Em 1945 que eles chegaram aqui nesse lugar bem nesse lugar aqui em cinquenta e dois eu nasci e to até hoje aqui, e eles já se foram né mais ficou uma semente aqui.

A forma descrita pelo Sr. Paulo Semiguem de como as terras foram adquiridas por sua família demonstra o importante valor comercial da madeira da Araucária, Pinheiro ou até mesmo Pinhal, como também se referem a espécie *Araucariaangustifolia*.

Na época não comprava terra, comprava a madeira, ele era madeireiro como eu já falei. Então você comprava o pinhal das pessoas e comprando o pinhal eles davam a posse, e praticamente toda a maioria da área [...] comprava a madeira e a terra ia de graça. O que menos importava pras pessoa era a terra.

Assim, é importante perceber como os homens tiraram proveito do meio ambiente. Segundo Cardoso (2006, p.30), a serraria Semiguem “foi a primeira e maior indústria instalada no património de Pinhalão”, e grande parte das pessoas que chegavam na localidade buscavam emprego nas serrarias. Ainda que de forma simples, as serrarias desempenharam uma importante função nas pequenas cidades.

De acordo com Mobeig (2004, p. 302), “A função industrial pode ser modestamente representada pelas serrarias, pelas máquinas de beneficiar e é, todavia, capaz, mesmo sob essa forma reduzida, de fazer uma cidade embrionária passar rapidamente a uma atividade caracterizada”.

Em uma entrevista cedida pelo Sr. José Volochen conta onde conseguiu emprego quando chegou no antigo povoado:

Sessenta e um eu vim pra Farol, por que eu era carpinteiro vim trabalhar na firma que era do Semiguem. Na serraria fiquei vinte cinco ano, eu tocava a serraria as vezes, fazia casa, trabalhei muito tempo.

Em relato colhido da antiga moradora, Sr.^a Judith Bento da Silva, que chegou em Farol em meados de 1960, a mesma conta como eram as casas da área rural e do pequeno povoado antes de se tornar Farol. Possuir uma casa de madeira de pinheiro no sitio era algo diferente, pois a maioria das residências eram feitas de forma bem rústicas:

Das casas de Farol tudo era madeira e telha. Agora as casa do sitio nosso, era 13 (treze) rancho não tinha nenhum de telha. Quando nois

fez a casa de telha e de pinheiro, toda de pinheiro [...] Vixe Maria! Aí o pessoal falava, ficou rico, fez uma casa de telha e talba, casa de madeira e comprou um rádio, Vixe Maria!

A Foto 2 mostra uma casa construída na área rural do município de Farol, de forma modesta a cobertura como bem relatou a Dona Judith, a qual não era feita com telhas, mas sim de tabuinhas.



Foto 2 - Propriedade de Sr. Roque Pinto, área rural do distrito de Pinhalão, 1966.
Fonte: Acervo da Prefeitura de Farol – PR

Voltaremos a falar um pouco mais sobre as características das casas da cidade de Farol no capítulo subsequente desta pesquisa, pois como identificou Monbeig (2004, p. 296), houve período nos estudos urbanos que ocorreu “talvez uma forte tendência nas monografias urbanas a desprezar a casa”.

Já do ponto de vista geológico, a Mesorregião é formada por parte dos dois compartimentos que formam o terceiro planalto Paranaense: o arenítico (ocupando um triângulo na parte centro ocidental) e o basáltico, que fica no entorno e ocupa a maior parte da região. Já do ponto de vista geomorfológico, podem ser vislumbradas duas grandes unidades de relevo: as que se constituem de chapadas e colinas

suaves, formadas na área central na estrutura arenítica, e as formadas estruturas basálticas, composta por patamares e mesetas (MASSOQUIM, 2010, p. 72).

De acordo com o mapa de reconhecimento de solo fornecido pela EMBRAPA, o município apresenta a seguinte classificação: a) Argissolo Vermelho Distrófico; b) Argissolo Vermelho Eutrófico; c) Latossolo Vermelho Distroférico; d) Latossolo Vermelho Distrófico; e) Latossolo Vermelho Eutroférico; f) Latossolo Vermelho Eutrófico; g) Nitossolo Vermelho Eutroférico.

Dentre os solos descritos, o Latossolo apresenta maior extensão em comparação aos demais, seguido pelos solos provenientes da decomposição de arenito da Formação Caiuá (EMBRAPA, 2006). Estes últimos caracterizam-se por formar solos com textura que variam de arenosa à média, com elevado teor de areia e baixa porcentagem de argila.

O relevo do Município é classificado por Martins (2003) da seguinte forma: a) suavemente ondulado = 40%; b) ondulado = 50%; e c) montanhoso = 10%. Segundo Mombeig (2004, p. 281), “Entre os diversos fatores naturais, o elemento relevo aparece como o mais decisivo, e sobretudo como o mais fácil de se patentear na primeira análise”. No entanto, todos os outros elementos naturais, como clima, solo, vegetação devem ser levados em consideração nos estudos geográficos.

3.2 “As coisas mudam e o povo também, né?!” Antes de Farol: Ocupação e Colonização da Mesorregião

“A natureza prepara o local e o homem organiza-o de modo a lhe permitir corresponder a seus desejos e necessidades” (Paul Vidal de la Blache, 1922)

Há um consenso entre os pesquisadores que estudaram a Mesorregião Centro Ocidental Paranaense. Yokoo (2002), Andrade (2013), Serra (1991), entre outros concordam que a referente região foi o palco do encontro de várias frentes de ocupação territorial, ou seja, do avanço das frentes de expansão e das frentes pioneiras compostas por caboclos e por colonos. Este último é possuidor de algum capital proveniente das diversas regiões paranaenses. Neste movimento migratório se encontraram no vale do chamado Piquirivaí (YOKOO, 2009).

Frente de expansão e frente pioneira são dois assuntos a serem abordados antes de nos aprofundarmos na questão do processo de colonização oficial,

especialmente na região de Campo Mourão. Então, fazemos uma breve discussão das frentes de expansão também denominadas de ocupação tradicional e da frente pioneira, denominada de econômica.

Segundo Yokoo (2013), a frente de expansão teve como principais atores sociais as sociedades indígenas e os agricultores-posseiros (caboclos e colonos pobres). Nesta fase, a terra não era mercantilizada e o acesso à propriedade da terra era efetuado por posses, de acordo com a legislação específica. No entanto, pode-se observar que o uso da terra se dava com finalidades da subsistência familiar.

O mesmo autor também explica:

A frente de ocupação pode ser identificada como a que atuou na faixa da frente demográfica e da frente econômica, isto é, socialmente eram “amansadores de terras”, antes do aporte das frentes pioneiras, já que esta etapa foi caracterizada pela colonização dirigida, que objetivou a mercantilização das terras. Esse tipo de ocupação pôde ser caracterizado num modelo não capitalista (YOKOO, 2013, p. 26).

Já a frente pioneira, com base nos estudos de Áurea Andrade de Viana Andrade (2013) e Edson Noriyuki Yokoo (2013), apresenta-se com abordagens mais complexas, e não há um consenso entre as definições e entendimento, o que permite múltiplas interpretações, dependendo da escala temporal, geográfica e do tipo de sociedade pesquisada.

Contudo, Yokoo (2013) afirma que o conceito frente pioneira está associado à colonização empresarial, pois a terra é transformada e vendida como mercadoria obedecendo à lógica do capital de uma sociedade que dispõe de grandes estoques de terrenos devolutos, ou seja, terras pertencentes ao Estado e de populações expropriadas, ou em via de serem expropriadas da terra (YOKOO, 2013, p. 27).

Segundo Andrade (2013), a ocupação do Paraná foi bem heterogênea, isto é, ocorreu em diferentes fases. Alguns historiadores atribuem essas diferentes fases à ampla área territorial associada às características físicas naturais. Em seus aspectos geo-históricos, tal processo é dividido em “Tradicional” e “Moderno”, este último conhecido também como “Nortista”.

Conforme Souza (1971), o povoamento e a colonização do Paraná “foram feitos a partir de quatro elementos, cuja ação foi dividida, no tempo, em três fases sucessivas”. A primeira corresponde à ocupação pioneira, dos portugueses no litoral e dos espanhóis no oeste paranaense. A segunda, corresponde ao processo de

ocupação e povoamento do primeiro e segundo planalto; e a terceira fase é caracterizada “pelo desenvolvimento da cultura do café no Norte e pela ocupação da região” (SOUZA, 1968, p. 49).

Para Wachowicz (2002, p. 279), “em consequência das fases históricas que condicionam a colonização do território paranaense, podemos dividir a ocupação do estado em três áreas histórico-culturais”. A primeira corresponde ao Paraná Tradicional; a segunda, ao Norte do Paraná; e a terceira, à região Oeste Paranaense.

Não é nossa intenção nos estendermos no entendimento de cada forma de ocupação, no entanto, é necessário a contextualização da origem de Campo Mourão, da qual o município de Farol foi desmembrado. Segundo Yokoo (2009, p. 6), “o povoado chamado inicialmente de Campo do Mourão já existia em 1920, algumas décadas antes da constituição da frente pioneira cafeeira no norte novo e novíssimo paranaense”.

De acordo com Bernardes

Por sua posição quase central entre dois grandes vales do planalto, do Ivaí e Piquiri, e por sua situação em um espigão plano de encostas suaves, esta minúscula mancha de campo foi-se tornando aos poucos uma espécie de base de operações para os batedores que partindo do rio Paraná ou de Guarapuava exploravam estes sertões (BERNARDES, 1952, p. 444).

Andrade (2013, p. 115) ainda complementa que a região de Campo Mourão em seus aspectos de ocupação humana se difere das demais regiões do estado do Paraná, pois houve encontro de frentes pioneiras do Norte e do Sudoeste, com pessoas vindas do nordeste, sudeste e do Sul do Brasil.

Segundo N. Bernardes (1952), Monbeig (1984), Hespanhol (1990), os atributos naturais foram fatores responsáveis pela atração de mineiros, paulistas, baianos, bem como rio-grandenses, catarinenses e paranaenses do leste e contribuíram para territorialização desses povos que vieram das referidas frentes. Vale ressaltar que a cultura dessas pessoas também reflete nas territorialidades, na identidade, na complexidade e na heterogeneidade regional.

É importante salientar, como já foi descrito na introdução dessa pesquisa, que a Mesorregião Centro Ocidental Paranaense à qual Farol está inserida não foi um território desabitado, mesmo antes de batedores, frente expansão e frente pioneira. Estudos desenvolvidos na região confirmam a presença de grupos indígenas.

Segundo Yokoo (2013), não é possível detalhar a origem da presença indígena no território da região, pois,

A formação do Território Indígena dos paleoamericanos no território paranaense, ou seja, dos primitivos habitantes, tem o período pré-histórico abrangido é por demais extensos, abrangendo entre 3.000 a 9.000 anos A.P.(Antes do Presente). Enquanto que, são somente cinco séculos de história, de expropriação territorial e consequentemente do despovoamento indígenas iniciados a partir do século XV com os primeiros contatos com os conquistadores/colonizadores ibéricos (YOKOO, 2013, p. 33).

Cabe ressaltar que o despovoamento na região de Campo Mourão não passou imune a conflitos, pois o acelerado povoamento chocava com tribos já estabelecidas, principalmente Kaingang, já que nas novas “[...] terras na margem esquerda do rio Ivaí haviam sido doadas, mas por falta de demarcação estavam igualmente sendo invadidas” (MOTA, 1994, p. 164).

Com o avanço da frente cafeeira no oeste paulista, os remanescentes dos Kaingang no ano de 1912 foram expropriados de seus territórios tradicionais (MONBEIG, 1984, p. 130) e, no território paranaense, os últimos grupos sobreviventes foram cooptados e apaziguados pelas autoridades governamentais e confinados em Reservas Indígenas a partir da década de 1930.

De acordo com Yokoo (2013, p. 135), “de certo modo, os índios, caboclos, camponeses e os grileiros de terras constituíam-se atores principais da frente de expansão demográfica do interior paranaense”. A diversidade dos atores sociais ainda foi reforçada pela estrada aberta ligando Maringá a Campo Mourão o que permitiu a sobreposição de duas frentes de ocupação territorial: a frente pioneira nortista (cafeeira) de maior dinamismo econômico interligou-se com a outra frente oriunda do sul (agricultura colonial e pecuária suína). Esta última estava estacionada no entorno de Campo Mourão, pois, de acordo com Monbeig:

Atualmente as duas correntes pioneiras superpõem-se curiosamente, os paulistas procurando as boas terras roxas, que ficam nas partes baixas do vale do [rio] Ivaí, enquanto que os “safristas” vindo do sul preferem os solos pobres dos altos. Entretanto, essa estratificação não parece ter chance de durar, porque os plantadores de café sabem muito bem que suas plantações não resistirão às geadas brancas dos vales e que terão de abandonar as terras roxas e subir para o alto dos espigões (MONBEIG, 1984, p. 207).

O que foi escrito por Monbeig (1984) é reforçado por Andrade (2013, p. 91), para quem “a região de Campo Mourão, além de ser palco de disputas pelos pecuaristas, também recebia agricultores de diferentes estados, sobretudo de São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina e Rio Grande do Sul”.

Segundo Hespanhol (1990, p. 56), “a ocupação sistemática da região de Campo Mourão, bem como de toda a área situada ao Sul do rio Ivaí, intensificou-se a partir da década de 1940, com a implementação pelo poder público estadual”. É nesse período em meio a essas ocupações que se inicia o povoado de Pinhalão, hoje denominado Farol.

3.3 Paisagem, Tempo e Lugar: “Não tem mais volta, não adianta que acabou”

“Para fortalecer nossos sentidos do eu, o passado precisa ser resgatado e tornado acessível”. (TUAN, 2013, p. 228)

O entendimento da formação e transformação da cidade de Farol apresentado nessa seção é concebida sob o viés do lugar, por meio dos relatos orais e fotografias do passado. A história do município de Farol-PR inicia-se em meados de 1934, de forma que em seu território nesse período habitavam muitas poucas pessoas, sendo somente em 1942 que ocorrera a colonização oficial de forma mais intensa. O processo de povoamento envolveu, principalmente, famílias oriundas do sul do Paraná, mas também vindas de vários estados do Brasil, como São Paulo, Minas Gerais, além do nordeste brasileiro. Em termos evolutivos, Farol teve outras nomenclaturas. Em 1948 passou a patrimônio com o nome de Pinhalão, pertencendo ao município de Campo Mourão-PR, e em 30 de novembro de 1955, passa a ser distrito administrativo de Farol. (CARDOSO, 2006, p.19).

Em 1989, foi constituída uma comissão pró-emancipação. Em 23 de junho de 1991, foi realizado um plebiscito para consultar a comunidade e decidir uma ação, emancipar-se de Campo Mourão e torna-se município ou continuar como distrito. Os votos para que Farol viesse a tornar-se município foram de 1.316, contra 45 que optaram por continuar como distrito.

Assim, pela Lei Estadual Nº 9.785, de 25 de outubro de 1991, foi criado o município de Farol, porém a instalação oficial só ocorreu em 01 de janeiro de 1993, quando foi empossado o primeiro prefeito. Pela lei municipal nº 275, de 29-12-2003, é criado o distrito de Martinópolis e anexado ao município de Farol. A figura 4

apresenta o brasão de armas do município de Farol. As datas grifadas no listel do brasão do lado esquerdo referem-se ao dia do plebiscito 23/06/1991. Já a data do lado direito – 01/01/1993, é referente à instalação na categoria de município. A data comemorativa do aniversário de Farol é uma combinação do dia 23 de Junho quando foi realizado o plebiscito e o ano de 1993, quando ocorreu a instalação oficial.



Figura 3 - Brasão do município de Farol
Fonte: Câmara Municipal de Farol

É curioso que, mesmo que tenha estabelecido o nome Farol, já quando se tornou distrito administrativo, os moradores continuaram a chamá-lo de Pinhalão durante alguns anos. Essa questão pode ser melhor entendida por meio dos estudos toponímicos, que segundo Bastiani, Andrade e Pereira (2018, p. 115):

[...] o lugar deve ser entendido como algo além de uma simples localidade ou um espaço determinado, tendo em vista que, ao escolher um determinado nome para um lugar, o denominador passa a manter com ele uma relação de identidade. Logo, pode-se arrazoar que os nomes de lugares nem sempre são fruto de uma escolha ocasional. (BASTIANI, ANDRADE E PEREIRA, 2018, p. 115)

A origem do nome de um município é muito importante e pode ajudar na compreensão e no entendimento da formação e da construção do lugar. Segundo Yokoo (2012, p. 23) “é relevante a toponímia regional, relacionado à herança social da ocupação regional”. They (2005, p. 54) argumenta que “um dos atos de maior importância e mais carregado de símbolos na criação de um município é dar-lhe um nome, e o estudo da toponímia revela muito sobre a sociedade brasileira”.

No Quadro 1, elaborado por Yokko (2012), sobre a origem dos nomes dos municípios da Mesorregião Centro-Occidental, Farol é enquadrado na categoria “outros”, mas seus nomes anteriores como Pinhalão poderia ser enquadrado na categoria Meio Ambiente e seu outro nome de pouco período de duração, que foi Afonso Botelho, entraria na categoria Personagens Históricas.

Quadro 1 - Toponímia dos municípios da Mesorregião Centro-Occidental

Nomes Indígenas	Personagens Históricas	Meio Ambiente	Qualificativo	Pontos Cardeais	Outros
Araruna	Barbosa Ferraz	Campina da Lagoa	Boa Esperança	Corumbataí do sul	Farol
Altamira do Paraná	Campo Mourão	Quinta do Sol	Quarto Centenário	Rancho Alegre do Oeste	Fênix
Goioerê	Engº Beltrão	Nova Cantú	Terra Boa		
Iretama	Janiópolis	Roncador			
Juranda	Luiziana				
Mamborê	Moreira Sales				
Peabiru					
Ubiratã					

Fonte: FERREIRA (1999)

Organizado por: YOKKO, 2012.

O nome do povoado de Pinhalão está relacionado à paisagem natural da Mata de Araucária, vegetação predominante do local,, porém ao ser elevado à categoria de distrito, a nomenclatura foi substituída, pois entre os 399 municípios que compõem o estado do Paraná, já existia outro município situado no norte pioneiro, instalado já em 1952, com o mesmo nome. Deste modo, o município recebeu o nome de Afonso Botelho, mas pouco tempo depois de forma definitiva escolheram o nome Farol, sendo o gentílico de quem habita o município, farolense.

De acordo com a história oficial do município, vinculada também pelo IBGE (2010), a origem do nome Farol se deu ao fato do cruzamento das estradas entre municípios vizinhos que ligavam Campo Mourão, Pinhalão (Farol), Boa Esperança (Barreirão) e Janiópolis (Arapuã/Barreirinha). Segundo relatos dos pioneiros, no local do cruzamento existia uma placa fluorescente indicando as direções das estradas, e por este motivo o nome “Farol”.

O município de Farol – PR, localizado na Mesorregião Centro Ocidental do Paraná, assim denominado pelo Instituto Brasileiro de Geografia Estatística – IBGE, faz limite com os municípios de Araruna e Tuneiras do Oeste ao norte, Boa Esperança e Mamborê ao sul, Campo Mourão à leste e com Janiópolis à oeste, possuindo uma área total de 289.232 km², estando a uma altitude de 630 m conforme pode ser visualizado no mapa 3 (IPARDES, 2010, p. 2).

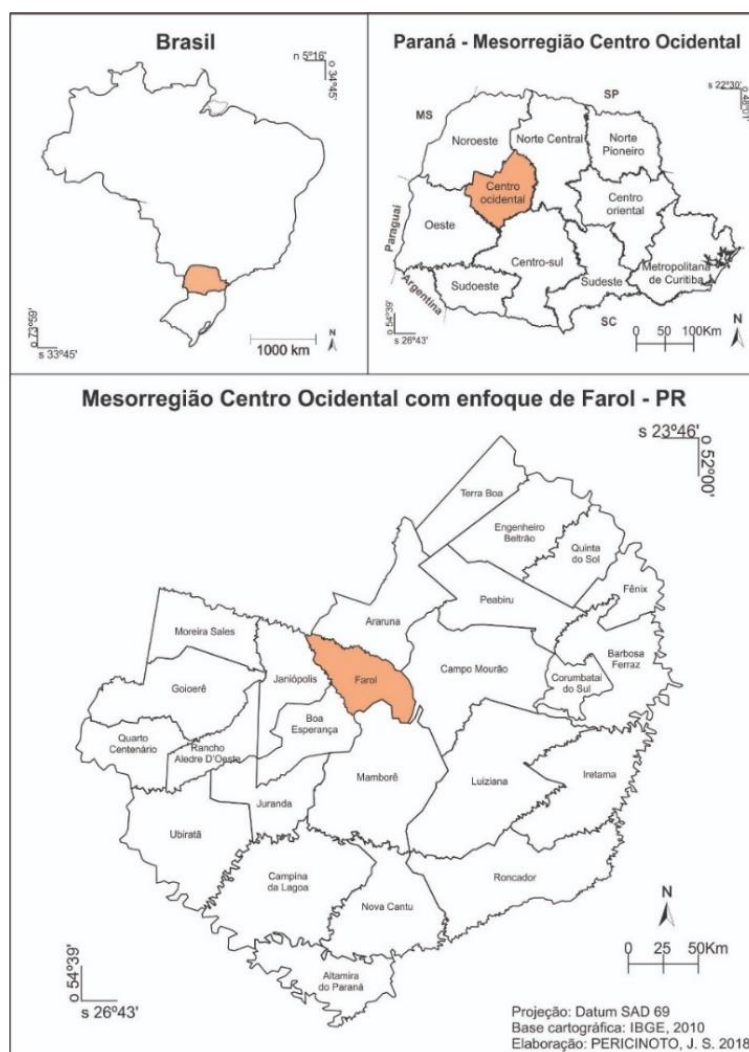


Figura 4 - Mesorregião Centro-Occidental Paranaense com enfoque de Farol - PR
Fonte: IBGE, 2010.

Atualmente, Farol conta com a menor população urbana da Mesorregião Centro Ocidental do Paraná, sendo 2.018 habitantes urbanos e 1.454 habitantes rurais, totalizando 3.472 habitantes, cuja densidade demográfica é de 12 hab/km².

Se aplicássemos a metodologia de classificação usada pela OCDE (1994) – Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico –, o espaço de Farol poderia ser classificado como rural, pois a OCDE (1994) define as áreas com menos

de 150 hab/km² como sendo rurais. Entretanto, concordamos com Rodrigues (2014, p. 440) “que a dimensão demográfica por si só, não é suficiente para definir o que é rural ou urbano”.

Farol apresenta a segunda menor população da Mesorregião e a menor população da microrregião de Campo Mourão. Comparando a outros municípios, em termos de números de habitantes se encontra em 359^o de 399^o no estado e em 4890^o de 5570^o no país, segundo dados do IBGE (2010).

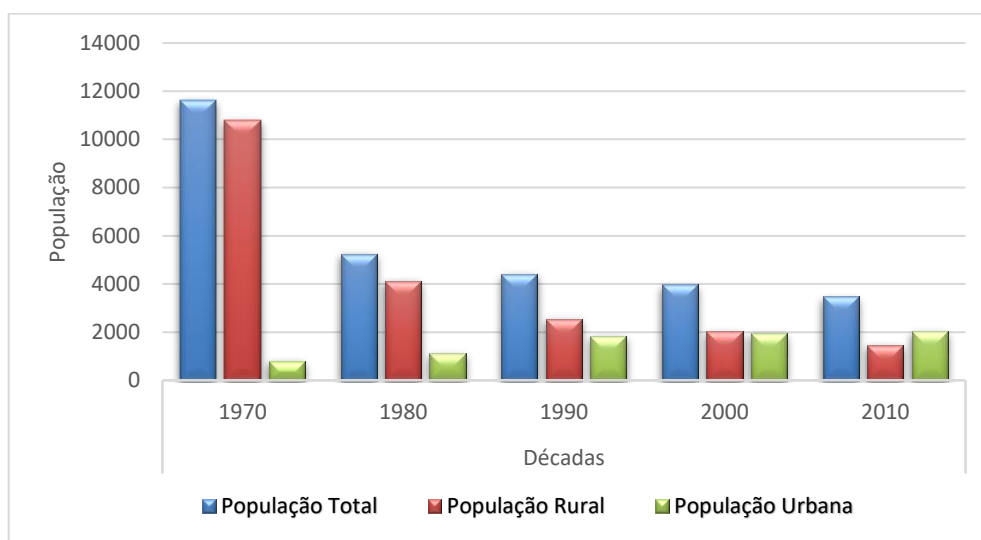


Gráfico 1 - População total, urbana e rural de Farol
Fonte: IBGE (2010)
Organizado por: OLIVEIRA, Diego (2019).

Em 1970, Farol contava com uma população de 11.614 habitantes, sendo 808 habitantes urbanos e 10.806 habitantes rurais.

De acordo com a Gráfico 1, a população rural entre as décadas de 1970 e 1980 reduziu em 6.791 habitantes, um número muito expressivo, demonstrando o intenso processo de desterritorialização. Em 2010, a população total do município foi de 3.472 habitantes, sendo 2.018 habitantes urbanos e 1.454 rurais, ocorrendo uma diminuição de 8.220 habitantes no município (IBGE, 2010).

É importante lembrar que a perda populacional não ocorreu somente a nível de escala municipal. O que aconteceu em Farol está relacionado a um momento do Brasil. De acordo com Andrade (2013, p. 152), o processo de desterritorialização foi desigual entre as regiões, estados e municípios. O estado do Paraná é um dos estados brasileiros que mais perdeu população rural. Após passar por um momento de

atração populacional dentre as décadas de 1950 a 1960, o Paraná embrenha-se numa retração aguda a partir de 1970. Nesse sentido, Martine (1987) escreve:

Durante as décadas de cinquenta e de sessenta, o Paraná caracterizou-se por elevadas taxas de crescimento demográfico, devido, em grande medida, ao intenso fluxo de migrantes para as áreas de fronteiras agrícola, principalmente ao norte do estado. No entanto, nos anos setenta, assistiu-se a reversão desse padrão de crescimento, quando o estado passou de receptor a expulsor de população. A taxa de crescimento anual da população total sofreu uma queda acentuada do patamar de 7,0%; na década de cinquenta, para 1,0% na, de setenta. (MARTINE,1987, p. 150).

Para Andrade (2013, p. 155), nas últimas quatro décadas conforme Tabela 2, a população absoluta da microrregião de Campo Mourão vem se declinando. De 332.415, registrado no Censo de 1970, para 217.374, no Censo de 2010. Sem dúvida, a intensiva mecanização, bem como a dinâmica acelerada da concentração da posse da terra estão na base da redução de mais de 114 mil habitantes.

Tabela 2 - População rural e urbana da microrregião geográfica de Campo Mourão – 1970/2010

Microrregião Geográfica de Campo Mourão	POPULAÇÃO-HABITANTES									
	RURAL					URBANA				
	1970	1980	1991	2000	2010	1970	1980	1991	2000	2010
Araruna	19.207	9.743	6.529	3.947	2944	4.167	4.576	5.858	9.134	10.475
Barb.Fer-raz C.	31.347	26.802	7.517	4.375	3.075	6.065	10.815	10.870	9.735	9.581
Mourão	49.338	26.409	9.983	5.722	4.518	27.780	50.366	72.335	74.754	82.676
Cor. do Sul	10.384	7.453	4.880	2.960	1.875	609	1.396	1.762	1.998	2.127
Eng. Beltrão	21.962	9.756	6.293	2.953	1.628	3.415	5.788	8.378	11.129	12.278
Farol	10.806	4.115	2.551	2.019	1.454	808	1.118	1.837	1.944	2.018
Fênix	11.913	4.141	1.967	1.106	807	2.897	3.438	4.016	3.836	3.995
Iretama	13.328	17.929	9.292	5.179	4.435	1.722	4.373	6.522	6.156	6.187
Luiziana	7.209	10.059	5.916	3.402	2.559	316	1.796	3.187	4.138	4.756
Mamborê	29.780	16.561	7.718	6.141	4.977	4.735	8.419	8.314	9.014	8.984
Peabirú	17446	8.292	5.014	2.991	2.615	6.726	7.939	9.147	10.491	11.009
Quinta do Sol	14.134	5.078	2.227	2.305	1.277	1.757	2.755	3.372	3.454	3.811
Roncador	12.401	14.834	11.579	6.809	4.417	1.051	3.542	5.994	6.826	7.120
Terra Boa	14.456	9.036	5.201	3.463	2.725	5.355	7.440	9.761	11.177	13.051
Microrregião	263.711	170.208	86.667	53.372	39.306	67.704	113.761	151.353	163.786	178.068

Fonte: IBGE - Org.: ANDRADE, Aurea (2012)

Adaptado: OLIVEIRA, Diego M. (2018)

Atualmente, embora a cidade de Farol-PR seja a segunda menor em números de habitantes da mesorregião centro ocidental paranaense, com 3.472 moradores, segundo dados do IBGE (2010), isso não diminui a relevância da pesquisa nem faz com que ela seja menos importante, mesmo que ocorra um interesse maior por

estudar grandes cidades. Como salienta Wanderley (2001, p. 02), “a pesquisa sobre os pequenos municípios parece permanecer à margem do interesse dos pesquisadores, sem que se formule sobre eles uma reflexão mais sistemática”.

E ainda, conforme Santos (2008):

A maioria dos estudos urbanos, em países subdesenvolvidos se interessa de preferência pelas cidades grandes, principalmente pelo fenômeno da macrocefalia. Todavia, se considerarmos com atenção tanto as estatísticas como a realidade, vemos perfilar-se outros fenômenos urbanos, o das cidades locais que a nosso ver, merece tanto interesse quanto o precedente (SANTOS, 2008, p. 85).

A cidade – seja ela pequena, média ou grande – possui um passado que está ligado à vida e memória de muitos, o que não pode ser deixado de lado. Aliás, escritos sobre a memória de cidades pequenas são quase inexistentes, assim como há um maior interesse em estudar cidades grandes quando a preocupação é o espaço urbano. A situação não é muito diferente quando o assunto é a memória das cidades. Por sua vez, a cidade de Farol-PR não escapa desse desinteresse, o que nos leva a caminhar em direção diferente da maioria das pesquisas.

Por meio das memórias dos antigos moradores, foi possível fazer uma aproximação e reconstituir a trajetória da formação da cidade de Farol, entender quais são algumas marcas de identidade que ainda permanecem no tempo e no espaço e compreender como o espaço urbano se formou e transformou no decorrer do tempo.

Área Rural: “É assim que eu vivia com meus filhos lá na roça”

Em relatos dos entrevistados, foi possível perceber que a pequena cidade apresenta um laço muito estreito com o meio rural. Ainda que, atualmente, a maioria dos entrevistados residam na cidade, acompanharam o processo de crescimento, morando no campo e vindo à cidade para comprar e entregar produtos, principalmente cereais.

Cabe citar mais uma vez Monbeig (2004, p. 301), que identifica muito bem as relações desenvolvida nas pequenas cidades da década de 40, 50 e 60:

A função urbana não é menos interessante numa cidade pequena do que numa capital: é aí menos difícil de estudar e seus diferentes elementos decompõem-se mais facilmente. É a função comercial, ligada à presença dos meios de transporte, mais frequentemente, a razão de

ser das pequenas cidades do interior: fazendeiros, colonos, sitiante, aí trazem suas colheitas e aí compram roupas, instrumentos de trabalho de que necessitam.

Sr. Abilio Correia Ferreira, que chegou em Farol no ano de 1945, relata quais eram suas colheitas e como levava seus produtos para serem comercializado no distrito de Pinhalão:

Antigamente era mais movimentado [...] era povo, sábado e domingo, muitas vezes, vinha três vezes de carroção, trazer as coisas pra vende, meu irmão tinha carroção, vendia cinco saco de feijão, três sacos de feijão, dois saco de feijão, não vinha numa viagem, tinha que dar duas, chegava em casa à noite, daqui lá, da 7 quilometro. Vendia feijão, milho, galinha, porco, tinha tudo no sitio.

O meio de transporte mais utilizado entre as décadas 1950, 1960 e meados da década 1970 foram os carroções, como mostra a Foto 3. Atualmente no município de Farol não há mais nenhum carroção em circulação, sendo os transportes de tração animal ainda existentes somente charretes e carrinhos.



Foto 3 - Pioneiro conduzindo carroção em Farol-PR, 1960
Fonte: Acervo da Prefeitura de Farol – PR



Foto 4 – Carroção conduzido por produtor na área rural de Prudentópolis-PR, 2018

Fonte: OLIVEIRA, Diego M.

Embora esta pesquisa não se trata de um comparativo entre municípios, é interessante chamar a atenção para as formas de como os processos de transformações dos espaços podem ocorrer de maneira diferenciadas dependendo da região e localização geográfica em que a área se encontra. No município de Farol, os carroções desapareçam já em meados da década de 1980, enquanto no município de Prudentópolis-PR, que possui a maior cidade da Mesorregião Geográfica Sudeste Paranaense, os carroções são utilizados amplamente como meio de transporte conforme apresenta a Foto 4.

A explicação sobre a permanência de um elemento em um lugar e o desaparecimento em outro não é tão simples, mas de forma ampla Santos (2012, p. 258-259) argumenta que:

“O lugar é pois, o resultado de ações multilaterais que se realizam em tempos desiguais sobre cada um e em todos os pontos da superfície terrestre [...] Dentro de cada sistema histórico, as variáveis evoluem assincronicamente, mas o sistema geográfico muda sincronicamente [...] Levando em conta a defasagem entre variáveis e os pedaços de tempo correspondente, chega-se explicar as diversidades de organização do espaço.

Ainda sobre as formas e estruturas diferenciadas dos espaços, Santos (2005)) mais especificamente sobre a região sul, nos ajuda a entender essas permanências e transformações quando argumenta:

“À grande região sul, ela reúne áreas de povoamento mais antigo, incorporadas à civilização mecânica desde o fins dos séculos passados, e outras cuja incorporação tardia à civilização técnica lhes permitiu um desenvolvimento urbano mais rápido” (SANTOS, 2005, p. 70)

Dentro dessa perspectiva, o município de Farol como já foi abordado está localizado em uma área de povoamento recente e incorporação tardia, o desenvolvimento técnico não está voltado para o espaço urbano, mas sim para a área rural do município, em que a maioria dos serviços são realizados com as melhores e últimas máquinas disponíveis. Desta maneira, mesmo com atividades econômicas industriais e comerciais pouco significativas, o município está em primeiro lugar na economia da microrregião de Campo Mourão, que é composta por 14 municípios. Assim, é importante perceber que o declínio demográfico é acompanhado pela diminuição da pequena propriedade e aumento do latifúndio. De acordo com o Gráfico 2, nota-se o declínio na quantidade de propriedades até 10 alqueires.

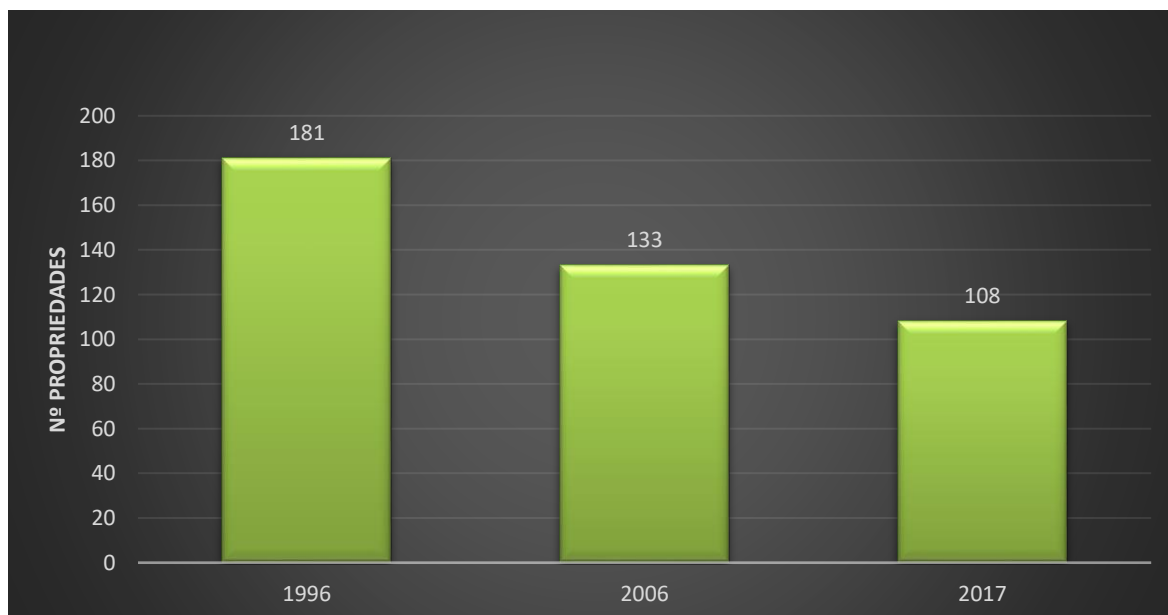


Gráfico 2 - Numero de Estabelecimento Agropecuário 0-10 ha, Farol-PR

Fonte: IBGE (2010)

Organizado por: OLIVEIRA, Diego (2019).

O Gráfico 3 apresenta a diminuição de propriedades com até 10 alqueires de 1970 e 1980 do município de Campo Mourão. Nesse período, Farol enquanto distrito estava anexado ao território de Campo Mourão.

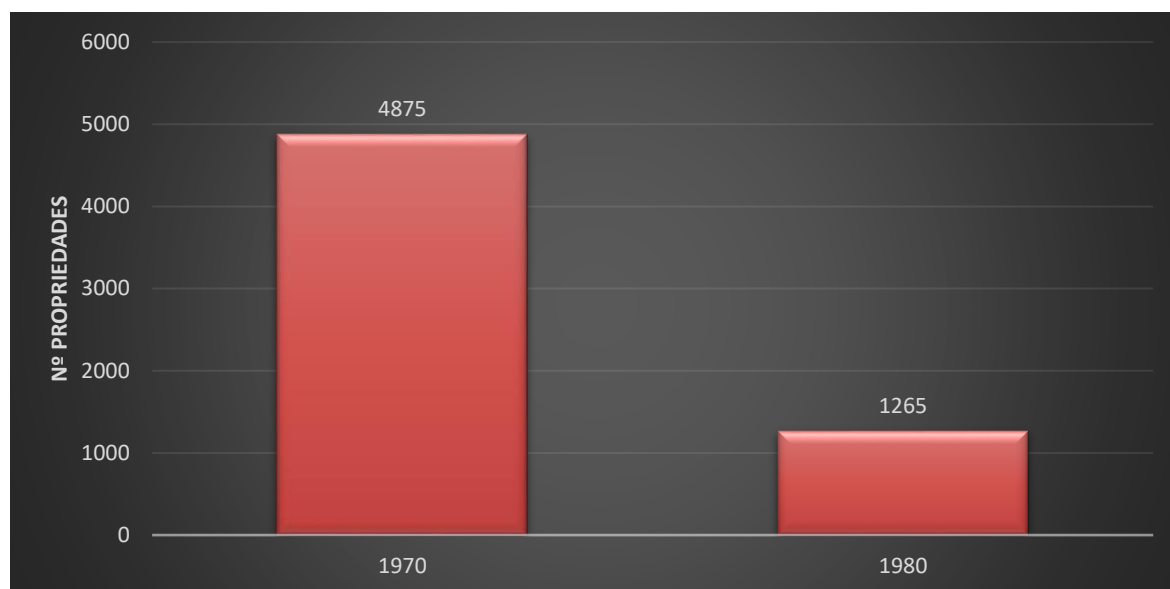


Gráfico 3 - Numero de Estabelecimento Agropecuário 0-10 ha, Campo Mourão-PR
Fonte: IBGE (2010)

Organizado por: OLIVEIRA, Diego (2019).

É importante ressaltar que, até meados de 1970, um sítio de até 15 alqueires abrigava várias famílias. Em relato, Dona Judith nos conta que em seu sítio de menos de 15 alqueires havia “13 (treze) rancho”. Na fala do Sr. Natal, podemos ter uma ideia de como ocorria a relação entre o dono do estabelecimento e as famílias que ali moravam:

No nosso sitio de 12 alqueires, morava 6, família, o cabra sobrevivia em 1 alqueire, quando muito trabalhador ele tocava 2 alqueire, pagava a renda em dinheiro ou em produção mesmo [...] Em 1970 começou os primeiro plantio de soja, ai os fazendeiro foi comprando, o latifúndio tomando conta [...] E você sabe o que tem prejudicado o Farol, a malha urbana nossa do município?! Nossas terras hoje tá mais na mão do latifúndio, e os cara que mais tem terra no município, ninguém mora aqui, né?! Mora tudo lá em Campo Mourão, Maringá, Goioerê, e longe daqui. É pouco as pessoas que tem área grande que mora aqui.

E não há dúvida que a modernização da agricultura, bem como o intenso processo de reconcentração fundiária, estão relacionados ao declínio demográfico. O Sr. Natal faz uma ótima observação, pois levanta a questão que além da diminuição das pequenas propriedades, os proprietários de grandes áreas não moram e nem realizam

suas atividades no município. Deste modo, ainda que o município registre o maior PIB per capita da microrregião, os indicadores, quando apresentados somente em números, não se mostram muito próximos da realidade.

Mas antes de toda a mecanização chegar a Farol, eram utilizando carroções, carrocinhas e até mesmo montados a cavalo, que as idas à cidade ocorriam, principalmente nos finais de semana. Além de vender suas colheitas, aproveitavam também para comprar seus produtos. Na fala do Sr. Ernesto Guirro, só compravam o que realmente não tinham no sítio.

Vinha assim, quando a gente precisava, geralmente todo fim de semana se vinha traz de busca alguma coisa [...] A gente trabaivava né rapaz, aquele tempo trabaivava, hoje não. Então a gente só vinha no fim da semana, era num sábado, muntava a cavalo ou num carrocinha que a gente tinha, as vezes vinha a muié da gente junto pra comprar alguma coisa, comprava açúcar, querosene compremo pouco, porque depois a gente colocou uma usina de luz lá [...] E o resto, vinha comprar as coisas que nois não produzia. Porque nois produzia, arroz, feijão milho, tinha porco, tinha galinha, tinha vaca de leite fazia queijo, então nois tinha tudo.

Na percepção do Sr. Ernesto, não havia tempo para idas à cidade, a não ser nos finais de semana, pois demandava muito trabalho, como cultivar arroz, milho, feijão e ainda criar galinha, porco e vaca. Ao ser perguntado de como era a vida na roça, sr. Ernesto responde: “Eu até fiz um verso deu lá na roça, você quer escutar? Vou tentar porque eu não escrevi, meu verso seria assim ó”:

O tempo trovoava fazia a terra até treme
Pelo jeito do tempo eu sabia que ia chove
Pedia pras crianças não demorar entrar pra dentro
Pelo jeito desse tempo a chuva vem com vento

Fala pras meninas tirar aquela roupa do vara
Porque ela ta sequinha talvez há di moía
Nossa terra ta pronta se chover ela vai moía
Arrumamo a semente amanhã vamo pranta

O João plantava o arroz
O Tim plantava o feijão
O Gordo plantava o mio
E nois plantava os algodão

Nossa terra era tudo terra forte
Tudo terra de cultura

Se a chuva não fartava
Era anos de fartura

Nosso pasto ficava verdinho
Nossa vaca aumentava o leite
Nois fazia queijo que era pra nois e pro vizinho
Se tudo mundo viesse buscar cada levava um pouquinho

Eu fazia minha coieta
Que era do gasto eu ia guardar
O arroz ia no caixote, feijão ia na muinha
O milho ia no paio que era pros porco e pras galinha
Eu vendia o resto que sobrava pra pagar nossas continha

Eu me levantava cedo ia trata das criação
Tinha seis porco no chiqueira quarto porca de leitão
Tinha três vaca e três bezerro tinha dois cavalo bão
E tinha dois cachorro que era minha estimação

A lá em casa pro almoço a muié na se apura
Tinha frango no terreiro, tinha carne de porco na gordura
Gostasse duma salada ali do lado tem verdura

Minha casa era casa simples
Inte chamava de paioça
É assim que eu vivia com meus filho lá na roça

Sem anotar e sem olhar uma palavra, Sr. Ernesto declama seu poema, que descreve sua vida durante o período que morou na área rural de Farol, demonstrando em forma de poesia os sentimentos e o modo de vida do homem do campo.

O poema juntamente com as entrevistas evidenciam a diversidade de cultura tradicionais produzida e demonstram as atividades voltadas para a subsistência e para escala comercial. A ajuda da qual Sr. Ernesto relata receber dos filhos no trabalho do sítio caracteriza que a terra foi efetivada com lavouras tradicionais e com o trabalho familiar. A Foto 5 mostra uma família da área de Farol reunida para foto no ano de 1951. Os personagens fazem questão de registrar a família reunida e a presença da vaca de leite.



Foto 5 - Família juntamente com suas "criações", 1951
Fonte: Acervo particular do Sr. Paulo Semiguem

Já em entrevista, o senhor Perciliano Xavier dos Santos, de 94 anos, relatou que chegou em Farol em 1952, quando ainda tinha 17 anos. O entrevistado acrescentou que lembra que “plantava algodão que era adoidado, tinha arroz que era adoidado, soja não existia, tinha soja não”. Na Foto 3, frentistas e motoristas posam ao lado de um caminhão carregado de algodão, estacionado no primeiro posto de combustível da localidade.



Foto 6 - Primeiro posto de combustível, 1960
Fonte: Acervo da Prefeitura de Farol – PR

Desta forma, as atividades econômicas foram, em grande parte, voltadas para o trabalho rural, dando ênfase à produção de arroz, milho, feijão e algodão. O café foi cultivado, só que em menores proporções, quando a soja ainda não havia se fixado como cultura no estado do Paraná.

Andrade (2013, p. 116) salienta que a exploração econômica e uso da terra em Campo Mourão se efetivaram de forma diferenciada em relação ao Norte Paranaense, que apreendia uma alta concentração de cafezais. Embora a monocultura tenha ultrapassado a fronteira do rio Ivaí em direção ao rio Piquiri, na região de Campo Mourão foi pouco expressiva, exceto nas áreas ao norte do paralelo 24° limite climático do café, pois ao sul desse paralelo as áreas são mais susceptíveis a geadas esporádicas.

De acordo com os dados representados nos mapas da Figura 5 do uso da terra nas décadas de 1960 e 1970, dentre os produtos cultivados, o milho ocupava uma posição de destaque, especialmente no município de Campo Mourão, ficando em primeiro lugar entre as culturas. O fato de se tratar de um alimento, servia também para a criação de animais, não só para atender a Microrregião como outras regiões do estado do Paraná, especialmente para a criação de suínos.

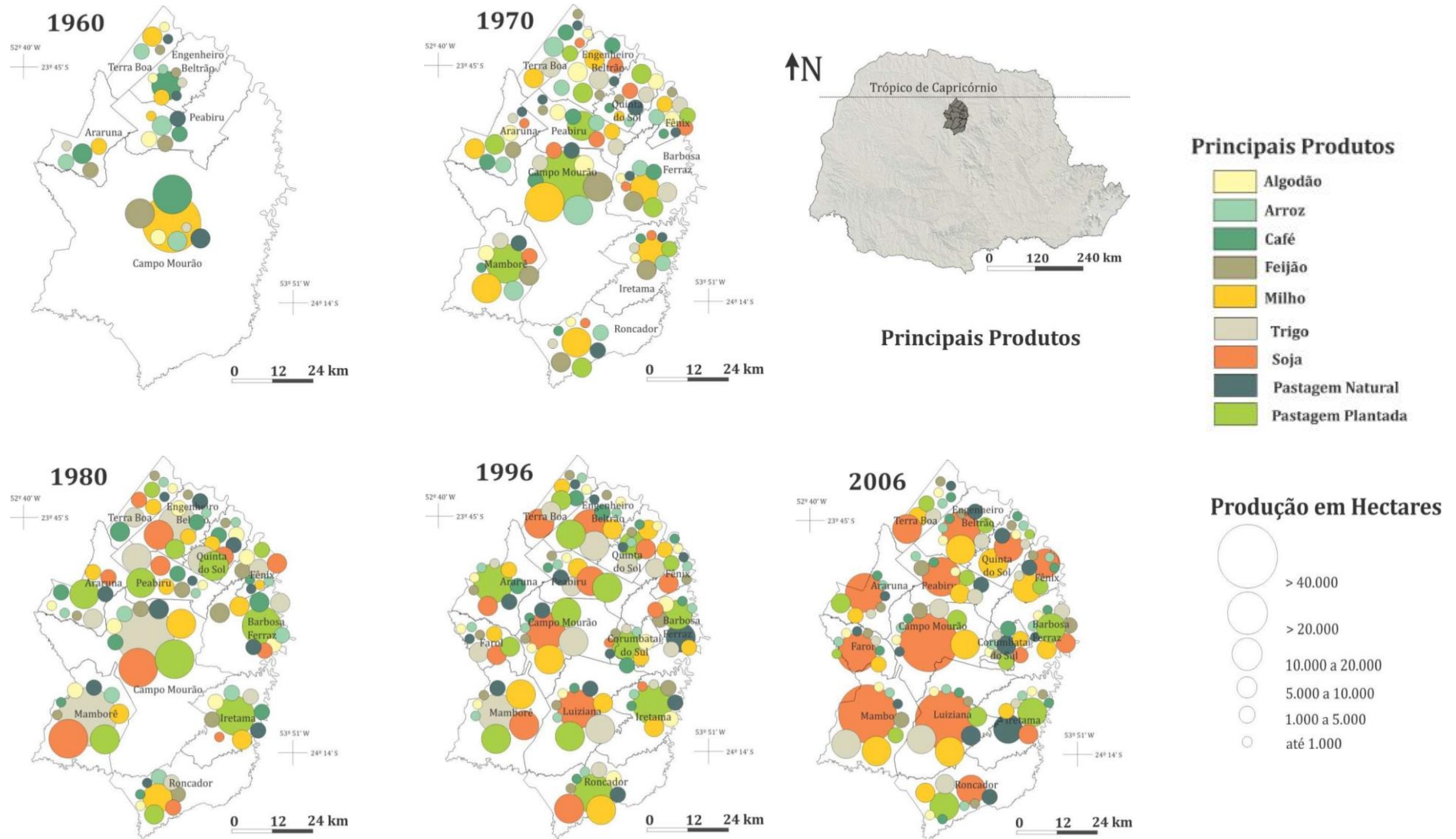


Figura 5 - Uso da terra nas décadas de 1960 a 2006 na microrregião geográfica de Campo Mourão

Fonte: IBGE

Organizado por: ANDRADE, Aurea (2013)

Área Urbana: “A cidade é bom também”

Desde o momento da formação até os dias atuais, a cidade de Farol apresenta uma forte ligação com o meio rural, sua base produtiva como já foi descrita está ligada às atividades agrícolas.

Natalício Saraiva dos Santos, morador antigo do município de Farol, relatou que veio do distrito de Paraná D'Oeste, pertencente ao município de Moreira Sales, com 15 dias de nascimento. Contou ainda que a população já chegou aos 15 (quinze) mil habitantes. Ao observar a Foto 7, Natalício comentou: “nossa, mas tinha gente, olha quanta gente, pra você ver como tinha mais gente antes”. O sr. Natal faz um apontamento importante a ser destacado quando observa na fotografia uma grande quantidade de pessoas usando um tipo de chapéu característico de quem vivia na área rural dizendo: “a turma tudo de chapéu, olha quantas pessoas de chapéu”. Embora se trate de um comício à luz do dia, o acessório pode nos contar aspectos importantes sobre o período registrado. Conforme aponta Lenzi (2015), um acessório como o chapéu,

Embora possam ter função protetiva, os elementos de moda apresentam-se, geralmente, carregados de valores estéticos, distintivos e até artísticos. Um fator inquestionável presente nessas peças de vestir que desejam, muitas vezes, antes de serem vestidas, demonstrar e categorizar a identidade do indivíduo que as endossa é sua simbologia. Nesse contexto, o chapéu, como elemento de moda que é, não pode, certamente, ser visto de diferente forma. (LENZI, 2015, p. 1)



Foto 7 – Comício no Distrito de Pinhalão, 1976

Fonte: Acervo da Prefeitura de Farol – PR

Se comparada à atualidade, Farol tinha uma expressiva quantidade de pessoas que habitavam no município. Não é possível afirmar que a população já chegou aos 15 mil habitantes como foi relatado pelo Sr. Natal, mas, de acordo com o censo demográfico do IBGE de 1970, o número de habitantes chegou a quase 12 mil.

Antigamente, havia um considerável comércio para a época, desde secos e molhados ao comércio de ferramentas agrícolas, o qual vendia enxada, lima, foice, facão, machado e outros objetos utilizados no campo.

Nas lembranças do Sr. Osório da Cruz, que veio para Farol aos 12 anos de idade, em 1949, “os comércios era tudo de madeira, um casarão grande, e não falava mercado, falava armazém, secos e molhados para loja que vendiam alimentos”.



Foto 8 - Casa Santa Rosa Comercio em Geral, Santos e Silva, 1960

Fonte: Acervo da Prefeitura de Farol - PR

O Sr. Natalício, em relação à Foto 8, salienta que “a casa rosa tinha de tudo pra vender, ferragem, tinha de tudo, uma vez depois que ficou vago *nois* fazia baile de formatura [...] tenho boas lembranças disso aí”.

No entanto, os bailes não eram a única forma de lazer. Os jogos de futebol, os parques, os circos e, principalmente, as festas religiosas como as quermesses, faziam a alegria das pessoas da área urbana e de todas aquelas que saíam da área rural e se deslocavam para as festas na cidade.

As festas religiosas, como fenômeno cultural, têm sido redescobertas e revitalizadas como um fértil campo de investigação histórica, transcendendo sua visibilidade e revelando crenças e vivências demarcadas por um tempo e uma identidade coletiva [...] As cidades e as vilas, em seu conjunto, se tornavam um palco de sociabilidades numa época em que grandes distâncias separavam a população e os transportes eram pouco abundantes. Somado a isto, face aos poucos recursos de uma parcela considerável da população, as festas eram, possivelmente, as únicas oportunidades de descanso, prazeres e alegria, confraternização e divertimento, além de fornecerem importantes elementos acerca do fenômeno de circularidade cultural (JURKEVICS, 2005, p. 74).

Nesse sentido, as Fotos 9, 10 e 11 demonstram como as festas religiosas tinham um grande papel na socialização entre os moradores e como possibilitavam a participação e democratização de uma importante parcela da população. Nas recordações do Sr. Natalício Saraiva, houve a descrição da Foto 9 assim apresentada.

Existia a corrida maluca que falava, era as festa de igreja, daí tinha uma loteria esportiva com 13 (treze) par, pra correr, daí você podia marcar se fulano ganha ou cicrano ou dava empate, preenchia uma cartela. E olha como é que dava gente, daí fazia a fogueira [Foto 6] de 10 (dez) há 12 (doze) metros de altura, eu fazia o pau de sebo em frente ao salão paroquial, aquilo era uma festa o dia inteira da turma pra pegar uma nota lá em cima, ponhava uma nota graúda, que era pra ter diversão, atrativo pra festa né.



Foto 9 - Corrida em frente à Igreja Matriz, 1980
Fonte: Acervo da Paróquia Santo Antonio de Farol – PR



Foto 10 - Fogueira construída para festa de Santo Antonio, 1980
Fonte: Acervo da Paróquia Santo Antonio de Farol – PR

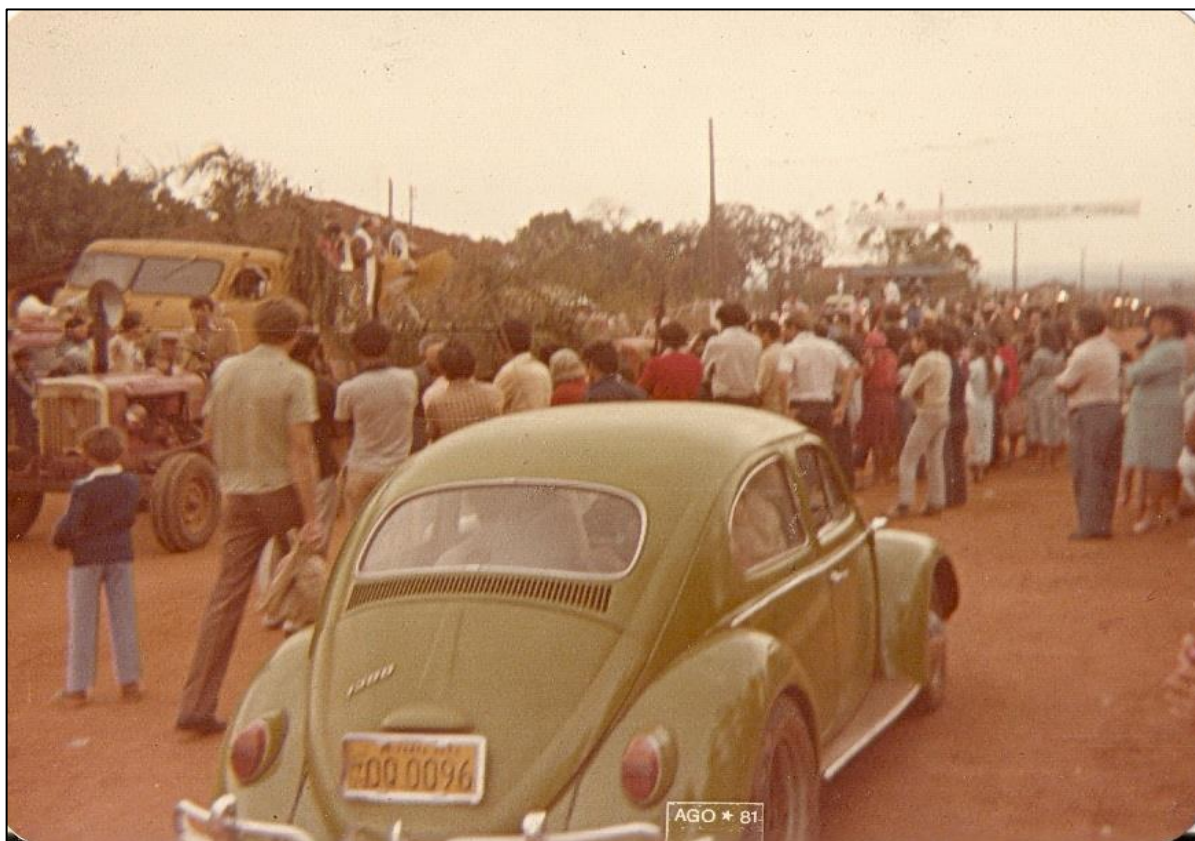


Foto 11- Missa ao ar livre, 1981
Fonte: Acervo da Paróquia Santo Antônio de Farol – PR



Foto 12 - Avenida Paraná, 1960
Fonte: Acervo da Prefeitura de Farol - PR

A foto 12 mostra uma das primeiras ruas da cidade, hoje chamada de Avenida Paraná, sendo a única avenida. Ao lado esquerdo, é possível identificar uma construção de madeira, a qual funcionou como restaurante e hospedava viajantes quando necessário. No centro, havia uma pequena estrutura que foi a rodoviária da época, e a construção do lado direito foi a casa Santa Rosa.

Nos relatos de Dona Nair:

Meu pai tinha restaurante aqui, aonde é da Dona Nísia, era do meu pai, a casinha no meio da rua era do meu cunhado e da minha irmã, trabalharam muito tempo ali [...]. Do lado desse ponto de ônibus tinha uma quitandinha vendia verdura. Mas era muita, muita gente, vendia de 90 a 100 almoço, só almoço.

Além das edificações, nota-se os meios de transporte da época, sendo algumas bicicletas, ônibus e caminhões. Sobre a carroceria de um dos caminhões é possível ver várias pessoas, cena muito comum na época em que havia poucos carros.

O caminhão e o ônibus estilo jardineira da imagem foi identificado pelo pioneiro Sr. Inácio Barankievicz, atualmente caminhoneiro aposentado, que com facilidade, afirma: “Esse é um F-6, 1951, era do Zé Rosa, da Casa Santa Rosa [...] O

ônibus, era a gasolina ainda, ele não tinha bagageiro em baixo, tinha uma escada que subia por trás e enchia lá, ponha as mala tudo lá em cima”

Na percepção de Dona Nair, sobre melhoras ocorridas da década de 1960 aos dias atuais no que tange à locomoção, ela descreve: “melhorou em partes, ônibus ficou ruim, ruim mesmo, porque não tem como mais sair de ônibus, não tem horário, ônibus passa só lá em baixo não sei porque, deveria entrar aqui”.

Perguntamos para Dona Nair sobre o convívio entre os moradores, as relações sociais nas primeiras décadas do surgimento da cidade para os dias atuais: “O pessoal só no celular, as vezes você nem cumprimenta uma pessoa por causa disso, pessoa nem olha, nem vê, porque está no celular, verdade, não é verdade?!”

Sobre a mesma questão, Dona Leocádia, que na década de 1960 saiu do sítio por problemas de saúde do marido e veio morar no povoado, nos relata: “Daquela época pra hoje é quase igual, mas as pessoas, mais um pouco orgulhosa, entende?! Orgulho das pessoas mais grande, mais rico, que não tinha essas pessoas antes aqui”

Santos (2004, p. 38), ao escrever sobre o que falou Baudrilard (1972) sobre a paisagem, diz: “Dá ao envoltório artificial da Terra uma significação cada dia mais equivocada, fazendo da paisagem, na medida mesma de seu grau de artificialidade, uma espécie de mentira funcional”.

Talvez fosse nesse sentido que o Sr. Perciliano Xavier utilizou a palavra “ilusão” para descrever a cidade, morador do município de Farol há mais de 60 anos, durante muito tempo viveu na área rural, mas nos últimos anos passou a morar na cidade.

Que o seguinte é esse, no sitio era bom que tinha muita fartura, e agora na cidade só tem ilusão, fala ilusão né, não tem mais aquela fartura, é só no dinheiro que tem, tudo tem que compra, ai num guenta, por isso que eu tenho vontade de mudar pro sitio, comprar uma chacinha de 2 (dois) 4 (quatro) alqueire, pra ter um porco ter uma galinha, agora na cidade é só comprado.

“A proximidade física não elimina o distanciamento social [...]. A unidade dos homens pelo espaço é, pois, uma falsa unidade” (SANTOS, 2004, p.33). O que a princípio pensávamos ser exemplo de sintonia, a união de pessoas no espaço da pequena cidade, não é assim tão desfragmentada como se pensa.

No entendimento do Sr. Inácio:

Naquele tempo até era bom, você mudava num lugar assim, caboco ia lá ver se precisava de alguma coisa. Nego mudava, vizinho até emprestava uma vaca com leite, pra tirar o leitinho pra criança dele, é tudo mundo ajudava um ao outro, as estradas do sitio era concertada tudo no enxidão, ajuntava uma turma e ia trabalhar fim de semana, se não as estradinhas acabava né!? Hoje é todo mundo pensando no dinheiro, na parte dele o outro se vira não é?! Eu me alembro bem, muito bem, tinha os mutirão⁷, o caboco tava com a lavoura meio no mato, o povo se juntava ia lá e limpava a lavoura de graça, e só dava o rango, tinha essa ajuda.

Em relação ao afastamento entre as pessoas, Dona Maria Przyczny diz: “Agora acho tudo mais soberbo, agora a gente vê tudo é soberbo. Assim passa nem adeus, não diz nem nada. Agora é esquisito, é outra carisma”

Milton Santos (2004), ao analisar a reprodução social na totalidade dos espaços, principalmente nas grandes cidades, salienta que o crescimento desses locais acarreta em um afastamento entre as pessoas, embora os homens estejam vivendo cada vez mais “amontoados lado a lado em aglomerações monstruosas” estão isolados uns dos outros. Para reforçar essa ideia, Santos cita Doxiadis (1966), que escreveu: “enquanto nossas cidades crescem, a distância entre os homens aumenta”.

Embora a cidade da Farol não apresente o mesmo complexo produtivo das maiores cidades, não está imune a essa situação. Mesmo que de forma menos intensa, não podemos afirmar que não exista um distanciamento social nas pequenas localidades.

Comparando as relações sociais estabelecidas em Farol no período de formação aos dias de hoje, apresentam-se bem diferentes, nas lembranças do Sr. Natalício Saraiva.

O pessoal antes era mais próximo um do outro, os meios de comunicação nosso era remoto, era só radio, ninguém nem sonhava com o telefone, um celular, com televisão, a televisão quando veio pra começar a ampliar demorou bastante né, e as pessoas tinha assim uma proximidade maior, pra conversar e tal, o momento vago deles era ir à casa do vizinho, do compadre, conversar até tarde da noite contando caso, história, eu acredito que naquele tempo as pessoas eram mais

⁷ Mutirão é uma instituição universal, cultivada geralmente nos grupos primários, onde o organizador, necessitando de uma rápida, larga e eficiente cooperação para um serviço, a solicita dos seus vizinhos, comprometendo-se tacitamente a retribuí-la nas mesmas circunstâncias, tão logo seja pedida essa retribuição.(GALVÃO,1959, p.16).

felizes, tinha mais confiança e consideração, hoje estão muito individuais.

Nesse sentido, podemos fazer uma relação entre o que escreveu Milton Santos (2004), o que nos relatou o Sr. Natal e o que afirma Bauman nos dias atuais (2007, p. 30): “O novo individualismo, o enfraquecimento dos vínculos humanos e o definhamento da solidariedade estão gravados num dos lados da moeda cuja outra face mostra contornos nebulosos da globalização negativa”.

“O próprio espaço nos aparece como um todo fragmentado. Como as práxis de cada um são fragmentarias, o espaço dos indivíduos aparece como fragmento de realidade e não permite reconstituir o funcionamento unitário dos espaços” (SANTOS, 2012, p. 34).

Porém, mesmo diante de todas as transformações, ainda que tenha ocorrido um distanciamento entre os indivíduos na compreensão do Sr. Ernesto, a grande cidade é mais importante que a pequena cidade pois apresenta funções e serviços mais aprimorados. No entanto, morar na pequena cidade tem suas vantagens:

A grande se vai lá, ela tem a promotoria, tem uma delegacia mais formal, você está dentro de um recurso diferente, a grande cidade é sempre mais importante que a cidade pequena, no meu pensar. Mas hoje é melhor morar na pequena cidade, pra você morar é melhor Farol do que Campo Mourão, mais tranquilidade, menos perigo [...] Nois aqui tem facilidade, não temos ladrão, nois tem liberdade, nós temos conforto, que lá na cidade grande eles não tem, aqui eu ando na rua, lá eles ficam preso dentro de um apartamento, se você for lá em São Paulo, lá se é preso, se não conhece o vizinho, né?! Então eu acho pra se viver melhor a pequena cidade. Melhor que São Paulo, Maringá, e até Campo Mourão, eu acho!

Diante da fala do antigo morador, somos levados a reconhecer que Santos (2012) e Monbeig (2004) foram bem-sucedidos ao não subestimarem o espaço da pequena cidade, quando ambos escreveram que a pequena cidade por vezes pode ser mais complexas do que grandes cidades.

Para os indivíduos que fizeram da pequena cidade um lugar, os mesmos entendem que a grande cidade em seu complexo concentra e centralizam as mais diversas opções de serviços, mercadorias, trabalhos e outros, e por este aspecto, classificam-nas como sendo mais importante e consideram a pequena cidade menos significativa que uma grande cidade, mas ainda assim classificam que viver na pequena cidade é melhor.

3.4 “Farol parou no tempo”

Este tópico é dedicado a apresentar os resultados desse estudo por meio do comparativo entre fotografias antigas e atuais dos principais pontos da cidade para identificar as transformações ocorridas na paisagem e também demonstrar as manifestações e a presença concreta e simbólica das ruralidades no urbano do município de Farol.

Para esta ação, realizamos uma analogia utilizando-se de imagens fotográficas de períodos diferenciados. Desta maneira, conseguimos contrastar o passado e o presente e perceber de forma mais nítida as modificações ocorridas na paisagem e identificar as ruralidades. Portanto, para resultados mais satisfatórios, como uma forma de reforçar a metodologia de combinação de fotografias do passado e atuais, realizamos fotografias aéreas com ajuda de um drone.

Não é raro escutarmos a expressão que “Farol parou no tempo”. É um discurso até bem aceito entre moradores, viajantes que passam pela cidade, e durante as entrevistas realizadas para esta pesquisa, também registramos tal fala.

Inclusive já fomos consultados sobre esta questão, e de forma precipitada e sem muito esforço reflexivo, concordamos com a ideia disseminada. Mas como bem salienta o geógrafo Tuan (2013, p. 247), “temos o hábito de negar ou esquecer a verdadeira natureza de nossas experiências em favor de chavões dos discursos públicos”.

Diante da afirmação “Farol parou no tempo”, levantamos alguns questionamentos a fim de refletir essa afirmação: as casas, as ruas, as relações sociais, os meios de transportes, as formas de circulação de mercadorias, realmente não mudaram? Não houve nenhuma transformação no espaço da pequena cidade de Farol? Ou as mudanças foram tão mínimas que não é fácil percebê-las?

Lindner (2011, p. 101) afirma que “que a organização do espaço pode ser percebida imobilizada na cidade, através de sua arquitetura, suas ruas, praças, comércio, indústria, serviços, entre outros diversos elementos perceptíveis através de uma observação atenta”.

É necessária muita atenção para que não subestimemos o que a princípio pode parecer simples, mas são de extrema necessidade quando se pretende compreender o lugar e a paisagem de um espaço geográfico. Yi-Fu Tuan, (2013, p. 247) tem grande êxito em sua análise quando escreve:

Como promovemos a visibilidade de comunidades tradicionais às quais faltam símbolos visuais proeminentes? O que se ganha e o que se perde com tal promoção? Essas perguntas tornam a vida dos cientistas sociais e dos planejadores nada fácil. Tornam-na por hora, mais difícil ao dar a conhecer fatos que tanto os profissionais e os não profissionais consideram conveniente esquecer [...] O cientista postula o ser humano simples como propósito limitado de analisar um conjunto específico de relação, e esse procedimento é inteiramente válido. O perigo aparece quando o cientista ingenuamente procura impor suas descobertas ao mundo real, porque talvez esqueceu que a simplicidade dos seres humanos é uma suposição, e não uma descoberta ou uma conclusão necessária das pesquisas.

O espaço urbano do município estudado é caracterizado por uma pequena concentração de edificações: a câmara de vereadores, os correios, e a maioria dos estabelecimentos comerciais como mercado, lojas, farmácias, agropecuária, depósito de construção, localizam-se na única avenida central ou muito próximo dela, e não mais que uma quadra de 100 metros está a praça e a igreja matriz. A prefeitura e o pátio de maquinários e transportes estão mais afastados, no entanto, não ultrapassam 300 metros de distância da praça central.

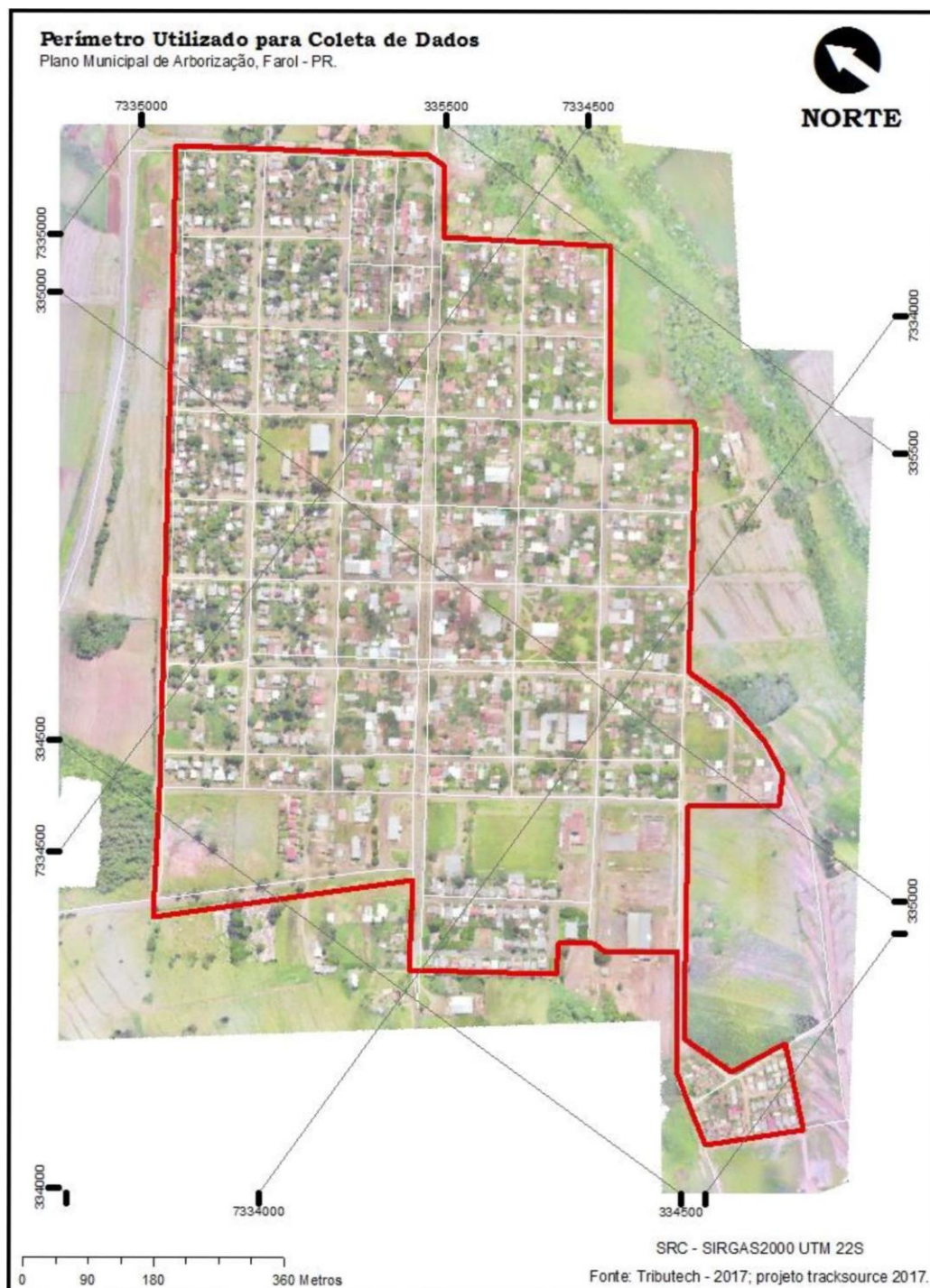


Figura 6 - Perímetro urbano de Farol – PR
Fonte: Plano de Arborização de Farol
Organizado por: SILVEIRA, Renato S. (2017)

Ao observar a Figura 6, juntamente com o mosaico da Figura 7 e 8 que nos mostram além da distribuição das edificações uma imagem da cidade de Farol, torna-se marcante as áreas verdes e as áreas agrícolas nas cercanias da cidade, as quais muitas vezes intercalam-se com o urbano.



Figura 7 - Mosaico de fotos áreas vista parcial do espaço urbano de Farol
Fonte: SANTOS, Edinei (2018)



Figura 8 - Mosaico de fotos áreas vista total do espaço urbano de Farol
Fonte: SANTOS, Edinei (2018)

Nos capítulos e tópicos anteriores, as imagens fotográficas além da sua atribuição como “detonadora de lembranças” no momento das entrevistas, também foram utilizadas como provas que embasam e confirmam as informações escritas. Entre citações de pesquisadores, texto do próprio autor e relatos pioneiros, as fotos foram analisadas, da forma mais objetiva possível, seguindo uma metodologia, sendo ações imprescindíveis de uma pesquisa científica.

Entretanto, é importante que reservemos uma fração desta pesquisa para o potencial das fontes imagéticas, buscando dialogar e questionar o receptor ou até em se opor às construções do autor, instigando o leitor a pensar e a refletir sobre as fotografias apresentadas. Pensamos que não somente os historiadores, mas uma boa parte dos cientistas sociais, utilizam as imagens somente para assegurar o que querem como conclusão. Peter Burke (2004, p. 12), em relação à forma que as imagens são utilizadas, relata:

Os historiadores tendem a tratá-las como meras ilustrações, reproduzindo-as nos livros sem comentários. Nos casos em que as imagens são discutidas nos textos, essa evidência é frequentemente utilizada para ilustrar conclusões a que o autor já havia chegado por outros meios, em vez de oferecerem novas respostas ou suscitar novas questões (BURKE, 2004, p. 12).

Na busca de suscitar novas questões, realizamos a comparação de fotos. Como já salientamos, a nossa metodologia foi baseada em uma ação realizada pelo museu de Londres, a técnica que utilizamos constituiu-se em realizar uma fotografia atual no mesmo local retratado na fotografia do passado. As imagens foram mescladas utilizando-se do programa *Photoshop*.

É instigante perceber que, embora as fotografias do passado que compõem este trabalho não remontam a um tempo tão distante no qual a mais antiga é datada de 1945, mesmo assim não foi fácil realizar o levantamento de dados. No entanto, com base em informações limitadas, levantou-se que alguns registros foram feitos por fotógrafos amadores.

Para o comparativo e combinação do passado e presente, utilizamos as mesmas fotos já descritas por meio do relato oral. Do acervo de 80 fotografias, foram selecionadas 10 que retratassem a sede da área de pesquisa. Seguimos a ideia de Mombeig (2004), em que selecionamos documentos de épocas diferentes separadas

por intervalos de tempo nem muito curtos nem muito longos. Do número total de registros que foram levantados, a quantidade de fotografias do espaço urbano é inferior ao número de fotografias da área rural, lembrando que a inversão populacional rural-urbana foi tardia, ocorrendo somente após o ano 2000, como consequência os registros se concentraram sobre a área rural.

Com o desenvolvimento de indústria ótica e química, ainda no final dos Oitocentos, ocorreu uma standardização dos produtos fotográficos e uma compactação das câmeras, possibilitando uma ampliação do número de profissionais e usuários da fotografia. No início do século XX, já era possível contar com as indústrias Kodak e a máxima da fotografia amadora: “You press the botton, we do the rest” que significa :“Você aperta o botão, fazemos o resto”. (MAUAD, 1996, p. 8)

Assim, em decorrência do forte desenvolvimento tecnológico alcançado pelas indústrias, a máquina fotográfica tornou-se um bem de consumo de relativa acessibilidade à população, mas nem sempre foi assim. De acordo Maud (1996, p. 9), “não seria exagero afirmar que o controle dos meios técnicos de produção cultural, até por volta da década de 50, foi privilégio da classe dominante ou frações desta”. No entanto, até o final da década de 1970 na pequena cidade de Farol, o número de pessoas que possuía câmeras fotográficas eram bem restritas. O primeiro fotógrafo profissional de Farol iniciou os trabalhos na década de 1990.

Desta forma, o ato de fotografar faz parte de nossas vidas, gostamos de registrar belas paisagens, o animal de estimação, um momento importante, o nascimento de um filho, o nascer do sol, as possibilidades são infinitas. A questão é que temos satisfação em guardar alguns momentos, embora em algumas ocasiões nem sempre as recordações são agradáveis, mas mesmo assim, sentimos a necessidade de preservar o momento.

Ao passar as páginas de um álbum ou abrir o acervo digital de fotos depois de se passar alguns anos, somo levados a indagar: “Olha, como mudou!”. Nesse mesmo sentido, com as fotos combinadas e comparadas exposta a seguir, convidamos o leitor a perceber quais foram as mudanças ocorridas ao longo do tempo.

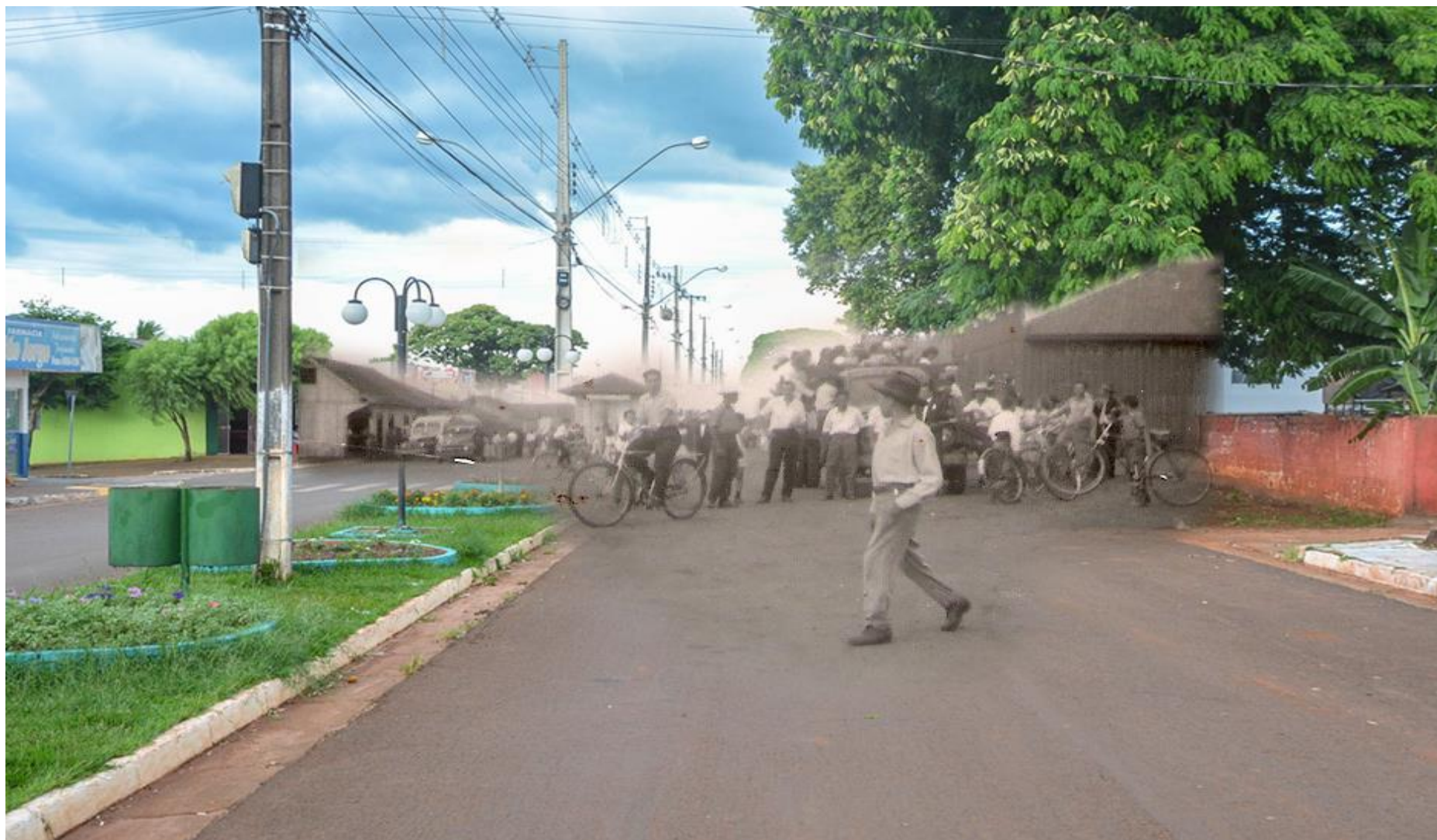


Foto 13 - Combinação passado-presente, Av. Paraná, década de 1950

Fonte: OLIVEIRA, Diego M. (2018)

Elaboração: PAZINATO, Elisa M. (2018)



Foto 14 - Comparativo passado-presente, Av. Paraná, década de 1950
Fonte: Acervo da Prefeitura de Farol - PR



Foto 15 - Combinação passado-presente, Casa Santa Rosa, década de 1960

Fonte: OLIVEIRA, Diego M. (2018)

Elaboração: PAZINATO, Elisa M. (2018)



Foto 16 - Comparativo passado-presente, Casa Santa Rosa, década 1960
Fonte: Acervo da Prefeitura de Farol - PR



Foto 17 - Comparativo passado-presente, Posto de combustível, década de 1960
Fonte: Acervo da Prefeitura de Farol - PR



Foto 18 - Escola Afonso Botelho, década de 1960
Fonte: Acervo da Prefeitura de Farol - PR



Foto 19 - Combinação passado-presente, Comício, década de 1970

Fonte: OLIVEIRA, Diego M. (2018)

Elaboração: PAZINATO, Elisa M. (2018)



Foto 20 - Comparativo passado-presente, Comício, década de 1970
Fonte: Acervo da Prefeitura de Farol - PR



Foto 21- Comparativo passado-presente, Corrida em frente à Igreja, década de 1980

Fonte: OLIVEIRA, Diego M. (2018)

Elaboração: PAZINATO, Elisa M. (2018)



Foto 22 - Comparativo passado-presente, Corrida em frente à Igreja, década de 1980
Fonte: Acervo da Paróquia Santo Antônio de Farol – PR



Foto 23 - Fogueira de Santo Antônio, década de 1980
Fonte: Acervo da Paróquia Santo Antônio de Farol – PR



Foto 24 – Combinação passado-presente, Benção dos automóveis, Av. Paraná, década de 1980

Fonte: OLIVEIRA, Diego M. (2018)

Elaboração: PAZINATO, Elisa M. (2018)



Foto 25 - Benção dos automóveis, Av. Paraná, década de 1980
Fonte: Acervo da Prefeitura de Farol - PR



Foto 26 - Combinação passado-presente, Subprefeitura, década de 1990

Fonte: OLIVEIRA, Diego M. (2018)

Elaboração: PAZINATO, Elisa M. (2018)



Foto 27 - Comparação passado-presente, Subprefeitura, década de 1990
Fonte: Acervo da Prefeitura de Farol - PR

Após a sequência de combinação e comparação das imagens fotográficas, voltamos novamente aos questionamentos: O que mudou? De que forma o modo de vida rural se apresenta no espaço urbano?

Diante dos relatos, percebe-se que desde o processo de formação até o momento houve inúmeras transformações. Mudaram as formas materiais e as não materiais. As estruturas e as formas das casas, comércios, praças, ruas e até mesmo as relações entre as pessoas mudaram.

Conforme já salientamos em capítulos anteriores, a cidade de Farol desde o início de sua formação sempre estabeleceu relações com o espaço rural, e mesmo com as mudanças, mantiveram algumas marcas herdadas do modo de vida do campo. Alguns costumes e atividades tradicionais relacionados ao cotidiano rural se mantêm na cidade, como a criação de animais e a plantação em pequenos cultivos, edificações com características de telhas e paiol para armazenamento de ferramentas, fogões a lenha são facilmente percebidos em muitas casas.

De acordo com Souza (2013, p. 113), que estudou relação cidade-campo as permanência e recriação dos subespaços rurais na cidade de Campina Grande-PB, escreve:

Em muitas outras cidades brasileiras, atualmente, esses costumes estão mais presentes nos bairros periféricos, isto é, nas áreas localizadas distantes da área central, que favorecem a permanência de atividades rurais devido à pouca ocupação urbana. Com menos frequência, os costumes rurais também são encontrados em bairros próximos ao Centro. Entretanto, nessas áreas com grande densidade de ocupação, tais costumes se apresentam mais transformados se comparados aos costumes rurais verificados nos bairros periféricos. (SOUZA, 2013, p. 113)

Considerando o que Souza (2013) argumentou sobre os costumes rurais em grandes cidades. Podemos dizer que na pequena cidade, considerando é claro a cidade de Farol, os costumes não sofrem tais transformações, ou seja, o que se percebe no centro, pode ser visualizado em áreas mais afastadas.

Em entrevista com Dona Leocádia, que reside na Avenida Paraná bem na área central da cidade, e possui em seu quintal galinhas, e pequenas plantações de milho, mandioca, e ervas medicinais, relata:

Eu tenho galinhas e 15 pintinhos, nunca fiquei sem galinha, com uma galinha salvei a vida do meu marido, pedi pra Nossa Senhora, vou vender o franguinho pra pagar missa, por isso nunca fiquei sem franguinho e nunca me morreram as galinhas, no meu terreiro, nunca faltou uma galinha, ovo eu nunca comprei, ó a minha cerca ali [...] Eu planto mandioca, eu tenho erva santa maria, carqueja eu tenho, gosto de ter de tudo, tudo um pouco, tenho pé de lima, tenho caqui [...] mas passam veneno nas roças, aqui vem o fedor danado, isso que acaba. O chuchu dá, mas o passarinho come tudo, eles tem que comer também, o paraíso é deles, eu queria ter um pé de cada coisa eu gosto do verde, gosto, gosto de arvores, gosto de floresta eu adoro isso, eu não ia morar num lugar que não tem árvore, acho que eu ficava doente

O que foi descrito por meio de entrevista, é possível perceber com auxílio de imagens aéreas realizadas por drone, a organização dos quintais da cidade de Farol, são permeadas daquilo que um dia se viveu na área rural.

O uso de drones e suas imagens, são comuns nos estudos de temáticas ambientais, os títulos que aparecem em buscas realizadas no portal de periódicos da capes, google acadêmico e SIBiUSP – Sistema Integrado de Bibliotecas Universidade de São Paulo, em sua maioria são títulos que não remetem a ciências humanas, e quando refinamos a pesquisa procurando na linha da geografia cultural, fica ainda mais restrito os resultados obtidos. Desta forma, a utilização de drones tem sido pouco trilhada no âmbito geografia humana, no entanto apresenta-se como uma possibilidade a ser explorada.

Assim, as fotografias geradas pelo drone no espaço urbano de Farol permitiram a obtenção de dados importantes, pois a eficácia em gerar fotos de diferentes amplitudes e detalhes contribuirão na visualização do que permaneceu do passado da pequena cidade.



Foto 28 - Criação de galinhas e casa fogão a lenha
Fonte: SANTOS, Edinei (2018)



Foto 29 - Quintal com presença de bananeiras, galinheiros e lenhas
Fonte: SANTOS, Edinei (2018)

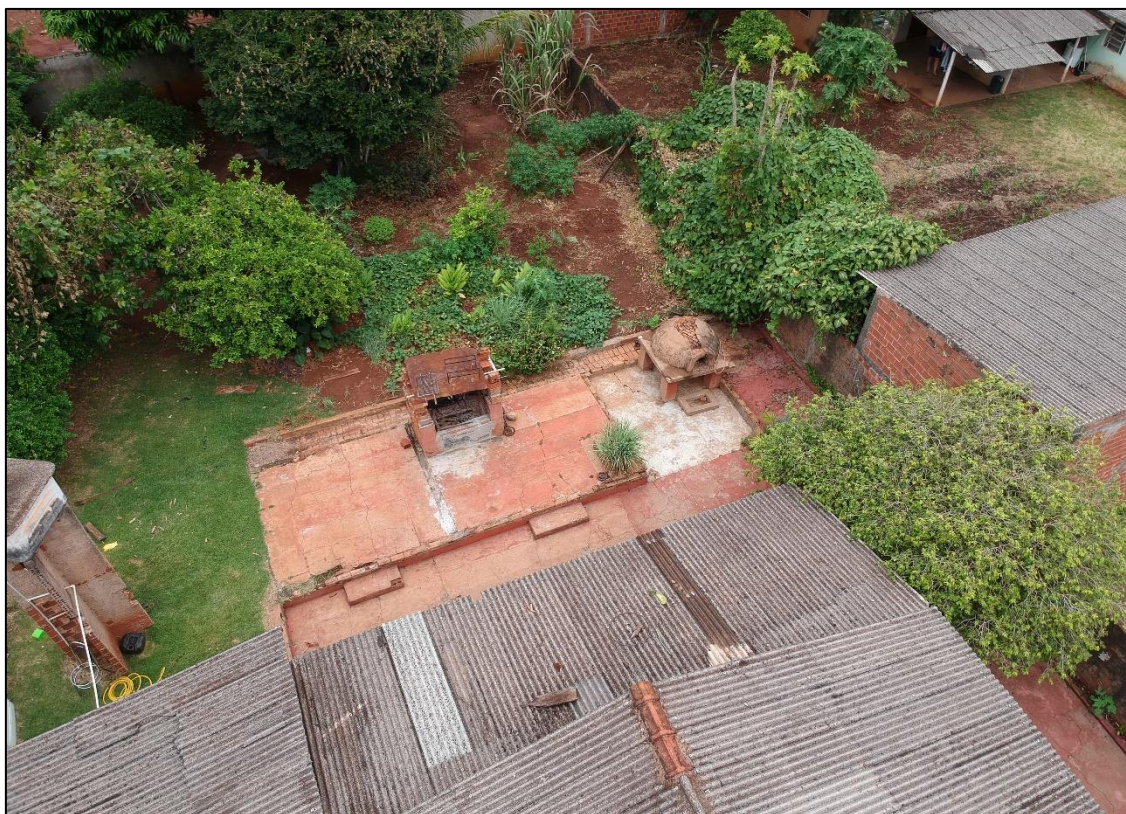


Foto 30 - Quintal com presença de forno a lenha
Fonte: SANTOS, Edinei (2018)



Foto 31 - Quintal com presença de fogão a lenha, plantação de mandioca e abobora
Fonte: SANTOS, Edinei (2018)



Foto 32 - Quintal com presença de fogão a lenha
Fonte: SANTOS, Edinei, (2018)



Foto 33 - Quintal com presença de mandioca, quiabo e bananeiras
Fonte: SANTOS, Edinei, (2018)



Foto 34 - Quintal com presença de mandioca, abobora e cana de açúcar
Fonte: SANTOS, Edinei, (2018)

Fundamentado nos relatos orais dos pioneiros juntamente com auxílio da imagem fotográfica, entendem que as atividades com características rurais não são uma fonte de renda. As pessoas não cultivam mandioca, abóbora, quiabo, cana de açúcar e nem criam galinhas, ou utilizam fogão a lenha pela necessidade econômica. Embora ocorra uma diminuição dos gastos nas despesas diárias, não é esse o principal motivo para manterem suas práticas. O que ocorre é que, sem exceções, todos os moradores antigos entrevistados tiveram um longo período de suas vidas dedicada às atividades no campo.

Deste modo, analisamos que as ruralidades estão relacionadas às memórias de um tempo, um lugar e uma paisagem, a necessidade de usar um fogão a lenha, ao invés de um fogão a gás, estão muito mais próximas do desejo de não se deixar apagar as memórias, do que poupar algum dinheiro.

Para Lindner (2011, p. 183-187), a presença das ruralidades no espaço urbano tem várias motivações:

“Existem muitas razões para permanência, entre eles o apego dos habitantes ao lugar, que pode ser expresso em um sentimento topofílico de pertencimento ao lugar que abrigou diversas gerações de sua família [...] A força da cultura rural se manifesta nos mais variados

elementos, como na economia municipal, nas tradições e no cotidiano, envolvendo mesmo que inconscientemente os habitantes locais e influenciando direta e indiretamente na organização espacial do local. (LINDNER, 2011, p. 183-187)

E desta forma, por meio de pequenas práticas, mesmo que por vezes inconscientemente, determinado espaço geográfico, torna-se em um lugar, a paisagem ganha significado, a qual não podemos lhe negar o direito de ser compreendida.

Como salientou Endlich (2016), as pequenas cidades devem ser consideradas:

Que elas sejam consideradas como parte do pensamento do vir-a-ser e da sociedade urbana, pois viabilizar pequenas localidades significa contemplar o direito a manter o enraizamento afetivo e o direito de não migrar. Significa que a vida possa ser reproduzida, sem que para isso grande parte da sociedade tenha que peregrinar por diversos espaços. (ENDLICH, 2016, p. 2016)

Assim, poderíamos encerrar este tudo, argumentando que refizemos todos os passos. Levantamos todas as vivências e recuperamos todas as histórias da cidade. No entanto, seria muito pretencioso afirmar que após a conclusão desse trabalho o espaço da cidade de Farol não nos apresentaria mais como fragmentado, pois conseguiríamos aqui reunir todas as partes, todas as paisagens e todas as memórias desse lugar. Mas afirmamos que iniciamos um entendimento sobre a pequena cidade de Farol, compreendendo que há uma trajetória de vida, uma memória independentemente da quantidade de pessoas.

Com este trabalho, buscamos o conhecimento, mas confessamos que nunca deixamos de lado o prazer da busca em conhecer a realidade da natureza que nos cerca. Deste modo, consideramos a natureza proposta por Woodbridge (1940, p. 10) “como domínio no qual o conhecimento e a felicidade devem ser buscados em conjunto, porque em um mundo desprovido de uma vontade e uma vocação para a felicidade, o progresso do conhecimento não tem nenhum objetivo”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluirmos este estudo que teve por objetivo compreender a formação e transformação da cidade de Farol – PR, por meio da imagem fotográfica aliada à técnica da história oral, somando-se a isto a tentativa de identificar as ruralidades, sendo elas a resistência de características do passado que permanecem no presente, acreditamos que as reflexões desenvolvidas nesta pesquisa poderão instigar outros possíveis trabalhos sobre a memória de outras pequenas cidades.

Além disso, esta pesquisa tem um propósito ainda maior, não só a contribuição incentivadora para novos entendimentos, mas também promover e tornar visível a história de um povo e de um lugar. Até pode ser que as fotografias aqui apresentadas, quando observadas por alguém que não vive ou nunca viveu em Farol, possam ser insignificantes ou enfadonhas, mas para aqueles que viveram e vive, são carregadas de intimidades e sentimentos.

Não temos a pretensão de dar por encerrado todos os questionamentos sobre a complexidade do espaço urbano de Farol. Na verdade, não podemos, pois os resultados que obtivemos é um entendimento sob um ponto de vista teórico-metodológico, do qual o autor, juntamente com todos seus colaboradores (teóricos, orientadores, entrevistados, dentre outros) interpreta um objeto.

A organização deste estudo foi pensada no âmbito de estruturar uma base teórica, procurando sempre de forma clara evidenciar o porquê de nossas escolhas, abordando os principais conceitos, o método, a metodologia e a corrente de pensamento. Em nenhum momento pensamos em fugir da complexidade dos conceitos, no entanto, não trabalhamos com termos definidos e cristalizados, nossa proposta não foi resolver nenhum embate de ideia, até porque não é esse nosso objetivo.

Para alcançarmos nosso objetivo, colocamos nossa metodologia em prática. No entanto, deparamo-nos com situações nas quais realizamos modificações. Os registros fotográficos, por exemplo, utilizados nas entrevistas, tiveram que ser maiores do que a fotografia original, pois por se tratar de moradores mais antigos, alguns já com idade avançada, os mesmos apresentavam dificuldade em enxergar alguns detalhes presentes nas fotografias.

Com relação à formação social e da cidade, é possível apontar que as transformações não ficaram restritas somente à forma material da paisagem, mas

também nas relações sociais. As fotografias, juntamente com os relatos orais, deram condições para voltar no tempo e identificar costumes ainda não registrados, bem como as mudanças que ocorreram com o passar dos anos, percebidas até mesmo no convívio que os moradores estabeleceram entre si e na reconstrução de algumas práticas e vivências atuais, com base nas experiências passadas.

Articulando a memória registrada por meio dos relatos orais, aos conceitos de lugar e paisagem, conseguimos entender melhor a expressão inquietante e corriqueira de que “Farol parou no tempo”. Tal fala não quer dizer que as primeiras edificações permanecem até os dias atuais, mas pelo contrário, são extremamente raras as estruturas mais antigas presente na paisagem materializada. O que há são permanências e resistências das pequenas coisas, dos gestos, atitudes e práticas, que ficam a cargo principalmente dos moradores mais antigos.

Assim, em um movimento complexo, a paisagem presente no espaço da pequena cidade de Farol, não permaneceu cristalizada, mas também não é a paisagem que aspira desenvolvimento, dinamismo e modernidade do qual muitos ansiavam. Embora ocorra a geração de riqueza no município de Farol, proporcionada pela agricultura que a coloca inclusive em primeiro lugar na economia da microrregião, tal riqueza não é repassada em distribuição igualitária a seus habitantes.

Portanto, a memória da pequena cidade se mantém assentada em um modo vida rural, que convive com herança da agricultura tradicional baseada no trabalho braçal, diversidade de cultura e plantio de subsistência com a modernidade agrícola, composta por colheitadeiras, tratores, plantadeiras, implementos de última tecnologia voltados para monocultura e geração de lucro.

Deste modo, devido principalmente à modernização da agricultura, fator que ocasionou o êxodo rural e conseqüentemente a um declínio demográfico extremamente elevado, em que mais de mais de setenta por cento das pessoas tiveram que deixar o município e um pedaço das histórias de vida.

Nesse sentido, não queremos afirmar que a pequena cidade de Farol tem uma história maior ou menor, melhor ou pior, mais importante ou menos importante, mas sim, de que tem uma história. Diante de tantos conhecimentos gerados todos os dias, inúmeras memórias, sempre nos perguntávamos, carregado de uma boa dose de angústia: Será que podemos contribuir de alguma forma? É importante e necessário a memória das pequenas cidades?

Nossa resposta veio por meio da história de vida dos pioneiros, quando fizemos a pergunta: Considera importante saber e registrar a história da cidade de Farol? E como se o mundo fosse uma grande caixa de memórias, a resposta foi: “é uma história que cabe”. E de fato essas histórias de vidas não podem ficar guardadas, devem aparecer, ser registradas, pensadas, percebidas para entender o espaço geográfico da pequena cidade.

Por final, o que fizemos aqui foi compreender e registrar o passado da pequena cidade de Farol. Fazemos questão de dizer que não estamos trabalhando uma Geografia para minoria dos homens que detém o poder. O que nos empenhamos em realizar foi incluir por meio da Geografia que deve ser de todos, uma minoria que por vezes se considera inferior, pois tantas vezes foram esquecidas, mas que permaneceram, tornando uma pequena parcela do mundo em um lugar.

REFERÊNCIAS

ABREU, Mauricio de Almeida. **Sobre a memória das cidades**. Revista da Faculdade de Letras (Porto), 1998, I série, vol. XIV, p. 77-97.

ALVES, Rubem. Depoimento em documentário. In: Memórias: Rubem Alves, **O Professor de Espantos**. Direção: Dulce Queiroz. Brasil: TV Câmara, 2013, 44:28 min.

ANDRADE, Áurea A. Viana de. **Poder, Estado e Capital nos Processos Des-Territorialização no Campo na Microrregião Geográfica De Campo Mourão-PR**. 2013. 310p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

ANDRADE, Áurea A. Viana de. **Vilas rurais da Microrregião Geográfica de Campo Mourão**. 2005. 161p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

ARNHEIM, Rudolf . **Film als Kuns** (Film as Art) Tradução portuguesa. A Arte do Cinema. Lisboa, Edições 70, 1989.

BASTIANI, Carla; ANDRADE, Karylleila dos Santos; PEREIRA, Carolina Machado Rocha Busch. **Toponímia e Geografia: diálogos possíveis no contexto da teoria da interdisciplinaridade**. Caminhos da Geografia (UFU. Online), v. 19, p. 109-124, 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2007.

BERNARDES, Nilo. **A colonização europeia no sul do Brasil**. Boletim Geográfico. Rio de Janeiro: IBGE, nº 2, 1952.

BESSE Jean-Marc. **Entre a geografia e a ética: a paisagem e a questão do bem-estar**. Trad. Eliane Kuvasney e Mônica Balestrin Nunes. GEOUSP – espaço e tempo. São Paulo, v. 18, n. 2, p. 241-252, 2014.

BONI, Paulo César. **Discursos fotográficos**, Londrina, v.5, n.7, p.9-10, jul./ago. 2009.

BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaio de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOVO, Marcos Clair; TÖWS, Ricardo Luiz; COST A, Fábio Rodrigues. **Estudos urbanos em perspectiva: reflexões, escalas e desafios**. Campo Mourão: Editora Fecilcam, 2013. P. 13-26

BRAGA, Gustavo Bastos; FIUZA, Ana Louise Carvalho; REMOALDO, Paula Cristina Almeida. **O conceito de modo de vida:** entre traduções, definições e discussões. *Sociologias*, Porto Alegre, v. 19, n. 45, p. 370-396, ago. 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151745222017000200370&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 25 fev. 2018.

BURKE, Peter. **“História como memória social”**. In: *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2000, p. 67-89.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular:** história e imagem. Bauru: EDUSC, 2004.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. Tradução: Diogo Mainardi – 2ª ed.- São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARDOSO, Gilmar. **Farol Nossa Terra Nossa Gente**. Farol: Editora Panorama Ltda, 2006.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Da “organização” à “produção” do espaço no movimento do Ciências Humanas**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010. *Ciências Humanas*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Tradução de Luíz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 3 ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.

CLAVAL, Paul. **Campos e perspectivas da Geografia Cultural**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). *Geografia Cultural: um século (3)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 134-196, 2002.

CORRÊA, Roselaine Casa Nova. **Modernização e memória:** um olhar investigativo sobre o desenvolvimento urbano de Santa Maria (1937-1941). In: *Segundas Jornadas de História Regional Comparada*, 2005, Porto Alegre. *Jornadas de História Regional Comparada*. Porto Alegre: PUCRS, 2005. p. 1-10.

CORRÊA, Roberto Lobato. **A rede urbana**. São Paulo: Ática, 1994.

CORRÊA, Roberto Lobato. **As Pequenas Cidades na Confluência do Urbano e do Rural**. *Geosp - Espaço e Tempo*, São Paulo, nº 30, p. 05 - 12, 2011

CORRÊA, Roberto Lobato. **Globalização e Reestruturação da rede urbana:** uma nota sobre pequenas cidades. *Território*. Rio de Janeiro, n.6, p.43-53. jan/jun, 1999.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. Editora Ática, Série Principios, 3a. edição n.174, 1995.

COSGROVE, Denis. **A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas**. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. *Geografia cultural: uma antologia*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012, pp. 219-237.

COSTA, Fábio Rodrigues da. **A noção de municípios periféricos: contradições e desigualdades no estado do Paraná.** 2013. 215 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2013.

COSTA, Fábio Rodrigues da; ROCHA, Márcio Mendes. **Estudo sobre os municípios periféricos na Mesorregião Centro Ocidental Paranaense.** Revista Geografia (Londrina), v. n18, n. 2. 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia> >. Acesso em: 02 jan. 2018.

CUNHA, Érika Jorge Rodrigues da. **A Natureza do Espaço Urbano: formação e transformação de territórios na cidade contemporânea.** 2008. 145p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Belo Horizonte.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidades.** 2ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. 135p.
dinâmicas do território. São Paulo: Edusp, 2005.

DOLLFUS, Olivier. **A produção do meio (Comentário a “Paisagem-Marca, PaisagemMatriz: elementos da problemática para uma Geografia Cultural” de Augustin Berque).** In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.) Geografia Cultural: Uma antologia. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012, p. 239-243.

ENDLICH, A. M. **Pensando os papéis e significados das pequenas cidades no noroeste do Paraná.** 2006. 505 f. Tese (Doutorado em Geografia) - FCT/UNESP Presidente Prudente, SP.

ENDLICH, Ângela Maria. **Novos referenciais de desenvolvimento e planejamento territorial: possibilidades para as pequenas cidades?** REDES, Santa Cruz do Sul, v. 12, n. 2, p. 5-35, mai./ago. 2007.

FERNANDES, Maria Esther. **A história de vida como instrumento de capacitação da realidade social.** Revista História - UNESP. São Paulo, Vol. 12, 1993.

FERREIRA, Odete Peixoto. **Novas tecnologias a serviço da reconstrução da memória urbana.** Protótipo de sistema interativo hipermídia: Cidade e Memória - Cidade de Campinas, Multimeios/IA, 2000.

FERREIRA, Yoshiya Nakagawara; GRATÃO, Lúcia Helena Batista; MARANDOLA JR., Eduardo (orgs). **Geografia, percepção e cognição do meio ambiente.** Londrina: Edições Humanidades, 2006.

FRESCA, Tânia Maria. Estudos Urbanos em Perspectivas. In: BOVO, Marcos Clair; TOWS, Ricardo Luiz; COSTA, Fábio Rodrigues (Org.). **O papel das pequenas cidades na rede urbana paranaense.** Campo Mourão: Editora da Fecilcam, 2013.

GALVÃO, Hélio. **O Mutirão no Nordeste.** Documentário da vida rural, nº 15, RJ, 1959.

GARRIDO, Joan dei Alcàzar. **As fontes Oraís na Pesquisa Histórica**: uma contribuição ao debate. Revista Brasileira de História. São Paulo, Vol. 13, n. 25/26, Ago. 1993.

GONÇALVEZ, Leandro F. **O estudo do lugar sob o enfoque da Geografia Humanista**: um lugar chamado Avenida Paulista. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Harvey, David. **El cosmopolitismo y las geografías de la libertad**, Madrid, Akal, 2017.

HESPANHOL, Antonio Nivaldo. A formação sócio-espacial da região de Campo Mourão e dos municípios de Uiratã, Campina da Lagoa e Nova Cantu-PR. In: **Boletim de Geografia**. Maringá, ano 11 n° 01 dezembro de 1993.

HESPANHOL, Antônio Nivaldo. **O binômio soja/trigo na modernização da agricultura do Paraná: o caso dos municípios de Uiratã, Campina da Lagoa e Nova Cantú**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, 1990.

HISSA, Cássio E.V.; CORGOSINHO, Rosana R.. **Recortes de Lugar**. In. Geografias: Revista do Departamento de Geografia/ Programa de Pós Graduação em Geografia, Departamento de Geografia do Instituto de Geociências, UFMG. Belo Horizonte: V.2, n.1, p.7-21, jan/jun, 2006.

HOFFMANN, Maria Luisa. **Fragmentos da história**: o uso da fotografia para a recuperação e a preservação da memória de Londrina. 2015. 465p. Tese - (Doutorado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

HOLZER, Werther. **Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar**: a crônica dos viajantes no Brasil do século XVI. 1998. Tese (Doutorado em Ciências: Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Agropecuário Paraná**: 1970, 1980, 1996. Rio de Janeiro: IBGE, 1970 -1996.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Agropecuário Paraná**: 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

JACINTO, Manoel Jenério; MENDES, César Miranda. PEREHOUSKEI; Nestor Alexandre **O rural e o urbano**: contribuições para a compreensão da relação do espaço rural e do espaço Urbano. Revista Percurso. Maringá, 2012.

JACKSON, J. B. **De la nécessité des ruines et autres sujets**. Trad. Eliane Kuvassney e Mônica Balestrin Nunes. Paris: Éditions Du Linteau, 2005.

JODELET, Denise. **A cidade e a memória**. In: RIO, Vicente del; DUARTE, Cristiane Rose; Paulo Afonso Rheingantz. (Org.). Projeto do Lugar: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo. 1. ed. Rio de Janeiro, 2002, v.1 , p. 31-43.

JURKEVICS, Vera. Irene. 2005. **Festas religiosas: a materialidade da fé**. Revista de História: Questões & Debates. Editora UFPR, Curitiba, no 43, pp 73-86.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. v. 1. 176 p.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LEFEBVRE, Henri. A produção do espaço. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd.Paris: Éditions [1974]).

LENZI, Gabriela Poltronieri. **Simbolismo e Personificação: Uma História entre Chapéus e Ideas**. In: 11o Colóquio de Moda, 2015, Curitiba. 11o Colóquio de Moda, 2015.

LIMA, Maria das Graças de. **Contribuições aos Procedimentos de Pesquisa em Geografia Humana: Questionários e Entrevistas para levantamento de informações**, Maringá, 2011.

LINDNER, Michele. **A organização do espaço sob o olhar das ruralidades: estudo da paisagem e lugar no município de São João do Polêsine, Rio Grande do Sul**. 2011. 203 f. Tese - (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/104332>>.

MAACK, Reinhard. Geografia **Física do Estado do Paraná**. Rio de Janeiro: José Olympio; Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte do Paraná, 1981. MACHADO, Brasil Pinheiro. Contribuição ao Estudo da História Agrária do Paraná. In: **Boletim da Universidade do Paraná**. nº 3; Curitiba: Departamento de História da Universidade do Paraná, 1953.

MACHADO, Lucy Marion C. P. **A Serra do Mar paulista: um estudo da paisagem valorizada**. 1988. 312f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 1988.

MARANDOLA. Hugo Leonardo. **Marcas-matrizes na paisagem do bairro rural Elihu Root: um trilhar humanista**. 2017. 109f. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2017.

MARTINE, George e GARCIA, Ronaldo Coutinho. **Os impactos sociais da modernização agrícola**. São Paulo: Caetés, 1987.

MARTINS, Romário. **História do Paraná**. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.

MASSOQUIM, Nair Glória. **Clima e paisagem da Mesorregião Centro-Ocidental-Paranense**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010.

MAUAD, Ana Maria. **Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces**. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, n.º 2, 1996.

MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. São Paulo: Hucitec/Pollis, 1984.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**, In: Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.

NOVAES, Adauto. **A imagem e o espetáculo**. In: NOVAES, Adauto (org.). Muito além do espetáculo. São Paulo: Editora Senac, 2005, p. 8-15.

OLIVEIRA, Lívia de. **Percepção do Meio Ambiente e Geografia: estudos humanistas do espaço, da paisagem e do lugar**. MARANDOLA JR., Eduardo; CAVALCANTE, Tiago Vieira (Orgs). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017. 196 p.

ONOFRE, Gisele Ramos. **Capital e COAMO – Agroindustrial Cooperativa: a formação de um território**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. Revista Brasileira de História, vol.27, nº 53, p. 11, Junho, 2007.

POSSAMAI, Z. R. **Fotografia, História e Vistas Urbanas**. História (São Paulo), v. 27, p. 253-277, 2008.

RISSO, Luciene Cristina. **Paisagens e cultura: uma reflexão teórica a partir do estudo de uma comunidade indígena amazônica**, Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, n. 23, jan./jun. 2008

RODRIGUES, João Freire. **O rural e o urbano no Brasil: uma proposta de metodologia de classificação dos municípios**. Anál. Social, Lisboa, n. 211, p. 430-456, jun. 2014. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0003-25732014000200008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 8 jan. 2018.

SALGUEIRO, Teresa Barata. **Paisagem e Geografia**. In: Finisterra, XXXVI, 72, 2001, pp. 37-53. Disponível em: http://www.ceg.ul.pt/finisterra/numeros/2001-72/72_04.pdf. Acessado em: 19/06/2018.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1999.

SANTOS, Milton. **A urbanização Brasileira**. 5ª edição. São Paulo: Edusp, 2005.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. 6ª edição. São Paulo: Edusp, 2012.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. 6ª edição. São Paulo: Edusp, 2012.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. 85p.

SAUER, Carl.O. **A morfologia da paisagem**. In: Paisagem, Tempo e Cultura. CORRÊA, Roberto Lobato.; ROSENDAHL, Zeny. (orgs.). Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998 (1925).

SERRA, Elpídio. **Processos de ocupação e a luta pela terra agrícola no Paraná**. 1991. 361p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

SILVA, Henrique Manoel da. **Fronteiras: as condicionantes históricas da ocupação e colonização do oriente paraguaio**. Maringá: Eduem, 2010.

SILVA, Tarcísio Glauco da; ANDRADE, Elizete O. **Fotografia e espaço urbano: a imagem como fonte histórica**. Revista SCIAS Arte/Educação, v. 3, p. 12-32, 2014.

SILVA, Henrique Manoel. **Alguns apontamentos sobre o Uso de Fotografias em Pesquisas Históricas**. Revista de História Regional, Ponta Grossa- PR, v. 5, n.2, p. 137-148, 2000.

SINGER, Paul. Migrações internas: considerações teóricas sobre seu estudo. In: MOURA, Hélio A. (Coord). **Migração Interna**: textos selecionados. Fortaleza, 1980.

SOUSA, Fábio d'Abadia de. **Fotografia e memória em Marcel Proust**. I Encontro de História da Mídia da Região Norte. Universidade Federal do Tocantins. Palmas, 2010

SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. Paraná: O quadro geográfico, histórico e econômico do processo de urbanização. In. **Boletim Paulista de Geografia**. Dez. 1971, n. 46.

SOUZA, Sonale Vasconcelos de. **Relação cidade-campo: permanência e recriação dos subespaços rurais na cidade de Campina Grande-PB**. 2013. 167 f. Dissertação de (Mestrado) - Universidade Federal da Paraíba, 2013.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. A produção do espaço urbano: escalas, diferenças e desigualdades socioespaciais. In: CARLOS, Ana Fani Alessandrini; SOUZA Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão: **A produção do espaço urbano: agentes escalas e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2011.

SOUZA Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão: **A produção do espaço urbano: agentes escalas e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2011.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Cidade. In: SPOSITO, Eliseu Salvério (Org.) **Glossário de geografia Humana e Econômica**. São Paulo: UNESP, 2017, p. 33-36.

THÉRY, Hervé; MELLO, Neli Aparecida de. **Atlas do Brasil: disparidade e dinâmicas do território**. São Paulo: Edusp, 2005.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. (Tradução de Livia de Oliveira) Londrina: Eduel, 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. (Tradução de Livia de Oliveira) Londrina: Eduel, 2012.

VENÂNCIO, Rubens. **Um outro retrato: imagens, narrativas e espaço urbano**. Porto Seguro, 2008.

VILLORO, L. **Estado plural, pluralidade de culturas**. Paidós:Universidad Nacional Autónoma de Méjico, 1999, 186 p.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel (org.). **Globalização e desenvolvimento sustentável: dinâmicas sociais rurais no Nordeste brasileiro**. Campinas: Editora Polis, 2004, 243 p.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **Urbanização e Ruralidade: Relações entre a Pequena Cidade e o Mundo Rural e Estudo Preliminar sobre os Pequenos Municípios em Pernambuco**. NEAD. Brasília, NEAD/MAD, 2001

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. Brasília: Editora da UNB, 1999, p. 408-517.

WOODBIDGE, Frederich. **An Essay on Nature**. New York, Columbia University Press, 1940.

YOKOO, Edson Noriyuki. **A dinâmica das frentes de ocupação territorial na Mesorregião Centro-Ocidental paranaense**. Maringá, 2013. 218 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2013.

YOKOO, Edson Noriyuki. **Processo da dinâmica das frentes de ocupação territorial e da paisagem agrária na Mesorregião Centro-Ocidental paranaense**. In: ENCONTRO DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA, 4, 2009, Campo Mourão - PR. Anais. Campo Mourão: Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão, Fecilcam, 2009.

FONTES ICONOGRÁFICAS DE ÉPOCA

PARARÓQUIA SANTO ANTONIO. **Acervo Fotográfico:** Farol-PR, 2017. 4 fotografias digitalizadas

PREFEITURA MUNICIPAL DE FAROL. **Acervo Fotográfico:** Farol -PR, 2017. 8 fotografias digitalizadas.

SEMIGUEM, Paulo. **Acervo Pessoal:** Farol -PR, 2017. 1 fotografias digitalizadas.

FONTES ORAIS

BARANKIEVICZ, Inácio. Entrevista concedida ao autor na residência do entrevistado, em Farol: 09 de janeiro. 2018. gravação em áudio.

BARANKIEVICZ, Nair. Entrevista concedida ao autor na residência do entrevistado, em Farol: 07 de janeiro. 2018. gravação em áudio.

CRUZ, Osório da. Entrevista concedida ao autor na residência do entrevistado, em Farol: 14 de junho. 2016 gravação em áudio.

CRUZ, Osório da. Entrevista concedida ao autor na residência do entrevistado, em Farol: 31 janeiro. 2018 gravação em áudio.

FERREIRA, Abílio Correia. Entrevista concedida ao autor na residência do entrevistado, em Farol: 07 de janeiro. 2018. gravação em áudio.

GUIRRO, Ernesto Aparecido. Entrevista concedida ao autor na residência do entrevistado, em Farol: 07 de janeiro. 2018. gravação em áudio.

KOPKO, Severa. Entrevista concedida ao autor na residência da entrevistada, em Farol. 13 de agosto. 2009. gravação em vídeo.

MELNISKI, João. Entrevista concedida ao autor na residência do entrevistado, em Farol. 16 de agosto. 2009. gravação em vídeo.

PRZSICZNY, Maria. Entrevista concedida ao autor na residência da entrevistada, em Farol. 11 de agosto. 2009. gravação em vídeo.

RENISZ, Leocádia Flecher . Entrevista concedida ao autor na residência do entrevistado, em Farol: 01 de fevereiro. 2018. gravação em áudio.

SANTOS, Natalício Saraiva dos. Entrevista concedida ao autor na residência do entrevistado, em Farol: 07 de junho. 2016 gravação em áudio.

SANTOS, Natalício Saraiva dos. Entrevista concedida ao autor na residência do entrevistado, em Farol: 15 de dezembro. 2018 gravação em áudio.

SANTOS, Perciliano Xavier dos. Entrevista concedida ao autor na residência do entrevistado, em Farol: 10 de junho. 2016 gravação em áudio.

SEMIGUEM, Paulo Entrevista concedida ao autor na residência do entrevistado, em Farol. 19 de agosto. 2009. gravação em vídeo.

SILVA, Judith Bento da. Entrevista concedida ao autor na residência do entrevistado, em Farol: 14 de janeiro. 2018. gravação em áudio.

VOLOCHEN, Maria; VOLOCHEN, José. Entrevista concedida ao autor na residência da entrevistada, em Farol. 12 de agosto. 2009. gravação em vídeo.

APÊNDICE

Um dos objetivos específicos da pesquisa é fazer um resgate histórico da área estudada e identificar as manifestações das ruralidades no urbano do município de Farol. Por meio das entrevistas orais e fotografias, foi possível perceber tais manifestações, no entanto elaboramos um questionário como proposta para futuras investigações à domicílio, na qual há possibilidades de conseguir mais evidências, como: o levantamento das casas de madeiras, casas que contem fogão a lenha, casas que ainda possui em seus quintais criações de animais que remetem ao espaço rural. Para tanto anexamos o modelo de questionário.

Roteiro de Questionário

QUESTIONÁRIO Nº: _____

1. Nome: (Opcional): _____

2. Bairro: _____.

3. Sexo: ()Feminino ()Masculino.

4. Idade: _____ anos.

5. Nasceu em Farol: ()sim; () não; onde? _____;
ano: _____.

6. Já morou na zona rural ()sim; () não, quanto anos _____,

7. Porque se mudou para cidade de Farol?

8. Sua família descende de: ()negros; ()indígenas; () ucranianos()poloneses; ()italianos;

()alemães; ()portugueses; ()espanhóis; ()outros: _____.

9. Qual é a sua instrução escolar: () não alfabetizado; () ensino fundamental; () ensino médio; () ensino superior; () especializado; () pós-graduado.

10. Mora em casa: ()própria; ()alugada; ()cedida.

11. A casa em que você mora segue alguma influência cultural ou estilo na arquitetura?

sim; não;

qual?_____.

12. Prefere casa de madeira ou alvenaria? sim; não? Porque?

13. Possui fogão a lenha? De que forma consegue a lenha ? sim; não utiliza diariamente Semanalmente Mensalmente

14 – Possui Ferramentas sim; não

-Carrinho de mão, carriola

-Enxada

-Enxadão

-Machado

-Foice

-Martelo

-Pulverizador

-Serrote

-Lima

-Ferramentas

-Torrador de café manual

-Moedor de café

15. Quantas pessoas moram na casa? 1; 2; 3; 4; >5;

quantas?_____ e quantas destas trabalham? 1; 2; 3; 4; >5; quan-

tas?_____.

16. Qual a profissão ou profissões que exercem?

_____ . 17. Qual é a renda familiar mensal aproximada? ()1 salário; ()2 salários; ()3 salários; ()4 salários; ()>5 salários. OBS.:

R\$_____.

18. Costuma frequentar: ()baile; ()choperia; ()restaurante; () festa particular; ()bar; ()atividades culturais; ()danceteria; ()outros; o quê? _____.

19. Quais hábitos e costumes culturais você exercita: ()língua; ()culinária; ()música ()dança; ()religião; ()arte; ()chimarrão; ()outras; quais? _____.

20. Você fala outra língua além do português? ()sim _____ ; ()não; e pertence a alguma religião? ()sim _____; ()não.

21. Você frequenta as festas típicas da cidade? ()sim; ()não; qual/quais?

22. O que gosta nestas festas? ()comidas típicas; quais? _____ ;

()música; qual? _____; ()dança; qual? _____;

()arte; qual? _____; ()outros; quais? _____.

23. As festas típicas de Farol para manutenção da cultura ou apenas exploração econômica e turística? Por quê?_____.

24. O que você pensa que poderia melhorar na cidade de Farol

()exploração do turismo; ()crescimento da indústria; ()crescimento da agricultura;

()crescimento do comércio; () outros; o quê? _____;

como?_____

25. Conte algum fato importante que você conhece sobre a história e o desenvolvimento de Farol:_____

Proposta de acervo

Com objetivo de divulgar e também de receber informações, tanto fotografias como informações orais que venham contribuir para história e memória da pequena cidade de Farol, desenvolvemos um site em plataforma gratuita e elaboramos álbuns em redes sociais. As fotos e informações disponibilizadas ainda são parciais, pois houve a preocupação de preservar alguns dados inéditos da pesquisa, mas que pretendemos torna-lo acessível o quanto antes, para a comunidade de Farol e possíveis pesquisadores.



Figura 9 - Mosaico do site faroletiando
Fonte: <http://faroletiendo.wixsite.com/farol-pr/acervo>
Elaboração: OLIVEIRA, Diego. M

Fotos + Criar álbum

Fotos com você Suas fotos Álbuns


Adicionar colaborador

Outra fora assim...Pinhalão-Pr/Farol-Pr
<http://faroletando.wixsite.com/farol-pr>
 8 publicações

Colocar em destaque no perfil Editar

Visualização em grade Visualização do Feed

Adicionar fotos/vídeos



106 17 comentários 3 compartilhamentos

Curtir Comentar Compartilhar

Wesley Vitorino Que época boa , nem parece que ficou tão deprimente esse lugar
 Curtir Responder · 1 sem

Claudeci Bueno Pô brother, admiro muito esse seu trabalho com fotos. **Parabéns** camarada
 Amei Responder · 1 sem

Diego de Melo Muito obrigado Bro! Claudeci Bueno a comparação entre imagens do passado com atuais é uma das propostas de minha pesquisa de mestrado
 Curtir Responder · 1 sem Editado

Claudeci Bueno Diego de Melo sabe mano, fico imaginando que deve dar trabalho, mas também deve ser prazerosa sua pesquisa. Ao menos pra nós que podemos curtir seu trabalho é, e muito.
 Amei Responder · 1 sem

Ver mais 1 resposta

Silene Milone Assisti algumas, era muito gostoso **Parabéns** Diego
 Curtir Responder · 1 sem

Elaineza Carneiro ficou show a foto
 Curtir Responder · 1 sem

Hugo Antonio Semiguem, Cicero Santos e outras 101 pessoas 15 comentários 126 compartilhamentos

Curtir Comentar Compartilhar

Ver mais 11 comentários

Wesley Vitorino **Belo trabalho**
 Curtir Responder · 2 s

Claudeci Vitorino Muito legal o que VC está fazendo, parabéns
 Curtir Responder · 2 s

Veronica Carneiro Conte comigo no que precisar,
 Curtir Responder · 2 s

Sara Carneiro Muito bem Diego resgatando as origens isso é muito bom parabéns pela sua iniciativa
 Curtir Responder · Editado

Elaineza Carneiro parece um portal dimensional onde no meio da corrida ele volta no tempo instantaneamente...
 Curtir Responder · 1 sem

Wesley Vitorino Muito legal, **parabéns** pelo trabalho Diego
 Curtir Responder · 1 sem

Claudeci Bueno Que saudade
 Curtir Responder · 1 sem

Cláudio Mak
 Curtir Responder · 1 sem

Patricia Sousa Que trabalho lindo, recordar é viver. Participei desse evento. Corri com minha amiga Ildeci Loreci, popular Lora De Paula
 Curtir Responder · 1 sem

Orlando Farias Martins Eu participei desse evento kkkkkkk
 Curtir Responder · 1 sem

Wesley Vitorino Nossa que saudades este meu pai deixou saudades quando foi presidente da paróquia santo Antônio.
 Curtir Responder · 1 sem

Terezinha Lourenço respondeu · 1 resposta

Veranice Campana Eu corri nese dia foi muito divertido
 Curtir Responder · 1 sem

Wesley Vitorino Era mais animada...
 Curtir Responder · 1 sem

Wesley Vitorino Essa Casinha no meio da Rua era o ponto de onibus, tinha um bar na época.
 Amei Responder · 1 sem

Wesley Vitorino Neste tempo nossa cidade tinha mais de 16.000 abitade hoje não chega 4.000 o povo de pouco a pouco foram saído da cidade e continua indo
 Amei Responder · 1 sem

Amadeu Costa parabéns amigo Diego pelo grande historiador q vc é resgatando imagens memórias do passado dessa nossa querida cidade de Farol
 Amei Responder · 1 sem

Wesley Vitorino Belo trabalho seu Diego ,resgatando as histórias da nossa querida farol,
 Amei Responder · 1 sem

Cleto Alves de Melo Muito bom Diego! Tenho saudades do Pinhalão.
 Amei Responder · 1 sem

Wesley Vitorino Bem o ano que nasci ai
 Curtir Responder · 1 sem

Figura 10 – Mosaico de álbum em rede social
Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php>
Elaboração: OLIVEIRA, Diego. M

ANEXOS

Roteiro de observação

O roteiro de observação que utilizamos para esta pesquisa foi desenvolvido por Michele Lindner e utilizado na Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Área de concentração Organização do Espaço, no Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista – Campus Rio Claro no ano de 2011, cujo título é (A organização do espaço sob o olhar das ruralidades: estudo da paisagem e lugar no município de São João do Polêsine, Rio Grande do Sul).

Paisagem Materializada

Análise da paisagem materializada - identificação das formas materializadas que revelam as preferências e influências culturais da população local:

- 1 .** Estilo e funcionalidade das construções (como são as construções do município – muros, quintais, construções novas e funcionais ou antigas, onde estão localizadas, as funcionalidades delas – comércio, moradia, estado de conservação):
- 2 .** Ruas e avenidas (as ruas e avenidas centrais da cidade são pavimentadas com paralelepípedos ou asfalto, existem calçadas para a circulação de pessoas, existe algum tipo de propaganda próximos as calçadas):
- 3 .** Praças (como são as praças da cidade, existe mais de uma, possuem bancos para os moradores sentar, pracinha para as crianças, monumentos que relembrem a história do município):
- 4 .** Igrejas (existem quantas igrejas, estão localizadas onde, suas características):
- 5.** Estabelecimentos comerciais (existem muitos estabelecimentos comerciais na região central da cidade, que tipos de estabelecimento - especialidade, qual o porte deles):
- 6 .** Locais de convivência da população (quais são os locais de convivência da população, onde as pessoas se reúnem, onde acontece as festividades, quais suas características):

Paisagem Móvel

Análise da paisagem móvel – observação do ritmo de vida, do movimento da sociedade.

1 . Trânsito local (existe um grande ou pequeno movimento de carros, ele aumenta em horários de “pico”, as pessoas se deslocam a pé na cidade ou usam ônibus, há alguma empresa de ônibus urbano no Município, existem faixas de pedestre, elas são respeitadas):

2 . Ritmo da vida da população (percebe-se através da observação que as pessoas da cidade tem uma vida pacata ou agitada, elas se deslocam rapidamente sem prestar atenção nas outras ou quando encontram conhecidos ou desconhecidos conversam ou dão algum tipo de atenção, é comum ver as pessoas sentadas em praças ou em frente de suas casas conversando, como é o movimento da cidade em horários de “pico”, as pessoas costumam almoçar em casa ou perto de seus trabalhos):

3 . Proximidade entre os habitantes do Município (pode-se perceber que as pessoas se conhecem em sua maioria pelo nome ou tem relações sociais restritas, elas se cumprimentam e conversam nas ruas, os vizinhos e parentes se visitam, os moradores acompanhados de suas famílias participam dos eventos sociais da cidade):

4 . Religiosidade (pode-se notar a presença forte da religiosidade no Município, porque?):

5 . Festividades (quais são as motivações das festividades tradicionais da cidade, em que locais elas ocorrem, quem as organiza, quem participa dessas festividades, como é a organização e decoração, existe a presença de famílias inteiras nessas festividades, ou são mais frequentadas por jovens, adultos ou idosos):

6 . Trabalho comunitário e familiar (tanto nas festividades da comunidade quanto em outros eventos sociais, ou outras atividades pode-se notar a presença do trabalho comunitário ou ajuda entre os habitantes do Município para algum serviço ou o trabalho é predominante é contratado, e nos estabelecimentos comerciais o que predomina é o trabalho familiar ou contratado):